#### UNESP – Universidade Estadual Paulista

### Relatório Final - pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC

#### **Lidiane Camilo Sossolote**

# As Instituições e suas Práticas: CONTRIBUIÇÃO PARA UM RESGATE HISTÓRICO DOS GRUPOS ESCOLARES.

Bauru, setembro de 2007

Lidiane Camilo Sossolote

# As Instituições e suas Práticas: contribuição para um resgate histórico dos Grupos Escolares.

Relatório Final – pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

**BAURU, SETEMBRO DE 2007** 

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho. Em especial, agradeço:

- a Deus;
- ao professor Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica pela confiança depositada em mim e por sua notável orientação neste trabalho;
- às alunas, professoras e ao assistente de direção que gentilmente aceitaram ser nossos depoentes;
- aos professores Dr. Geraldo Antônio Bergamo, Dr. Adil Poloni e Dr. Mara Sueli Simões de Moraes que, de formas diferentes, mas todas importantes, contribuíram com a minha formação acadêmica e pessoal;
- aos meus pais Cláudio e Guiomar, à tia Luzia, que sempre me incentivaram e motivaram;
- aos meus irmãos Júnior e Patrícia, que sempre estiveram ao meu lado;
- ao Roberval pela sua contribuição em várias fases deste trabalho, pelo apoio e carinho.

#### **RESUMO**

Este trabalho buscou investigar a constituição e funcionamento do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, localizado na cidade de Garça, interior do Estado de São Paulo, visando, com esse resgate histórico, a contribuir para a constituição de um mapa nacional sobre a formação e atuação de professores (e professores de Matemática), proposta esta desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática", ao qual este trabalho está vinculado. Para isso, utilizando a História Oral como parâmetro metodológico, tentamos constituir, por meio dos relatos de nossos depoentes, cuja memória está atrelada à realidade vivida nesse ambiente, um cenário de tempos e espaços para o referido Grupo Escolar, focando especificamente o período de 1946 a 1971.

Palavras chaves: Educação Matemática, Grupos Escolares, Formação de Professores, História Oral.

## SUMÁRIO

Introdução		7		
Capítulo 1				
1.0.Metodologia				
1.1	.A História Oral como metodologia desta pesquisa	10		
1.2.Nossos procedimentos metodológicos				
	1.2.1. Os colaboradores e o roteiro de entrevistas	16		
	1.2.2. O momento das entrevistas, transcrições e textualizações	22		
Capítulo 2				
2.1.	A política e a educação: do Império à Ditadura Militar	25		
2.2.	Uma caracterização inicial	35		
	2.2.1. O tempo e os espaços escolares	38		
	2.2.2. A formação docente	46		
2.3.	Retomando (e sintetizando): os Grupos Escolares	47		
Capítulo 3				
3.0. Textua	alizações	53		
3.1.	Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna	53		
3.2.	Neuza Julião, aluna	59		
3.3.	Lázara Saenz Artioli, professora	62		
A	na Maria Saenz Artioli, aluna	62		
3.4.	Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora	69		
3.5.	Aparecida Alves de Souza e Souza, professora	78		
3.6.	Sérgio de Stéfani, assistente de direção	86		

## Capítulo 4

4.0.	Análi	92	
	4.1.	Memórias da Educação	92
	4.2	Memórias do Espaço Próximo: as escolas de Garça e o Gruj	po Escolar
	Profe	ssor João Crisóstomo	108
	4.3.	O ensino de Matemática	134
Bibliografia			143
Apêndices	<b>;</b>		146
Índice de figuras		146	
Histórico da cidade de Garca			148

#### INTRODUÇÃO

Este relatório refere-se ao trabalho de pesquisa realizado em nível de iniciação científica, no período de setembro de 2005 a agosto de 2007. O objetivo do projeto foi o de investigar a constituição e funcionamento do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, no período de 1946 a 1975, bem como estudar aspectos da Educação Matemática nessa instituição de ensino da cidade de Garça. Consideramos importante este estudo para a caracterização do passado da escolarização formal como forma de colaboração para um resgate histórico das instituições escolares, dos atores que nelas atuaram e das práticas então vigentes.

Foram coletadas seis entrevistas. Com exceção de uma delas – da qual participaram de forma simultânea mãe e filha, respectivamente ex-professora e ex-aluna do Grupo Escolar –, as demais foram realizadas com um único depoente. O quadro de colaboradores é composto por três alunas, três professoras e um assistente de direção do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo.

Esse projeto é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática", coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica, orientador deste nosso trabalho, cuja proposta é constituir um mapa nacional sobre a formação e atuação de professores (e professores de Matemática), em resgates históricos que colaborarem para a constituição plena da tendência que atualmente é conhecida como História da Educação Matemática Brasileira (ou História da Matemática Escolar no Brasil).

Para apresentar este relatório, optamos pela divisão dos estudos em seis capítulos. No primeiro deles (A História Oral como metodologia desta pesquisa), discutimos nossa concepção de história e de resgate histórico, por ter implicação direta na escolha da metodologia. Em seguida, explicitamos algumas diretrizes sobre a História Oral, bem como

delineamos, de forma mais detalhada, o desenvolvimento de nossas atividades, baseado na metodologia que adotamos.

A História Oral é um método qualitativo de pesquisa que julgamos conveniente para nossa investigação uma vez que nosso propósito era o de resgatar a história do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, dando especial relevo às experiências daqueles que participaram daquele espaço escolar. Como queríamos conhecer o ambiente escolar, as relações nele estabelecidas, os processos de ensino e de aprendizagem, julgamos importante ouvir as pessoas que efetivamente fizeram parte dessa história. A adoção dessa metodologia, no entanto, não implica a negação da importância de documentos escritos: ao contrário, também utilizamos fontes dessa natureza em nossa pesquisa.

Assim, neste primeiro capítulo afirmamos sobre a importância da escolha consciente da metodologia da pesquisa e da nossa escolha, bem como apontamos os processos exigidos pela História Oral: escolha do quadro de depoentes, elaboração do roteiro de entrevistas, coleta das entrevistas, transcrição, textualização, contextualização e análise.

O capítulo segundo (A política e a educação: do Império à Ditadura Militar) discute a direta interferência da política sob a educação e as reformas que ocorreram ao longo de mais de um século no âmbito educacional brasileiro.

Iniciamos esse resgate em 1822, período imperial, por ser o modelo dos Grupos Escolares uma negação da herança deixada por esse sistema monárquico e encerramos com a Ditadura Militar, que se manteve vigente de 1964 a 1985, por acontecer nesse período a extinção dos Grupos Escolares, devido à reforma exigida pela lei 5692/71, que implantava as Escolas Estaduais de Primeiro e Segundo Graus (E.E.P.S.G.). Essa nova condição só foi efetivada no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo em 1975, como ocorreu, via-de-regra, com todos os Grupos Escolares, devido ao período de adaptação às novas exigências. Ao final deste capítulo discorremos sobre a criação dos Grupos Escolares, discutindo as intenções do novo sistema político ao implantar esse novo modelo de escola, além de abordarmos para

quem ela era destinada, quais alterações estruturais, espaciais e metodológicas foram necessárias para a efetivação dessa reforma, caracterizando o momento em que surgiram os Grupos Escolares e algumas de suas decorrências para a comunidade, visto que esse modelo foi a primeira tentativa efetiva de implantar uma escola gratuita e de qualidade à população, começando a constituir, na verdade, um sistema público nacional de ensino no Brasil.

O terceiro capítulo apresenta as textualizações das entrevistas realizadas, seguindo a ordenação cronológica em que ocorreram. Nossos depoentes foram: Helena Corrêa Leite de Moraes, Neuza Julião, Ana Maria Saenz Artioli, Lázara Saenz Artioli, Benedita Juracy Siqueira Paiva, Aparecida Alves de Souza e Souza e Sérgio de Stéfani, sendo três alunas, três professoras e um assistente de direção, respectivamente. Todos os nossos depoentes residem na cidade de Garça.

No quarto capítulo (Análises) procuramos detectar as tendências que surgiram em nossas entrevistas, como forma de constituir o cenário da escolarização primária praticada no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo. Detectadas essas tendências tecemos comentários que julgamos pertinentes e, seguidos deles, utilizamos recortes de entrevistas que ilustram cada uma das categorias por nós criadas, apontando, por fim, convergências ou contradições a respeito do ambiente escolar, a partir dos depoimentos coletados.

Finalmente, apresentamos uma listagem da bibliografia usada para compor este nosso estudo, o índice das figuras apresentadas e um apêndice, com breves anotações históricas sobre a cidade de Garça.

#### **CAPÍTULO 1**

#### 1. METODOLOGIA

#### 1.1. A História Oral como metodologia desta pesquisa

Há várias maneiras de se contar uma mesma história, e isso não implica que uma esteja mais correta ou seja mais coerente que a outra. Isso acontece porque a escrita da história não é nada simples, nem tampouco óbvia. Embora a preocupação comum seja investigar o "passado", cada pesquisador está preocupado com um aspecto desse "passado" o qual, por ser amplo e complexo, por mais que seja estudado, nunca será totalmente abarcado. Além disso, deve-se considerar que o historiador que estuda o passado é um homem do presente, e portanto, não pode regressar no tempo para investigar o passado, não pode visitá-lo como se visita uma cidade ou a um amigo. O passado só pode ser "resgatado" através dos resíduos de memória (documentos, declarações, depoimentos, monumentos, construções etc).

Obter os registros da memória para conhecer o passado não implica estarmos no passado e, portanto, os resíduos só permitem que o passado seja representado, só é possível construir uma idéia do passado a partir dos resíduos que se tem. É por isso que há várias maneiras de se contar uma história - porque cada um conta a história do passado que consegue reconstituir a partir dos vestígios de que dispõe. Mesmo quando há um grupo em que todos vivenciaram o mesmo fato, as histórias contadas por eles serão diferentes, pois são pessoas diferentes com perspectivas diferentes. O fato de haver pontos em comum e pontos em desarmonia entre as reconstituições ressalta algo importante: que a história é uma construção humana e que, portanto, não há <u>uma</u> história sobre as coisas, mas várias versões sobre o mesmo passado, ainda que algumas dessas versões sejam próximas umas das outras.

#### Segundo Bernardes (2003):

[...] pesquisas que utilizam fontes orais, são intermináveis em decorrência da natureza de suas fontes. Trabalhos históricos ao excluírem fontes orais são incompletos por definição porque a História não é apenas sobre os eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como eles são vivenciados e lembrados na imaginação, ou, como sugere Foucault: sobre como se desenha o jogo de verdade.

Adotando a História Oral como metodologia, se a usarmos como um auxílio para preencher lacunas em trabalhos que utilizam outras fontes, descaracterizamos a natureza que lhe é própria, a inviabilizamos para a constituição de outras versões da história, de novas abordagens. A escolha dessa metodologia não implica a obtenção de um passado mais verdadeiro por dois motivos: porque um passado mais verdadeiro é uma ilusão e porque cada método tem seus limites - uns permitem que se compreendam algumas coisas, outros permitem que se compreendam outras. Portanto, a escolha da metodologia de pesquisa deve ser clara e consciente, já que o método é uma escolha do pesquisador e, portanto, uma opção.

O uso da História Oral não descarta a pesquisa documental simultânea, o que demonstra que não se pretende colocar uma forma de pesquisa como mais importante ou mais confiável do que outra. Aliás, adotamos ambos procedimentos no desenvolvimento de nosso trabalho.

Ao usarmos a História Oral ampliamos significativamente as possíveis abordagens, seja de um determinado período, seja de uma determinada "história" ou mesmo de uma pessoa, pois ela não se restringe só a estudar fenômenos considerados marcantes para a sociedade, ou a história de vida de alguém influente na mídia, mas também possibilita investigar a história dos excluídos, dos marginalizados, busca a importância de fatos que foram camuflados por acontecimentos tidos como "maiores", e que também transformaram a vida de muitas pessoas e que, por terem sido abafados, não demonstraram e não demonstram a sua grandiosidade e se perdem nas memórias de quem os vivenciou. Com a História Oral podemos ouvir e potencializar a voz daqueles que há muito se calaram, mas que muito têm a falar.

A abordagem de temas em História Oral pode ser separada em duas vertentes: a História de Vida e a História Oral Temática. Na primeira, a entrevista trata das experiências de vida do depoente. O narrador conduz a narrativa contando o que lhe é conveniente ou significativo, e todo o seu relato é de grande importância ao pesquisador; enquanto que na História Oral Temática o assunto da entrevista é pré-estabelecido e, então, o depoente relata suas lembranças norteado pelo assunto em pauta, ele narra suas experiências a partir do foco proposto pelo pesquisador que está parametrizado pela proposta da pesquisa.

Alguns autores têm ainda incluído, além da História de Vida e da História Oral Temática, uma terceira abordagem, a Tradição Oral, que implica resgatar, numa comunidade, o que vem sendo transmitido verbalmente de uma geração para outra, como forma de preservação da sabedoria dos ancestrais. Dessa forma, as tradições são preservadas em sociedades letradas ou não.

De acordo com pesquisadores que adotaram a História Oral em seus estudos, a trajetória inicia-se com a seleção dos depoentes, que são escolhidos mediante o interesse da investigação. Um critério bastante utilizado é o de rede, que consiste na indicação de novos nomes por aqueles que são entrevistados. Após a organização do quadro de depoentes, ou durante esse levantamento, é feito um contato preliminar para esclarecimento a respeito da pesquisa - como será o seu desenvolvimento e qual sua importância, também para acertos relativos à data e ao local da realização da entrevista, sendo que esta escolha é feita pelo entrevistado, considerando o seu bem-estar. Uma entrevista com o mesmo colaborador pode acontecer em um encontro ou em mais de um, dependendo da disponibilidade de tempo do depoente, de sua condição de saúde etc. Em se tratando de depoentes idosos é freqüente a necessidade de mais que um encontro e também é necessário avaliarmos se a entrevista ainda pode proporcionar outras informações ou esclarecer aquelas que, embora já explicitadas, não expressaram, de forma clara, do ponto de vista do pesquisador, as idéias narradas.

Para o momento da entrevista é de fundamental importância a elaboração de um roteiro, constituído por perguntas abertas, que direcionam a coleta de informações segundo os propósitos do pesquisador e que também podem avivar a memória do depoente.

Após esses acertos iniciais a entrevista é realizada e, em seguida, é feita a sua transcrição. Na transcrição são mantidos os vícios e mesmo os erros de linguagem, conservando as perguntas e as respostas, sendo o mais fiel possível ao que ocorreu no momento da entrevista e ficou registrado na gravação. Segue-se então, a partir deste texto, para a textualização, quando algumas transformações podem ser realizadas de acordo com as necessidades e estilo adotados pelo pesquisador, como eliminação das perguntas e respostas, adoção da primeira pessoa do singular, correção de erros gramaticais, eliminação de idéias repetidas e vícios de linguagem, e organização cronológica ou temática da entrevista. Devemos destacar que esta é uma das maneiras possíveis de se textualizar uma entrevista, não se tratando de uma regra. A textualização não é única, há várias textualizações para uma mesma entrevista, dependentes do olhar do pesquisador ou o enfoque que se pretende dar a cada assunto. A textualização – tanto quanto a transcrição- é um momento de familiarização do pesquisador com o que o narrador deixou registrado.

Esse modo de textualizar, adotado em nosso trabalho, no nosso ponto de vista, proporciona uma leitura mais agradável e fluente do texto, o qual também se torna mais "operacional".

Tanto a transcrição quanto a textualização são encaminhadas ao depoente para conferência, sendo que a textualização é suscetível de correções e/ou alterações. Após essa conferência, os colaboradores cedem os direitos de uso ao pesquisador, por meio de uma carta de cessão.

#### 1.2. Nossos procedimentos metodológicos

Concebemos a metodologia da História Oral como apropriada à abordagem histórica sobre a constituição e manutenção dos Grupos Escolares, em específico, sobre o Grupo Escolar da cidade de Garça, pois por meio das memórias daqueles que o vivenciaram podemos obter informações, semelhantes ou distintas daquelas que existem em documentos escritos e, ainda, conhecer o cotidiano dessas instituições que se faz presente a partir da memória daquelas pessoas que passaram ali parte de suas vidas.

A priori buscamos encontrar pessoas que fizeram parte do ambiente do Grupo Escolar, seja estudando ou trabalhando. Para isso consultamos a EE "Prof. João Crisóstomo" que até o ano de 1975 era o Grupo Escolar, alvo de nossa investigação. Na escola encontramos, em atas de exames finais, possíveis nomes para colaboração em nossa pesquisa. Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em 1971 foi implementada a Lei 5692 que previa a alteração do ambiente escolar, transformando os Grupos em escolas de 1° e 2° graus. A Lei, porém, não impunha a mudança imediata dessa condição: dava às escolas um período de transição para que os antigos modelos escolares pudessem ser adequados às exigências colocadas pela reforma, por isso a mudança do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo ocorreu somente em 1975.

Para a seleção dos depoentes tivemos algumas dificuldades, a começar pela procura de alunas do Grupo, que em idade escolar atendiam pelos nomes dos pais – sobrenomes encontrados nas atas – e hoje, senhoras casadas, atendem pelo nome dos maridos, o que representou um obstáculo, já que as consultas foram realizadas inicialmente usando a lista telefônica. Outra dificuldade foi a não aceitação da entrevista por parte, principalmente, de professores que lecionaram no Grupo Escolar - foram três recusas. Todos os alunos entrevistados nasceram em Garça e residiam na zona urbana no tempo em que estudaram. Dos professores entrevistados, apenas um nasceu nesta cidade, mas este e uma outra professora

cursaram a Escola Normal em Garça. As outras professoras vieram posteriormente, já formadas. Todos os depoentes residem atualmente nesta mesma cidade.

O critério que estabelecemos para a procura de depoentes foi o de ter sido aluno, professor, diretor ou funcionário do Grupo Escolar "Prof. João Crisóstomo". Nossa intenção era caracterizar o Grupo Escolar no período em que ele funcionou, ou seja, de 1929 a 1975. No entanto, essa caracterização só foi possível a partir do ano de 1946, por encontrarmos depoentes cujas experiências vividas naquela instituição deram-se a partir deste ano. A primeira depoente foi contactada por ter sido professora da pesquisadora. Os demais depoentes ou foram encontrados por meio de contato telefônico ou por sugestão de outros depoentes (critério de rede). A pesquisa não conta com a entrevista de um diretor da escola, pois geralmente para alcançar cargos dessa natureza, os professores não eram recém-formados ou jovens à época. Muitos dos entrevistados, inclusive, referem-se ao diretor Jorge Mussi, já falecido.

As entrevistas foram realizadas com seis pessoas, sendo cinco entrevistas coletadas individualmente e uma simultaneamente com mãe e filha, professora e aluna, respectivamente, do Grupo. Portanto, o quadro de colaboradores é composto por três alunas, três professoras e um assistente de direção que, em várias ocasiões, ocupou o cargo de diretor.

#### 1.2.1. Os colaboradores e o roteiro de entrevistas

#### Nossos colaboradores, de acordo com a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Helena Corrêa Leite de Moraes- 58 anos (aluna do Grupo Escolar no período de 1956-1960) Neuza Julião- 54 anos (aluna do Grupo Escolar no período de 1958-1962) Ana Maria Sainz Artioli- 49 anos (aluna do Grupo Escolar no período de 1964-1969) Lázara Sainz Artioli- 87 anos (professora do Grupo Escolar no período de 1957-1978) Benedita Juracy Siqueira Paiva- 89 anos (professora do Grupo Escolar no período de 1946-1971) Aparecida Alves Souza e Souza- 70 anos (professora do Grupo Escolar no período de 1956-1964) Sérgio de Stefani- 76 anos

(assistente de direção do Grupo Escolar no período de 1958-1978)

Para o desenvolvimento da entrevista foi elaborado um roteiro de perguntas que apresentava as seguintes divisões: questões comuns a professores e alunos; questões a alunos; questões a professores; questões comuns a professores e diretores; questões a funcionários; relacionadas ao estudo, formação, trabalho e convivência dentro desse ambiente escolar. Seguem abaixo os roteiros:

#### Questões comuns a professores/ alunos

#### Questão diretriz:

Quais são suas lembranças sobre o Grupo Escolar de Garça, no tempo em que o(a) senhor(a) foi aluno(a), foi professor(a)) nele?

- 1) O que você (o(a) senhor(a)) lembra sobre o prédio do Grupo Escolar quando estudou/ trabalhou nele?
- 2) Você (o(a) senhor(a)) sabe em quais períodos o Grupo Escolar funcionava?
- 3) Quais eram os seus horários (de estudo se foi aluno (a) ou de trabalho –se foi professor(a))?
- 4) O(a) senhor(a) sabe quais cursos (graus, níveis de ensino) eram oferecidos na época do seu envolvimento com a escola? Qual a duração desses cursos?
- 5) Havia um professor para cada classe?
- 6) Um único professor acompanhava a mesma turma durante todo o ano letivo?

  Acompanhava todos os anos até a conclusão do curso?
- 7) A sua classe era composta, mais ou menos, por quantos alunos?
- 8) Todas as disciplinas eram dadas pelo mesmo professor?

- 9) Como acontecia o ingresso dos alunos nos Grupos Escolares? Havia alguma forma de seleção?
- 10) Como era o ambiente dentro dos Grupos Escolares?
- 11) Era obrigatório o uso de uniformes? Como eram? Eram fornecidos pela escola, pela prefeitura, pelo Governo?
- 12) Havia merenda escolar na sua escola? Era feita por merendeira ou por qualquer outro funcionário do Grupo?
- 13) Como era a limpeza? Havia colaboração dos alunos?

#### Questões a alunos

- 1) Vocês brincavam no recreio? Como eram suas brincadeiras? Fora da escola as brincadeiras eram as mesmas?
- 2) Sob seu ponto de vista, como era a relação entre os alunos?
- 3) Sob sua perspectiva, como era a relação aluno-professor?
- 4) Quem eram seus professores, você (o(a) senhor(a)) se lembra? Como eles eram?
- 5) Como eram as comemorações na escola, o(a) senhor(a) se lembra?
- 6) Você (o(a) senhor(a)) se lembra de algum fato que aconteceu no dia-a-dia da escola que ficou na sua memória?
- 7) Você (o(a) senhor(a)) se interessava pelo estudo da Matemática? Se dedicava a ela?
- 8) Qual foi a sua maior dificuldade nesta disciplina?
- 9) Qual o assunto que você (o (a) senhor(a)) mais se recorda? Porquê?
- 10) Como eram seus colegas de sala? De onde vinham? O que faziam? Como se comportavam na escola, de uma maneira geral?
- 11) Ao término dos estudos, qual era o destino da maioria dos alunos? Quando terminou o Grupo Escolar, o que você fez? Você (o(a) senhor(a)) lembra o que fizeram os seus

colegas? Você (o(a) senhor(a)) ainda tem contato com todo o pessoal (professores, alunos, diretores, funcionários...)?

12) Segundo seu ponto de vista, foi importante estudar?

#### Questões a professores

- 1) Como foi a sua formação?
- 2) No seu caso, sua habilitação era suficiente para lecionar em qualquer tipo de escola ou havia alguma restrição?
- 3) O curso de formação de professores recebia qual nome? Qual era a duração?
- 4) Os professores recém-formados iam trabalhar diretamente nos Grupos Escolares, ou primeiro passavam por outro tipo de escola? Quais?
- 5) Como aconteceu com você?
- 6) Como eram passados os programas de estudo a vocês?
- 7) Tenho estudado a História da Educação e os livros falam sempre sobre a Escola Nova, que era uma iniciativa para reestruturar a escola ..., essa expressão Escola Nova era comum à época? O pessoal do Grupo Escolar conhecia as políticas educacionais? As discutia? Como chegavam até vocês as decisões superiores (quanto às diretrizes educacionais, às legislações etc)?

#### **Escola**

- 1) O prédio onde funcionava o Grupo Escolar, hoje, funciona como escola? Como era a arquitetura do Grupo Escolar de Garça? Mudou muito até hoje?
- 2) Como eram as salas de aula?

- 3) Havia alguma metodologia específica utilizada por/ indicada para / sugerida para todos os professores?
- 4) Qual era o grau de liberdade, segundo seu ponto de vista, que cada professor tinha para gerenciar a própria sala de aula e as demais questões da vida escolar? Como você exercia essa sua liberdade?
- 5) Existia alguma dificuldade no cumprimento do conteúdo programado? Como esses programas eram desenvolvidos?
- 6) Como eram os materiais escolares? O que o professor exigia dos alunos? Todos compravam? Havia algum modo de obtê-los gratuitamente? Quais os materiais usados pelos professores (livros, outros instrumentos, etc...)
- 7) Os meninos e as meninas estudavam no mesmo ambiente?
- 8) Você se lembra como eram desenvolvidas suas aulas? Me conte um pouco sobre isso...
- 9) Segundo o seu ponto de vista, como era a relação professor-aluno, professor-comunidade, professor-direção?
- 10) De que maneira o(a) senhor(a) e os(as) professores(as), em geral lidavam com os alunos com maior dificuldade na aprendizagem?
- 11) Como era o sistema de avaliação?
- 12) Havia muita desistência por parte dos alunos? Quais eram os motivos disso segundo o seu ponto de vista?

#### <u>Trabalho</u>

- 1) O que significou para o(a) senhor(a), trabalhar no Grupo Escolar de Garça?
- 2) Havia outras escolas além do Grupo Escolar? Quais? Havia alguma condição diferenciada do Grupo Escolar em relação às demais escolas?

- 3) Todo mundo fala da desvalorização dos salários dos professores. Qual o seu ponto de vista sobre isso? Você acompanhou (trabalhando) a desvalorização do salário do professor? Qual a reação dos seus companheiros? Como você percebeu essa desvalorização?
- 4) A gente ouve falar que era diferente ser professor em outros tempos. No seu tempo, como era ser professor? Como o professor era visto pela comunidade?

#### Questões comuns a professores e diretores

- 1) Como eram as aulas de Matemática?
- 2) Como se comportavam os alunos em sua sala de aula quando ensinava Matemática? (Para os diretores: o(a) senhor(a) se lembra como era o comportamento dos alunos? Havia alguma diferença entre o geral – o comportamento dos alunos – e o específico – o comportamento dos alunos em relação à matemática ou na sala de aula, quando o assunto era Matemática?)
- 3) O(a) senhor(a) se lembra dos conteúdos discutidos, ensinados? Como era o programa de Matemática?
- 4) Como eram as avaliações?
- 5) Os Grupos Escolares eram mistos? (se sim: e as salas de aula?)
- 6) Naquela época, como eram as redondezas do Grupo Escolar? Havia tantas casas como há hoje ou o prédio ficava mais afastado?
- 7) Havia ensino religioso na escola? Como era concebido pelos alunos e por seus pais?

#### Questões a funcionários

- Segundo suas lembranças, como era dividido o prédio onde funcionava o Grupo Escolar? Como era a estrutura física da escola?
- 2) Como eram os professores e os alunos do grupo escolar onde você trabalhou?
- 3) Havia outras escolas além dos Grupos Escolares? Quais? Havia alguma condição diferenciada do Grupo Escolar em relação às demais escolas?
- 4) Como era dividido o trabalho no Grupo Escolar? (Caso o funcionário ainda esteja na ativa: quais diferenças há, segundo sua perspectiva, dos trabalhos administrativos se for secretário ou de limpeza se foi servente ou de comportamentos se foi bedel, daquela época em relação à hoje?)

#### 1.2.2. O momento das entrevistas, transcrição e textualização.

O roteiro foi entregue a cada depoente e a partir disso percebeu-se duas situações: houve casos em que o colaborador preferiu ficar com o roteiro por uns dias antes da entrevista, e casos em que ele preferia de imediato ser entrevistado. Procuramos deixar os depoentes familiarizados com o roteiro antes do momento da entrevista, falando de maneira informal sobre as questões às quais eles responderiam, por vezes até ouvindo os relatos antes da gravação, para que assim estivessem mais desinibidos diante do gravador, o qual geralmente causava estranhamento, e também para que eles pudessem trazer à tona suas memórias e as comentassem posteriormente sem muita interferência do entrevistador, apenas sendo norteado por ele.

Os depoimentos foram gravados em *mini disc*, em datas e horários estabelecidos pelo colaborador. Mesmo sabendo, pelo contato preliminar, do uso do gravador nas entrevistas, os depoentes, na sua maioria, mostravam-se um pouco apreensivos ao vê-lo. Antes de

começarmos a gravar perguntavam qual a distância necessária que deveriam permanecer e o tom de voz que deveriam usar, notamos também que no início da entrevista suas falas saíam um pouco roucas e baixas, mas com o caminhar da entrevista manifestavam-se de forma mais espontânea. Com exceção de um depoente, que se mostrou contrário ao uso do gravador, não tivemos problemas em gravar os relatos. Mesmo o depoente que de início não simpatizou com a idéia do gravador acabou consentindo e teve seu depoimento gravado.

Todos os depoimentos foram coletados em locais determinados pelo depoente, geralmente em suas casas. Os depoentes, no dia e horário acordados, estavam prontos a serem questionados sobre suas recordações acerca do Grupo Escolar, dispensando exclusiva atenção ao trabalho, salvo um depoente que não compareceu ao local no dia marcado para a entrevista, que precisou ser re-agendada.

O tempo de gravação para cada entrevista variou significativamente: houve entrevista de 23 minutos e de 86 minutos, e isso pareceu depender não unicamente das memórias que o depoente tinha daquele ambiente sobre o qual estava narrando, mas também de como ele ficava à vontade e se permitia rememorar durante a entrevista: há depoentes que falam pouco, se expressam pouco, mostram uma timidez até mesmo exagerada; no entanto, existem outros que conversam muito, que querem dizer cada pormenor de suas lembranças, e todos, em sua singularidade, foram respeitados. Todas as entrevistas nos ajudaram nessa busca por resgatar uma história do Grupo Escolar, mas percebemos que as entrevistas mais longas, mais pormenorizadas, contribuem de forma diferenciada à construção dessa identidade à medida em que nos coloca mais informações, nos permite esboçar mais peculiaridades da escola. Das entrevistas coletadas apenas uma precisou de dois encontros devido ao esquecimento de datas que julgava importantes para a contextualização histórica de seu relato.

Após a coleta das entrevistas fizemos as transcrições, e a partir desses documentos escritos passamos para a etapa posterior: a textualização. Nas textualizações procuramos fazer, além das modificações já descritas, a organização das idéias, quando possível, em

ordem cronológica, e o agrupamento dos assuntos comuns, o que representa, como já dissemos, um dos estilos adotados para esse processo.

Percebemos que embora o roteiro de entrevistas fosse comum a todos os colaboradores que ocuparam os mesmos cargos, e por vezes até os tenham ocupados nos mesmos períodos, a narrativa de cada um diferia da do outro, seja pela importância dada a cada situação, seja pelo modo de narrar- organizando cronologicamente as memórias ou as contando de acordo com outra lógica - seja pelas conveniências implicadas no discurso.

Após realizadas as textualizações seguimos para a análise desses textos, identificando as tendências que então nos levam a configurar o Grupo Escolar Prof. João Crisóstomo a partir das percepções que o pesquisador compõe, norteados pelas memórias que nossos depoentes narraram.

#### **CAPÍTULO 2**

#### 2.1. A política e a educação: do Império à Ditadura Militar.

As escolas e todo o sistema educacional que hoje vigora não surgiram aleatoriamente, não apareceram de forma espontânea. Todo um processo complexo de constituição foi necessário para a estrutura educacional que existe hoje. O tema "Educação", destaque em tantos debates, muitos desses até polêmicos, não é recente, mas um velho conhecido, que desde os primórdios da colonização tem tido destaque, seja na discussão sobre a educação como forma de (des)caracterização da cultura de uma nação, seja nas discussões acerca da necessidade de pensar a Educação como um processo mais amplo que aquele restrito às instituições escolares, seja naquelas intenções de se conhecer práticas, estruturas de funcionamento, seus modelos teóricos e ideológicos de sustentação, formas de dominação e exclusão que lhe são próprias.

Nossa pesquisa restringe-se aos anos de 1929 a 1975, por se tratar do período de funcionamento do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, mas procuramos caracterizar, de uma forma geral, um período pouco mais extenso para melhor compreensão das transformações educacionais que são reflexos das transformações políticas ocorridas no mesmo tempo, concluindo pelas inferências entre política e educação. Assim, caracterizaremos, de forma generalizada, o país desde o período imperial, porque a introdução dos Grupos Escolares se faz com a derrocada deste regime e, portanto, representa uma negação da herança deixada por ele, sendo assim importante conhecê-lo; até o período que compreende a Ditadura Militar, por se tratar do fim dos Grupos Escolares devido à introdução das escolas de 1º grau.

O Império (1822-1889), no que diz respeito à educação, não se preocupou em estabelecer um sistema nacional de ensino eficaz e acessível às camadas populares. Limitou-

se em criar algumas escolas superiores e em regulamentar as vias de acesso a essas por meio, principalmente, do curso secundário e dos exames de ingresso aos estudos de nível superior. Esse período marcou o descaso total com a educação e também a elitização do ensino.

O Brasil vinha sofrendo fortes mudanças— passou de um espaço livre a um extenso pedaço de terra "descoberto" e colonizado por portugueses, recebendo, em 1808, a Família Real Portuguesa— ainda como colônia, e assistiu à Proclamação da Independência em 1822. Porém, não apenas este país era palco de transformações, o mundo inteiro passava por elas no final do século XVIII e durante todo o século XIX. No plano político, a burguesia derrotava a nobreza e assumia o poder do Estado, o que aconteceu na França, com a Revolução Francesa (1789); no campo econômico, a Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII e que tinha a Inglaterra como centro, introduzindo o emprego de máquinas na produção fabril, fez com que o capitalismo avançasse significativamente; no aspecto social, destacavase o crescimento das grandes cidades ao redor das fábricas, o surgimento de uma nova classe: a dos proletários— trabalhadores assalariados, e as condições precárias de trabalho e de vida desses trabalhadores.

Durante o período do Império algumas iniciativas foram tomadas a respeito do ensino primário: em 1823 foi criada uma escola, no Rio de Janeiro, que trabalharia segundo o método do ensino mútuo – haveria apenas um professor por escola e, para cada grupo de dez alunos (decúria), um aluno – o mais adiantado da turma – seria o monitor, ensinando os demais; a Constituição de 1824 tornava a instrução primária gratuita a todos os cidadãos; em 1827, uma lei determinava a criação de escolas primárias em todas as cidades, vilas e lugarejos, inclusive escolas para as meninas, nas cidades mais populosas; e em 1854 o ensino primário foi dividido em elementar e superior.

Todas as mudanças foram deixadas a cargo das províncias, porém essas não tinham condições econômicas favoráveis para o cumprimento de tais disposições, que então não foram efetivadas. Além da escassez de recursos, havia ainda outras razões que impediam a

difusão do ensino primário, como a proibição de escravos freqüentarem a escola e a natureza não seqüencial do ensino – não era preciso cursar o primário para ingressar no secundário.

O ensino técnico-profissionalizante e o ensino normal foram relegados a um plano bastante inferior, principalmente o técnico-profissionalizante, pois os poucos estudantes que se interessavam em fazê-lo não ingressavam posteriormente no ensino superior, o que era o maior interesse do governo, já que formariam a elite dirigente (objetivo que aspiravam alcançar por intermédio da educação, e motivo pelo o qual davam ao ensino superior atenção maior do que a que davam aos demais cursos).

O descaso com a instrução primária durante o Império era nítido, e da mesma forma que não se preocupavam com este, também não havia cuidados específicos em relação à formação dos professores que nele lecionariam. O provimento de professores e mestres era vitalício e quem não estivesse capacitado ao exercício da profissão deveria instruir-se em curto prazo com seus próprios recursos financeiros nas escolas das capitais. Dessa maneira o ensino normal foi sensivelmente massacrado e seus estudantes foram impedidos de mostrar o desempenho que poderiam ter em outras condições.

O Império preocupou-se em fazer funcionar no Brasil, fundamentalmente, o ensino secundário e o superior, pois estes correspondiam aos seus interesses. No entanto, mesmo o ensino secundário ainda não apresentava uma forma bem definida de escola: tratava-se de aulas avulsas e dispersas, herança do período colonial, que tinham como objetivo preparar os estudantes para o ingresso nos cursos superiores — constituído por escolas isoladas de formação profissional. O sistema de aulas avulsas, no nível secundário, e de escolas isoladas, no ensino superior, só seriam modificados no decorrer do período republicano.

O Ato Adicional de 1834 definiu como responsabilidade das províncias o ensino primário e secundário, e do governo da União o ensino superior, não modificando em nada as condições impostas até então.

Ao final do período imperial, o Brasil não dispunha ainda de um sistema integrado de ensino: o primário não era um ensino obrigatório e não era preciso cursá-lo para ingressar no secundário, este não se constituía num curso seriado, ordenado, era formado por matérias avulsas e tinha como propósito preparar os alunos para os exames de ingresso nos cursos superiores. Porém, não era necessária a conclusão do ensino secundário para se ingressar no superior, que era representado por escolas isoladas de nível superior, uma vez que inexistiam as universidades. A necessidade de mudanças era sentida por toda a população e protestada em letras por pessoas como Rui Barbosa que escreveu na Reforma do ensino primário:

Uma reforma radical do ensino público é a primeira de todas as necessidades da pátria, amesquinhada pelo desprezo da cultura científica e pela insigne deseducação do povo. Sob esta invocação conservadores e liberais, no Brasil, podem reunir-se em um terreno neutro: o de uma reforma que não transija com a rotina. Num país onde o ensino não existe, quem disser que é "conservador em matéria de ensino" volteia as costas ao futuro, e desposa os interesses da ignorância. É preciso criar tudo; porquanto que aí está, salvo raríssimas exceções, e quase todas no ensino superior, constitui uma perfeita humilhação nacional.

Mas essa reorganização vem-nos custar duros sacrifícios, sacrifícios muito penosos a um orçamento onde o déficit se aninhou, e prolifera.

Esta objeção está respondida. Ela encerraria o país numa eterna petição de princípio, num círculo vicioso insuperável. A extinção do déficit não pode resultar senão de um abalo profundamente renovador nas fontes espontâneas da produção. Ora, a produção, como já demonstramos, é um efeito da inteligência: está, por toda a superfície do globo, na razão direta da educação popular. Todas as leis protetoras são ineficazes, para gerar a grandeza econômica do país; todos os melhoramentos materiais são incapazes de determinar a riqueza, se não partirem da educação popular, a mais criadora de todas as forças econômicas, A MAIS FECUNDA DE TODAS AS MEDIDAS FINANCEIRAS.(...)

Reforma dos métodos e reforma do mestre: eis, numa expressão completa, a reforma escolar inteira; eis o progresso todo e, ao mesmo tempo, toda a dificuldade contra a mais endurecida de todas as rotinas – a rotina pedagógica.

Cumpre renovar o método, orgânica, substancial, absolutamente, nas nossas escolas. Ou antes, cumpre criar o método; porquanto o que existe entre nós, usurpou um nome, que só por antífrase lhe assentaria: não é o método de ensinar; é, pelo contrário, o método de inabilitar para aprender. A criança, esse belo organismo, animado, inquieto, assimilativo, feliz, com os seus sentidos

dilatados pela *viveza* das impressões como amplas janelas abertas para a natureza, com a sua insaciável curiosidade interior a atraí-la para a observação dos fenômenos que a rodeiam, com o seu instinto investigativo, com a sua irreprimível simpatia pela realidade, com a sua espontaneidade poderosa, fecunda, criadora, com a sua capacidade incomparável de sentir e amar "o divino prazer de conhecer"- a criança, nascida assim, sustentada assim pela independência dos primeiros anos, entra para o *regímen* da escola, como flor, que retirassem do ambiente enérgico e luminoso do céu tropical, para experimentar na vida vegetativa da planta os efeitos da privação do sol, do ar livre, de todas as condições essenciais à natureza da pobre criaturinha condenada.

O primeiro atentado que contra ela, contra a sua existência normal, contra os seus direitos indefesos cometem o mestre e o método é esquecerem no aluno a existência de um corpo com as mais imperiosas de todas as necessidades. A escola olvida, ignora que a educação não atua sobre elementos impalpáveis, que a sua influência se exerce contínua e diretamente sobre a saúde do organismo.

Rui Barbosa em "A reforma do ensino primário" apud PILETTI,1990

Em 1889 o Império deixa de ser o sistema em vigor no Brasil, estabelecendo-se a República. A Primeira República, que compreende os anos de 1889 a 1930, representou a busca por transformações no ensino, a ruptura com a herança imperial, que nenhum avanço conseguiu, ou realmente tentou, no campo educacional.

Muitas foram as discussões para uma possível transformação no sistema educacional. Os republicanos acreditavam que a educação deveria ser repensada e reformulada para que fosse, com esse novo modelo político, efetivada em todas as regiões do país, atendendo não apenas à elite, mas também às camadas mais desfavorecidas da população e, dessa maneira, pudesse tornar o país mais civilizado e aberto às inovações que aconteciam nos países mais desenvolvidos.

Nessa época foram implantados os Grupos Escolares, uma forma gratuita e obrigatória de educação que visava a mostrar à população, através de seus belos e grandiosos prédios, a soberania política e a atenção que dispensavam ao ensino. Apesar dos projetos bem elaborados, a transformação ocorreu lentamente, pois os estados não tinham condições econômicas favoráveis para tal implantação, já que esse tipo de escola

exigia altos investimentos para sua construção e manutenção. Assim, a forma dos Grupos Escolares expandiu-se para todo o país, mas não era ela a responsável por atender a maioria da população, que continuou a usufruir majoritariamente das escolas isoladas ou reunidas. As escolas isoladas, segundo Martins, (2003), não eram escolas exclusivamente rurais ou urbanas, existindo em ambos contextos. Eram caracterizadas pela proximidade a uma sede e reuniam crianças cujas casas estavam num raio de 2 quilômetros. Era necessário, para constituir uma escola isolada, que houvesse pelo menos 40 crianças em condições de matrícula nas sedes municipais, ou 30 crianças, quando se tratava de sedes em distritos ou zona rural. Essas escolas só eram mantidas caso a frequência não fosse inferior a 24 durante o ano, em três meses consecutivos ou em três visitas do inspetor. As escolas isoladas, geralmente, ofereciam apenas os três primeiros anos do ensino primário em salas multisseriadas, e eram geridas por professores iniciantes e ainda não efetivados, estando todas essas escolas vinculadas a um grupo escolar urbano, cujo diretor era "compartilhado". A Escola Reunida era a junção de várias escolas isoladas, que se localizavam próximas, num único prédio, e era responsável por atender todos os estudantes das escolas que foram anexadas para a formação da Escola Reunida. No entanto, essa junção não se dava de forma a caracterizar um grupo escolar, pois as especificidades desse último modelo educacional não eram atendidas na íntegra.

Além dos problemas relacionados à educação, havia muitos outros empecilhos que deveriam ser revistos pelos governos para que a almejada prosperidade fosse alcançada pelo país, a começar pela centralização do poder promovida pelo controle do coronelismo e pela política dos governadores, as fraudes nas eleições que mantinham sempre o mesmo grupo no poder; o impedimento à participação, nas estruturas do poder, das classes médias e dos trabalhadores; a dependência do Brasil quanto ao café e os mercados internacionais, que levou o país a enfrentar uma forte crise e depressão econômica ao final da Primeira República e a dependência cultural dos modelos europeus —que a Semana de Arte

Moderna de 1922 cuidou de criticar veementemente. Todos esses problemas resultaram numa crise que desencadeou a Revolução de 30 (1930-1937).

Essa revolução influenciou muito os processos relativos à educação: o sistema educacional passou a ser centralizado pelo poder federal, este interligado aos estados, sendo criado o Ministério da Educação e as Secretarias de Educação dos Estados.

No bojo dessa revolução, em se tratando do sistema público de ensino, foi decisiva a participação de um grupo de educadores que tinha como objetivo auxiliar na formulação de uma política nacional de Educação. Segundo o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (apud Piletti, 1990), escrito por esses educadores, o ensino deveria ser tido como prioridade do Estado:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos ou reconstituição nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade.

Nesse período a educação passou a ser, verdadeira e efetivamente, direito de todos, colocou-se a obrigatoriedade da escola primária, bem como a gratuidade e a assistência aos estudantes necessitados – que se fazia através das caixas escolares. O sistema educacional ganhou uma articulação entre os ensinos que eram anteriormente isolados (ensinos primário, complementar, secundário e superior).

Contudo, o principal foco de atenção, em relação à Educação, ainda estava sob o ensino secundário e o superior, geralmente só atingidos pela elite. O ensino técnico-profissional, o primário e o normal só seriam regulamentados, de forma consistente, mais tarde.

Com a introdução do Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas, as discussões sobre a educação continuaram, mas as mudanças ainda se fizeram lentamente. O ensino

primário mantinha-se obrigatório e gratuito, mas todos os alunos que não tivessem condições de provar estado de pobreza contribuíam obrigatoriamente para a caixa escolar. Nesse período começam a aparecer no cenário, de forma mais evidente e apoiado pelo governo, as escolas privadas. Foram criados, como um meio educacional de auxilio à população, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) em 1942 e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) em 1946.

O ensino primário e o normal foram novamente discutidos e redefinidos, propondo uma articulação escolar. Assim, o ensino primário fundamental foi destinado a atender crianças de sete a doze anos, sendo ministrado em dois cursos sucessivos: o primário elementar – com duração de quatro anos, e o primário complementar – um ano. Havia também o primário elementar e o supletivo que se destinavam à educação de jovens e adultos: estes cursos se articulavam aos cursos de artesanato e aprendizagem industrial e agrícola; e o complementar com o ginasial, industrial e normal.

O Curso Normal, com o objetivo de formar professores e regentes para as escolas primárias, foi organizado em dois ciclos: o primeiro com duração de quatro anos para formação de regentes de ensino e o segundo de três anos para a formação de professores. O curso de regentes articulava-se com o primário e o de formação de professores com o ginásio, e posteriormente passaram a constituir as Faculdades de Filosofia.

O ensino primário, o técnico-profissionalizante e o normal, no entanto, só foram regulamentados em 1946, portanto após a queda de Getúlio Vargas, mas é decorrente de sua política. Com a queda do Estado Novo, ascende a República Populista (1945-1964) que sinalizou uma participação popular mais significativa na política e, conseqüentemente, na educação.

Muitas campanhas foram organizadas com a intenção de ampliar e melhorar o atendimento escolar à população, gerando bons resultados, que foram refletidos no aumento do número de matrículas. Entre elas está a Campanha de Aperfeiçoamento e

Difusão do Ensino Secundário (Cades), Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial (Caec), Erradicação do Analfabetismo e Educação de Adultos.

Uma outra proposta, timidamente tentada por eles em várias oportunidades, foi atendida em 1961: pretendia-se igualar o curso secundário ao técnico. A partir daí, o ensino médio passou a incluir o secundário, o técnico e o normal. Portanto, o estudante que cursasse qualquer modalidade do ensino médio, poderia ingressar no ensino superior.

Foram fixadas as Diretrizes e Bases da Educação Nacional no ano de 1961, que posteriormente foram mantidas pela Reforma de 1971. A estrutura do ensino foi dividida em quatro estágios: a educação primária – para menores de sete anos (Jardim de Infância); ensino primário – composto por quatro séries anuais; o ensino médio – que compreendia dois ciclos (ginasial, de quatro anos e colegial, de três anos) e o ensino superior – a graduação (para os concluintes do ensino médio), pós-graduação (para os concluintes da graduação), especialização e extensão.

A educação, embora vagarosamente, vinha avançando com as políticas de Estado, as reclamações da população e as propostas dos educadores mas, em 1964, com o início da Ditadura Militar (1964-1985), todo o processo foi interrompido.

O país passou por uma violenta transformação e muitas das vitórias sofridamente conquistadas foram ignoradas pelo novo governo: o povo perdeu o direito de escolher seus representantes no governo – era o fim das eleições; a desigualdade econômica foi acentuada à medida em que houve uma maior concentração de renda nas mãos de poucos, e o aumento dos preços de mercadorias ficavam em discordância com os salários, que eram bruscamente reduzidos.

Além desses problemas, ocorreu nesse tempo uma assombrosa migração da população do campo para as cidades, pois a zona rural não apresentava mais condições de vida para que nela as famílias pudessem fixar-se e isso provocou sérios problemas nas cidades, que não estavam preparadas para receber tantas pessoas. Com isso o número de

desempregados aumentou, o saneamento básico e as condições de higiene eram inviáveis para a maior parte da população, a assistência médica era precária e insuficiente, e muitos outros problemas apontavam, prejudicando consideravelmente as condições de moradia e saúde do povo.

A educação, cercada do caos que abrangia o país, não estava a salvo, e durante movimentos políticos – sociais, sofreu forte repressão: as escolas foram invadidas pela polícia, professores e estudantes foram presos e exilados, o governo investia em tentativas de acabar com o movimento estudantil, de proibir as discussões e reivindicações sobre melhores condições educacionais. No entanto, o governo foi ainda muito pressionado neste campo e acabou colocando algumas transformações no sistema sem que houvesse participação popular.

Em relação ao ensino primário, acontecia, segundo os dados levantados pelo Estado, uma grande evasão dos estudantes que terminavam o curso primário nos Grupos Escolares, devido ao exame de admissão que existia para promover a transição da escola primária elementar para o curso ginasial. Então, pela reforma de 1971, o curso primário e o antigo ginasial foram unificados num único curso de 1ºgrau, com duração de oito anos, não sendo destinados à formação profissional – que ficava a cargo do ensino de 2º grau, que tinha a duração de três anos.

Concluímos nossa análise histórica neste ano de 1971 por conta de ter sido declarada, nessa reforma, com a lei 5692, a extinção dos Grupos Escolares - nosso interesse de pesquisa. Toda essa trajetória que a Educação veio sofrendo em conseqüência dos sistemas políticos implantados foi relatada devido à importância que atribuímos à caracterização do que hoje chamamos de "sistema educacional". Tal sistema forma-se e se consolida entre avanços retrocessos, idas e vindas, conquistas e perdas; e julgamos necessário conhecer como as escolas – responsáveis pela educação formal, e gerenciadas pelo Estado – foram implementadas e mantidas, com a intenção de fazer brotar o interesse

pelo resgate de todo o percurso seguido pela educação até alcançar a forma como a concebemos atualmente. Quando esse resgate histórico não acontece, todo um passado de tentativas é negligenciado. Por isso consideramos importante esse estudo para a caracterização do passado da escolarização formal.

# 2.2. Uma caracterização inicial da educação anterior à implantação dos Grupos Escolares.

A educação brasileira veio sofrendo sucessivas transformações para alcançar o sistema educacional que concebemos hoje, todas as características próprias à escola foram sendo desenhadas conforme a necessidade que iam sendo percebidas e as condições em que se encontravam. As mudanças ocorreram em relação ao espaço escolar, aos métodos de ensino, à organização curricular, aos materiais didáticos, à formação dos professores, à divisão do trabalho dentro da escola, dentre muitos outros aspectos; transformações essas que se relacionam à qualidade do ensino e refletiram diretamente as mudanças políticas que aconteciam, como pudemos perceber pela primeira ponte deste nosso retrospecto.

A segunda metade do século XIX foi bastante conturbada, pois o desenvolvimento da grande indústria na Europa implicou a necessidade de transformação econômica, social, política e cultural do Brasil para que fosse possível a sua adequação quanto às novas exigências do capitalismo. Porém, essas mudanças andavam em direção contrária ao sistema monárquico, pois pediam reformas, como as transformações na forma de trabalho, a industrialização, a imigração, entre outros. Conseqüentemente, isso provocou forte rivalidade entre os membros da comunidade à época. Para que todo esse avanço fosse possível, surge a necessidade da educação e instrução do povo, implicando a necessidade de criação da escola para as classes populares.

Foram propostos, em pouco tempo, vários projetos visando à transformação da educação brasileira. Acreditava-se que o ensino deveria ser transformado desde o jardim de infância até o ensino superior. Pessoas como Leôncio de Carvalho e Rui Barbosa são exemplos de preocupação quanto à necessidade da transformação do ensino, bem como quanto à urgência com que deveria a ser efetivada essa transformação. Embora os projetos de ambos, Carvalho e Barbosa, não fossem idênticos, também não havia divergência entre eles: tratavam da organização da escola desde os programas escolares até os métodos de ensino a serem utilizados.

A preocupação com o desenvolvimento do ensino deve-se à excedente mão de obra que procurava emprego, pois além da população branca, ainda havia, em 1871, as crianças negras que foram libertas pela lei do Ventre Livre e, em 1888, com a abolição total da escravatura, um contingente de mão de obra abundante e não qualificada, além de eleitores analfabetos.

O decreto n.º 7.247 de Leôncio de Carvalho, de 1879, e os Pareceres/ Projeto de Rui Barbosa de 1882-1883 eram quase que uma complementação um do outro. Ambos retratavam a necessidade de criação de escolas públicas para a população para que essas escolas atendessem crianças de 7 a 14 anos, sendo de caráter obrigatório.

O que diferia uma proposta da outra eram algumas peculiaridades em determinados assuntos como, por exemplo, no decreto de Leôncio de Carvalho era posto que a freqüência dos alunos deveria ser livre, enquanto que para Rui Barbosa deveria ser controlado. O primeiro acreditava que os alunos não católicos deveriam ser dispensados da aula de religião, enquanto que o segundo abolia as aulas de religião, deixava as portas da escola abertas para que essas aulas fossem dadas, mas que acontecessem no período extra-classe e fossem ministradas por pessoas próprias da religião, não por professores da escola.

A escola ofereceria, entre outras disciplinas, as matérias de matemática elementar, língua materna e gramática, geografia, história, política, cultura moral e cívica. Embora os

projetos fossem minuciosamente escritos, não tiveram abertura do governo para serem implantados.

Com o veto à implantação dos projetos os problemas continuaram e aos poucos se ampliavam. Havia mão de obra excedente mas não qualificada devido a ausência de uma escola pública que abrangesse significativamente as camadas populares. As famílias pobres encontravam dificuldades em trabalhar por não terem onde deixar seus filhos menores de cinco anos pois ainda não existiam as creches, apenas os Jardins de Infância, que eram destinados a crianças de famílias abastadas, já que os horários de funcionamento não atendiam à jornada de trabalho da população. Além da preocupação quanto às crianças cujos pais trabalhavam, havia também a preocupação gerada pela Lei do Ventre Livre, porque os filhos das escravas, sendo crianças libertas, tinham direito à educação assim como os filhos dos casais brancos.

Com a finalidade de se atender aos anseios da população, o governo procurou criar creches e jardins de infância. Nota-se, entretanto, a diferença entre ambos, pois enquanto o primeiro tinha um caráter assistencial, distante de preocupações educacionais, sendo destinado às crianças pobres, o Jardim da Infância preocupava-se com a educação das crianças. No entanto, mesmo o Jardim da Infância não se tratava de algo exclusivamente pedagógico.

A escola primária começou a se desenvolver, mais significativamente, na segunda metade do século XIX, ligada às tradições do Iluminismo e da Revolução Francesa, apoiada aos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. A educação, então, passou a ser vista como um instrumento de cidadania, útil para o desenvolvimento intelectual e produtivo da população.

# 2.2.1. O tempo e os espaços escolares.

O tempo e o espaço interferem diretamente no aproveitamento escolar, por isso a importância de focar esses temas quando tratando da estruturação do sistema público de ensino primário no Brasil.

A discussão sobre a reformulação das escolas quanto ao seu horário de funcionamento e o local onde seriam instaladas, implica a discussão (nem sempre explícita) sobre a organização do tempo para cada aula, bem como sobre o conteúdo programático para o ano letivo e a possibilidade de assegurar a integridade desse conteúdo. Já a discussão sobre os espaços traz à cena a distribuição das crianças em salas de aulas, separadas por turmas, para que fosse possível atender ao maior número de crianças: em conseqüência, o espaço escolar deveria ser o mais amplo possível.

Com o passar do tempo a escola teve seus horários e seus espaços escolares modificados de forma a melhorar o aprendizado de seus alunos, bem como para ampliar o favorecimento de vagas às crianças em idade escolar.

No período que engloba a segunda metade do século XVIII e o século XIX as escolas existiam em número reduzido e dispunham de condições precárias- eram as chamadas casas- escola - escolas de primeiras letras construídas durante o período colonial. O professor era reconhecido ou nomeado como tal pelos órgãos de governo responsáveis pela instrução. As escolas não funcionavam em locais próprios e adequados: funcionavam em igrejas, sacristias, dependências das câmaras municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais ou mesmo nas casas dos próprios professores. As aulas contavam com quatro horas de duração, sendo divididas em duas seções: uma das 10 às 12 horas e outra das 14 às 16 horas.

Apesar de ser pequeno o número de escolas que funcionavam nesse período e, por conseqüência, ser reduzido o número de estudantes atendidos pela rede pública estatal, devese destacar que um número muito superior àqueles atendidos por essas escolas tinham acesso

às primeiras letras, porque a rede de escolarização doméstica atendia um número de pessoas bem maior que a escola pública, o que se verifica até o século XIX.

Existiam, então, vários modelos de escolarização que não apresentavam vínculo algum com o Estado, nem com professores vinculados a ele. Espaços para funcionamento de escolas eram cedidos e organizados pelos pais das crianças e jovens que o professor ensinaria, sendo que esses pais eram os responsáveis pelo pagamento do professor. Esse modelo podia ter à frente, como gestor, um fazendeiro ou uma comunidade. Além das escolas públicas estatais e das particulares domésticas, havia ainda os colégios femininos e masculinos, que eram os únicos a funcionarem em espaço próprio. Todos os modelos, com exceção da escola estadual, atendiam exclusivamente crianças de famílias abastadas. Nota-se também que era proibida a freqüência de crianças negras, mesmo as livres, nos espaços educacionais.

A questão sobre o espaço próprio da escola pública primária tornou-se presente, com grande intensidade, a partir da necessidade de reformulação do método pedagógico disseminado -o método individual- que não conseguia atender a grande demanda por educação por ser um processo lento, ineficiente e de alto custo.

A solução estava na introdução de um novo método que fosse mais rápido, mais barato e que contasse com um professor mais bem formado: era o método mútuo, já bastante utilizado na Europa. Para que o novo método obtivesse êxito, investiram no preparo com qualidade dos profissionais da educação. Assim, foi criado, em 1835, no Brasil, a primeira Escola Normal, em Niterói, que preparava os futuros professores para a utilização do método mútuo. Mas para que fosse possível sua introdução e para que obtivesse resultados, além da preparação dos professores deveriam contar com um espaço amplo a ser utilizado como escola, pois vários alunos estariam agrupados numa mesma sala para assistirem a uma mesma aula. Daí a necessidade de espaço próprio para o funcionamento das escolas estar diretamente relacionado à reforma do ensino.

O Imperador D. Pedro I, na primeira década do século XIX, tendo em vista os resultados obtidos pela reformulação do ensino, incentivou a utilização do método mútuo e posteriormente, em 1827, determinou a obrigatoriedade de sua adoção em todas as escolas de primeiras letras do Império.

Mesmo com todos os esforços para sua implantação, o método do ensino mútuo teve seu declínio em 1840, pois a educação passou a ser responsabilidade de cada província, e devido ao alto custo de manutenção de escolas e à diversidade da conjuntura econômica e política das várias regiões do Brasil, foi impossível manter a estabilidade do sistema. Acontece, então, a introdução do ensino simultâneo, também conhecido como método misto. Passados já 30 anos do início da discussão sobre a necessidade de espaços escolares próprios à escola, em 1870 nada ainda havia sido mudado a esse respeito.

Resumindo: a escola oitocentista representou o fracasso da educação. Os professores recebiam baixos salários, não existiam prédios apropriados ao ensino, as aulas eram pobres do ponto de vista material e metodológico e havia uma quase total ausência de observância às prescrições higiênicas.

As discussões pedagógicas continuaram e as pesadas críticas à educação foram mantidas, tendo como ponto primordial a necessidade de construção de prédios próprios à escola como condição indispensável à realização de sua função social específica. Os defensores de métodos alternativos para as escolas viam como necessária a discussão sobre o espaço escolar para melhor aproveitamento do ensino, para a realização das "lições de coisas". A invasão de novos materiais didático-pedagógicos (globos, cartazes, coleções, carteiras, cadernos, livros...) ocorrida ao fim do século XIX, tornou impossível a continuação das constantes adaptações de espaços porque a aplicação dos novos materiais e dos novos métodos de ensino impunham condições para se alcançar os resultados apregoados e julgados desejáveis. Caso as condições não fossem satisfeitas, o resultado seria equivocado, pois os reais benefícios da inovação ficariam velados.

Além desse problema, havia ainda aquele da higiêne nas escolas. Os prédios onde funcionavam as escolas estavam em péssimas condições, as instalações eram precárias e acabavam por causar mal às crianças, prejudicando a aprendizagem.

A discussão tanto sobre os espaços dedicados ao ensino quanto sobre os horários de permanência dos alunos nas escolas, só poderia ser concluída na última década do século XIX, quando a escola pode assumir a forma mais acabada e adequada à educação: os Grupos Escolares. Esse modelo de escola foi implantado no período da República e significava, para os republicanos, a ruptura com o passado imperial. O Grupo Escolar era marcado pela sua estrutura monumental, por sua beleza e grandiosidade, com o objetivo de chamar a atenção de todos para o novo sistema político que tinha a educação como uma das preocupações principais.

O processo de implantação de Grupos Escolares foi iniciado em 1890 em São Paulo, mas em curto espaço de tempo espalhou-se a todas as regiões do Brasil. Os Grupos Escolares eram concebidos e construídos como verdadeiros templos do saber. A partir de sua formação surgiu o modelo definitivo de educação do século XIX (o das escolas seriadas) e tornou-se função da educação reconciliar o povo com a nação, incentivando o amor à pátria, a honra e o respeito ao país. Nesta mesma época impõe-se na bandeira nacional o lema "ordem e progresso".

Os prédios construídos para fazer funcionar os Grupos Escolares eram monumentais, compostos por várias salas, variando de quatro a dez, dependendo do local onde era construído. Além das salas, tinha uma biblioteca escolar, museu escolar, sala de professores e administração. Eram edificados simetricamente em torno a um pátio central, com espaços distintos para meninos e meninas. Os Grupos Escolares tinham uma planta padronizada para a sua construção em cada cidade, porém, não pareciam ser de modelos iguais, já que cada localidade impunha ao prédio uma fachada distinta.

Os Grupos Escolares favoreciam a introdução do método intuitivo e a disseminação da ideologia republicana. Com a preocupação quanto ao tempo, foram estabelecidos os horários e as disciplinas que ocupariam cada horário durante o ano. Assim estas escolas foram dotadas de normas e instrumentos de controle do tempo e dos horários escolares, como relógios, campainhas e sinetas.

A escola passou a contar com uma maior organização. As aulas eram determinadas por hora de entrada e saída, o professor precisava estar neste horário na sala de aula acompanhando a aprendizagem e atendendo os alunos em suas dificuldades. O aluno não poderia ter tempo livre na escola. Assim, em todos os momentos que os estudantes estivessem no espaço escolar haveria disciplinas sendo ministradas. Um currículo, apresentando uma ordem lógica de formação, foi instituído.

Os Grupos Escolares recebiam visitas freqüentes de inspetores para supervisão. Os inspetores, junto à direção, faziam o acompanhamento do rendimento escolar nas salas de aula. A idéia que se tinha era de uma organização curricular que respeitasse as horas de aula de tal modo que fosse possível ao inspetor saber qual era, no dia em que visitasse a escola em determinada série, o conteúdo que a professora estaria ensinando aos seus alunos. Tal situação foi chamada de "racionalização do tempo imposto pelo sistema capitalista". Tal racionalização, entretanto, é algo impossível, pois não se pode calcular com precisão como a aula será dada e a atuação do professor não pode ficar meramente subordinada aos ponteiros do relógio.

Em princípio, os Grupos Escolares funcionavam em um único turno (das 10 às 14 ou 15 horas, no inverno, e das 9 às 14 horas no verão). Com o aumento da demanda por vagas, passou a funcionar em dois turnos: das 7 às 11 horas e das 12 às 16 horas. No entanto, esse horário não agradava aos diretores nem mesmo aos pais dos matriculados. Os diretores alegavam que o serviço de higiene e limpeza seriam prejudicados com a escola funcionando em dois períodos, além dos problemas quanto a alunos precisarem sair mais cedo ou chegar

mais tarde devido a fatores diversos; os pais reclamavam que as crianças não teriam condições de se ocupar com os afazeres domésticos, pois os horários as impediam. Reclamavam por uma flexibilidade de horário a seus filhos sob pena de os tirarem da escola, caso a reclamação não fosse atendida. Sendo assim, para não perder alunos, a direção respeitava os problemas de horário de cada família. Em princípio, a escola funcionava durante o ano inteiro, mas ao passar do tempo perceberam que os alunos, na sua maioria, não freqüentavam as aulas no último mês do ano, com o que o mês de dezembro passou a não ter aulas: eram as férias escolares.

Apesar de muita resistência quanto aos horários de funcionamento do Grupo Escolar, no final da década de 1910 todas as escolas ofereciam aulas em dois períodos, devido à grande procura por vagas. Com o tempo, todos se acostumaram com a mudança ou se conformaram.

Os Grupos Escolares foram referência básica para a organização seriada das classes, para a racionalização do tempo e do espaço, bem como para o controle do trabalho docente, porém tiveram uma história bastante diversificada nos diversos estados brasileiros, pois a educação, nesse tempo, ainda estava sob responsabilidade de cada estado. Dessa maneira, a situação econômica influenciava e diferenciava o sistema educacional nas diversas regiões do Brasil. Só foi possível uma homogeneização da educação quando ela se tornou responsabilidade de um órgão central, o Ministério da Educação e Saúde.

Nos anos de 1920 e 1930, os Grupos Escolares, mesmo não sendo comuns em todos os estados, passaram por uma transformação na forma e na cultura escolar que os constituíam. Essa reforma no ensino era inspirada em ideais escolanovistas. Propunham o estudo, mais uma vez, do tempo e dos espaços escolares.

Um dos defensores do Movimento da Escola Nova foi Fernando de Azevedo. Para ele, os edifícios escolares deveriam seguir um padrão de arquitetura, o neocolonial, bem como deveriam ter impressos na pedra a marca distintiva da brasilidade (ou seja, o novo modelo de

ensino também prezava pelos valores patrióticos julgando essencial desenvolvê-los nas escolas).

Ao assumir a Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal (RJ), a então capital brasileira, Fernando Azevedo iniciou um processo de criação de edifícios escolares em estilo neocolonial. Ao longo de três anos foram construídos nove prédios. Segundo ele, havia muitas escolas no Distrito Federal que ainda funcionavam em prédios que não eram próprios à escola, e dos prédios que foram construídos para funcionar como escolas, muitos foram construídos de forma aleatória, mal planejados, não atendendo às necessidades do ambiente escolar, tendo, por exemplo, salas sem iluminação adequada. Segundo o reformador, o ambiente escolar deveria ser educativo, ou seja, alegre, aprazível, pitoresco, com paisagem envolvente, além de ter condições normais para o desenvolvimento das aulas, como iluminação e ventilação adequadas.

Para a Escola Nova, como aspectos de mudança, deveriam ser incluídos à escola gabinetes dentários, médicos e laboratórios. A entrada para escola deveria ser única tanto para meninos como para meninas: é o princípio da co-educação. As bibliotecas e os museus escolares deveriam ser revalorizados, os alunos deveriam estar em constante atividade. Nas salas de aula as carteiras deveriam estar dispostas de modo que fosse possível o trabalho em grupos. A professora deveria ter seu lugar deslocado para não mais ficar na posição central (dessa forma a relação aluno-professor seria alterada, conseqüentemente, em virtude das mudanças propostas).

O novo sistema de ensino criticava o estabelecimento de horários para o ensino das disciplinas, colocava que não existia limites de horários para a realização das atividades. O tempo seria substituído pelo interesse dos estudantes, e deveria ser aproveitado ao máximo pelo professor.

O modelo proposto por Azevedo recebeu muitas críticas porque as escolas tiveram um custo muito elevado. A população do Rio de Janeiro estava crescendo rapidamente e havia

muitas crianças em idade escolar a serem atendidas pelo sistema de ensino público. A um custo elevado foi possível construir apenas nove escolas, um número insuficiente para a grande demanda. Apesar das inúmeras reformas propostas, este modelo ainda estava preso ao conceito estético de prédio disseminado pelas monumentalidades dos primeiros Grupos Escolares. A preocupação que a República tinha com a aparência das escolas como forma de valorização do poder, fez com que muitos recursos públicos fossem utilizados para a construção de poucos prédios monumentais, que atendiam a um número reduzido de estudantes, o que significou a elitização da educação, a marginalização dos mais pobres em relação à educação.

A preocupação, então, passou a ser a criação de prédios próprios à educação, que atendessem às necessidades para tal, mas que tivessem custo reduzido para sua construção. Visava-se à criação de várias escolas para atender à grande demanda por educação. Para isso foram desprezados os antigos modelos de prédios escolares, tratava-se agora de implementar uma arquitetura funcional, racional, que utilizasse materiais próprios de cada região, atendendo ao clima, aos costumes e aos usos de cada comunidade.

Lançaram-se a mais um desafio: a educação em tempo integral. Acreditava-se que com isso seria possível estudar o comportamento das crianças, aplicar novos métodos e novas práticas pedagógicas, estabelecer parâmetros para o desenvolvimento dos novos hábitos sociais e avaliar essas estratégias aplicadas aos padrões brasileiros, dando inclusive visibilidade às mudanças implementadas pela ação dos educadores novos no Brasil. Houve escolas, à época, que tendo como proposta a educação em período integral, ofereciam residências a crianças abandonadas. Porém, a educação em período integral já não era mais a maior preocupação dos educadores ao final da década de 1940. A extensão da rede escolar para o interior, para as zonas de fronteira e de colonização dos imigrantes no sul do país requeriam nesse momento medidas mais imediatas.

# 2.2.2. A formação docente.

A segunda metade do século XIX, no Brasil, foi marcada pelo processo de substituição do modelo de formação de professores. Essa mudança pode ser contextualizada no quadro de transformações que ocorria no mundo ocidental na segunda metade do século XIX, além das peculiaridades conjunturais do momento brasileiro. Como os países da Europa já eram bem mais desenvolvidos que o Brasil, o modelo educacional europeu era um exemplo concreto e bem estruturado, e foi responsável por uma significativa contribuição para o desenvolvimento do sistema educacional brasileiro, em meados de 1860.

É importante ressaltar que embora o modelo brasileiro tenha sido influenciado pelo europeu, este não foi simplesmente copiado e implantado, não foi uma simples reprodução. Ao contrário, o sistema educacional europeu foi estudado antes de sua implantação, sendo em determinados pontos reformulado, de forma que fosse possível atender à realidade brasileira.

A mudança que estava sendo proposta implicava a uniformização do ensino nas diversas províncias do Brasil, ou seja, o sistema de ensino deveria ser centralizado, regulado e controlado pelo poder estatal.

A formação docente institucionalizada ocorreu com o aparecimento das primeiras Escolas Normais brasileiras entre 1830 e 1840. Essas Escolas Normais, no entanto, eram bastantes distintas das mais recentes. Antigamente, a Escola Normal era atendida por um único professor, havia um número reduzido de alunos e as aulas eram individuais, o aluno era considerado apto a lecionar quando fosse tido como capaz de realizar os exames. Quanto ao conteúdo ensinado, era bastante condensado, rarefeito.

O governo cedia uma pensão àqueles que faziam o curso de formação de professores como forma de incentivo a estes durante o curso. No entanto, mesmo assim, a desistência por parte desses alunos acontecia em número elevado.

O final da década de 1860, então, passa a ser uma era de reformulação da escola normal. Os professores são preparados para irem além do ensinar a ler, escrever, contar e rezar, devendo cumprir as funções de instruir, educar e formar o cidadão produtivo.

A escola normal da Província Fluminense teve José Carlos Alambary Luz, diretor de 1868 à 1876, que muito contribuiu para a melhoria do ensino da época. Nesse período a escola atravessou uma fase de reformas curriculares e metodológicas. Foi abolido o uso de castigos corporais durante as aulas, introduziu-se o método de "lição de coisas" e o uso de materiais didáticos. Os métodos e materiais didáticos utilizados eram característicos não só da Europa, mas também dos EUA. Além disso, ainda houve o investimento em exposições internacionais e conferências pedagógicas. O interesse sobre as questões educacionais ganharam muita força e foram tão valorizados que a imprensa as retratava, dando-lhes um espaço privilegiado nos periódicos.

Ao fim de seu mandato, Alambary Luz conseguiu transformar a Escola Normal que dirigia numa instituição modelo de formação de professores no país. Preocupou-se com mudanças arquitetônicas e com a reformulação das disciplinas, além de ter deixado uma biblioteca montada e uma intensa lista de instrumentos pedagógicos.

# 2.3. Retomando (e sintetizando): os Grupos Escolares.

A derrocada do regime monárquico e a consequente tomada de poder pelos republicanos foi marcada por inúmeras mudanças que refletiram explicitamente no quadro político, social e econômico.

A educação no período republicano sofreu profundas transformações, uma vez que os republicanos acreditavam estar nela o berço da civilização. Nesta época surgem os Grupos Escolares, característica marcante desse novo sistema político.

A proposta inicial dos republicanos em relação ao sistema educacional era o de centralizar a responsabilidade do ensino sob o governo central, proposta esta que não foi efetivada, uma vez que a Educação ficou sob responsabilidade de cada Estado e isso acarretou uma disparidade entre as unidades da Federação, pois a implantação e manutenção do novo sistema era dependente da situação econômica do Estado. No Estado de São Paulo, os Grupos Escolares foram implantados em 1894, enquanto que no Estado do Piauí vieram a aparecer quase três décadas depois, em 1922, o que mostra claramente as diferenças existentes.

Os Grupos Escolares surgiram no corpo das leis de 1893, em São Paulo e no Rio de Janeiro (então Distrito Federal), e foram regulamentados e instalados a partir de 1894 no Estado de São Paulo e em 1897 no Estado do Rio de Janeiro que, então, por serem os primeiros a atenderem a essa disposição, passaram a servir de exemplo para os demais estados, já que o governo central não formulou qualquer proposta que os direcionasse. É importante ressaltar a experiência da Escola Modelo que funcionava junto à Escola Normal como grande responsável pelas determinações quanto à criação de Grupos Escolares no Estado de São Paulo.

Quando instalados, os Grupos Escolares fariam parte do cenário urbano do país e se destacariam entre os demais prédios ao seu redor por sua grandiosidade, beleza arquitetônica e suntuosidade: seriam verdadeiros monumentos-propaganda do governo republicano: essas iniciativas deveriam demonstrar nitidamente a importância social e política da escola primária, bem como a preocupação dos políticos em relação à instrução pública. Apesar de ser forte a característica monumental dos Grupos Escolares, muitos dos prédios construídos para os fazer funcionar eram edificações modestas com poucas diferenciações internas além das salas de aula, pois a maioria dos estados não apresentavam condições econômicas favoráveis ao investimento em outro tipo de obra que necessitasse de muitos recursos financeiros.

A construção de edificações próprias à escola efetivou-se em todo o país, seja por construções mais ou menos luxuosas, pois tratava-se de uma exigência da reforma proposta,

além de ser necessária e urgente para uma alteração nas condições do ensino. Sendo assim, os prédios passaram a ter espaços amplos para as crianças brincarem e se exercitarem – o pátio e a quadra de esportes, iluminação adequada na sala de aula, boas condições de saneamento básico e para as regiões que tinham melhores condições, mais diferenciações internas dos espaços para atividades administrativas (diretoria, secretaria, sala dos professores) e pedagogia (biblioteca, museu).

Segundo as propostas reformadoras, deveria haver a criação de mais escolas, para que fosse possível atender ao número máximo de crianças em idade escolar, já que o ensino seria gratuito e obrigatório. O ingresso nos Grupos Escolares se fazia mediante matrícula, no início do ano letivo era aberto um período para que pais de crianças na faixa etária de 6 a 12 anos pudessem matriculá-los. O ingresso aos 6 anos era facultativo – era o Jardim da Infância – assim como o estudo após os 12 anos, que era o Complementar, o Ginasial ou as Faculdades – estudos não mais oferecidos pelo Grupo Escolar.

O ensino primário era de freqüência obrigatória, havia avaliações mensais e exame final, por meio dos quais o aluno era aprovado ou retido. A escola, em princípio, funcionava em um período, mas devido à grande procura passou a funcionar em dois períodos para atender, cada vez mais, um público mais abundante.

O novo "sistema educacional" preocupou-se com a troca do mobiliário interior ao Grupo Escolar: trocaram-se os bancos sem encosto por outros mais confortáveis, foi introduzido o quadro negro e outras mudanças que objetivavam a contribuição com a educação. O método de ensino também passou por modificações: houve a introdução de materiais didáticos – como livros e cartilhas – que serviam como apoio ao professor e interagiam com o aluno, a difusão e propagação do método de ensino introduzido no Brasil, ainda no Império, por Rui Barbosa, o "método intuitivo"(também chamado de método de "lição de coisas").

A formação dos professores que lecionaram no ensino primário ganhou maior atenção neste período, a Escola Normal (responsável por essa formação) passou por algumas modificações para poder atender às necessidades das novas escolas, com o que os Grupos Escolares passaram a contar com o trabalho de pessoal docente mais qualificado para o ensino de crianças.

Os alunos eram separados em classes segundo o seu grau de desenvolvimento escolar, sendo que cada grau correspondia uma série e tinha uma relação direta com a idade da criança. Encerrando-se o ano letivo, o aluno era avaliado para verificar se seria promovido à série seguinte ou permaneceria na mesma. Era estabelecido, então, o ensino seriado e seqüencial. O ensino separado em graus dava ao professor melhores condições de trabalho, já que não havia alunos de idade e desenvolvimento escolar diferentes (certamente os alunos não se desenvolviam igualmente, mas o novo modelo minimizava as discrepâncias existentes nas salas multiseriadas) facilitando então o trabalho do professor e, conseqüentemente, o aprendizado do aluno.

Os conteúdos a serem ensinados foram repensados, assim como os métodos de ensino. O professor passou a obedecer um programa escolar, no qual eram distribuídos os conteúdos que deveriam ser ensinados ao longo do ano. Com o propósito de se efetivar o programa curricular e se verificar o andamento das aulas e a aplicação do programa, havia o cargo de supervisor de escola.

Outra característica do Grupo Escolar era a presença do diretor, cargo que até então não existia. O diretor era responsável pelas funções administrativas como ordenar o cotidiano do professor e do aluno, cabendo a ele, também, atualizar o corpo docente quanto às inovações discutidas nas Escolas Normais. Embora fosse crescente o número de mulheres exercendo a profissão docente, durante sucessivas décadas elas foram impedidas de exercerem o cargo de diretora. O cargo era estritamente ligado ao mundo masculino, pois pensava-se nele como

superior às demais posições na escola, além de ser o diretor o representante direto do governo na educação.

Tanto meninos quanto meninas tinham o direito de frequentar as aulas no Grupo Escolar, sendo que em apenas algumas disciplinas havia distinção de sexo. As meninas poderem estudar, entretanto, não implicava ainda uma abertura maior da sociedade para as mulheres no campo de trabalho: isso viria acontecer muitos anos depois.

A escola primária considerava de grande importância colocar a seus alunos os valores patrióticos que deveriam defender, os preparava para respeitar e amar a pátria com o intuito de os tornarem cidadãos conscientes, jovens defensores do país: para isso exigiram o estabelecimento de rituais como os desfiles e as comemorações cívicas. Dessa forma o desenvolvimento da idéia cívica e moral ocupou, aos poucos, o espaço das disciplinas escolares.

Os Grupos Escolares, portanto, apesar das muitas falhas que demonstrou – visto que todo sistema educacional é uma tentativa de melhora, mas nenhum assume a almejada perfeição – representou um salto qualitativamente significativo para a educação pois a partir dele a escola passou a funcionar para um público mais amplo, por ser tornado gratuito e obrigatório, havendo, como decorrência, a preocupação com a freqüência dos estudantes e com seu aproveitamento e rendimento escolar, sendo para isso implantado um novo método de ensino e uma nova organização espacial e temporal: surgiram as classes seriadas, a distribuição do "conhecimento escolar" em quatro anos de formação elementar, a adoção de materiais que atendiam ao novo método de ensino e respeitavam as dificuldades dos alunos, além da preocupação em relação à formação de professores, em clara oposição à educação do Império.

A construção de prédios próprios ao funcionamento das escolas também serviram como meio de efetivação da reforma educacional, uma vez que melhoravam significativamente a atuação do professor e transmitiam, graças a sua exuberância, grandiosidade e beleza, a

transformação política e suas preocupações com o âmbito da educação. Também colaboravam com os cofres públicos, já que ao se construir um Grupo Escolar, aglomeravam neste ambiente as muitas escolas isoladas que havia em seu entorno, deixando, dessa forma, o governo livre do pagamento de casas de aluguel.

Os Grupos Escolares reinaram durante a maior parte do século XX e foram os responsáveis pela educação de, ao menos, duas gerações de brasileiros. Sua extinção só veio a ocorrer devido à implantação do sistema de ensino de Primeiro Grau, determinado pela Lei 5692, nos primeiros anos da década de 1970.

# CAPÍTULO 3

# 3. TEXTUALIZAÇÕES

#### 3.1. Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna.

(entrevista gravada em Garça, no dia 08/08/2005 e 15/02/2006) Tempo de gravação: 45 minutos

Meu nome é Helena Corrêa Leite de Moraes, eu nasci em Garça, em 13/06/1948. Estudei no João Crisóstomo de 1956 a 1960. Eu sou filha de Valdemar Corrêa Leite de Moraes, já falecido e da Alice Tacínio de Moraes, tenho seis irmãos, e todos estudaram em grupo escolar, mas em diferentes grupos.

A lembrança maior assim que eu tenho da escola primária de 1ª a 4ª série é que era um verdadeiro santuário, você tinha que ter o maior respeito. Você tinha um trânsito muito limitado dentro da escola, seu acesso era o pátio e a sala de aula, eu não conhecia nessa época a sala de direção, aliás, muito poucas vezes eu vi a diretora, porque quem resolvia os problemas da escola e do aluno era a professora, direção você não via.

Era um lugar onde você tinha prazer de estudar sim, embora você fosse muito tolhida, você não podia botar a sua personalidade, não sei nem se naquela época você tinha uma personalidade muito a flor da pele, porque você era tolhida dentro da sua casa, pela sociedade, pela escola.

Era proibido falar qualquer coisa a mais do que se permitia ou você era castigado na sala de aula, polemizar com o professor, por exemplo, uma polêmica sobre o não entendimento seu, era uma das situações proibidas, então você era obrigada a entender daquela forma. A matéria era muito passada assim...decorativa, você não tinha o direito de esclarecer as tuas dúvidas, a respeito de matemática, pra você saber assim nua e cruamente uma relação, uma expressão de álgebra, por exemplo, você não podia fazer perguntas, você devia decorar daquela forma que ela fazia na lousa, ela fazia duas, três vezes e depois te chamava na lousa pra resolver mais algum, e se você não lembrasse ali na hora da fórmula que ela tinha passado, você tomava uma reguadinha boa na cabeça. Tinha muita chamada oral e chamada na lousa.

A sala de aula, no meu tempo, era dividida em seção A, B e C; a A era os alunos que tinham mais facilidade, eles sentavam na fileira e eram chamados de seção A, a B era de médio rendimento e a C era os alunos fracos, e isso gerava na sala de aula um constrangimento. A gente tinha que fazer leitura, em voz alta, então você tinha que ter entonação, você tinha que saber acentuação, e tudo muito bem organizada, se você lesse alguma coisa correndo, a professora te brecava na hora e chamava a sua atenção na frente de todos, então esses alunos da chamada seção C, eram os mais humilhados na sala de aula. Quando eu passei a ser professora tentei não cometer aqueles erros que eu percebi que as minhas professoras cometiam, mas isso, depois de muitos anos, porque quando criança ainda não percebia essa discriminação.

Para entrar no Grupo Escolar precisava ter sete anos e não era obrigatório ter préescola, eu por exemplo tive, mas muitas outras crianças não tiveram. Naquele tempo tinha outro nome, era o Jardim de Infância, e ele só ensinava desenhar e brincar, não é como hoje que se trabalha a coordenação motora, que uma criança na pré-escola escreve números, algumas palavras, naquele tempo não, Jardim da Infância era brincadeira mesmo.

Eu estudei no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo a 3ª e a 4ª série. O Jardim da Infância e a 1<sup>a</sup>série eu fiz no Hilmar, depois mudei para Marília e lá fiz a 2<sup>a</sup>série, voltei para Garça e conclui a 3ª e 4ª série no Grupão. As séries seguintes fiz no Hilmar, o que corresponde hoje o ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série, mas quando eu estudei era 1<sup>a</sup>série ginasial, 2<sup>a</sup>série ginasial, por diante.

O prédio do Grupo Escolar ainda funciona como escola, é o João Crisóstomo, e pouca coisa mudou em sua estrutura daquele tempo para hoje, as salas de aula de quando estudei são as mesmas de quando fui professora. Ele se destacava por sua aparência, pois era grande e bonito, também porque entre as outras escolas, visto que já existiam o João Crisóstomo, o atual Hilmar, que chamava Grupo Escolar e Ginásio do Estado e o Grupinho, que hoje é o Maria do Carmo, o Grupo era o que tinha o prédio mais novo, os outros já eram bastante velhos e não eram bonitos na aparência.

A escola era mista, eu me lembro que a 1ª série e a 3ª série eu estudei numa sala de aula mista, tinha meninos e meninas, agora a 2ª série que eu fiz em Marília era uma sala feminina, a 4ª série também, mas a 1ª e a 3ª série era mista.

O Grupo funcionava em três horários, não me lembro qual era o primeiro, mas me

lembro que segundo começava 11:10h e terminava as 14:00h. estudei uma vez nesse, e nós não tínhamos recreio. No ano seguinte, quando eu estava na quarta série, estudei das 14:10h as 17:30h. novo nesse horário tinha recreio, mas ainda não tinha merenda para crianças, aliás, durante todo o tempo que



Figura 1

estudei no Grupo, a merenda nunca foi fornecida pela escola, nós não tínhamos cozinheira, nem mesmo cozinha, quando colocaram esse horário que tinha recreio, cada criança precisou levar o seu lanche

Quanto a limpeza, havia pessoas responsáveis pela limpeza, talvez tivesse menos gente no trabalho e a escola era mais limpa do que hoje em dia, mas isso porque o aluno colaborava, ele não sujava, a educação era muito maior.

O relacionamento entre professor e aluno era difícil, era difícil porque eles se colocavam muito impunemente, lá em cima, você tinha receio até de falar com eles, porque pra você era uma autoridade que estava ali, intocável; no meu tempo era, eu afirmo e continuo afirmando, era mesmo. Você tinha que respeitar, quanto a respeitar, eu acho que tem mesmo, mas era um respeito acima da média, nós éramos súditos dele, a palavra dele era a palavra de Deus, a verdade dele era a verdade do mundo. Eles não tinham complacência com ninguém, principalmente por alunos mais fracos e mais pobres.

Na sala de aula, o relacionamento entre os alunos era bom porque ninguém podia falar nada, mas os alunos famosos da seção C se sentiam acuados na sala, não sei... já faz tanto tempo, mas acho que ninguém tinha voz ativa, só que para eles era pior porque eram tidos como os burrinhos, como os perdidos na sala de aula, e eles se colocavam assim. Além disso, o professor discriminava muito uma seção da outra, era visível. Na hora da leitura eu me lembro, ou de algum exercício na lousa, ele chamava a seção A primeiro, e depois falava: prestaram atenção?, é pra fazer igual, se não igual, pelo menos um pouquinho igual.

Nós éramos obrigados a usar uniforme, para as meninas eram saias pregadas azul marinho, blusa branca e laço de fita na cabeça, e só podia entrar na escola se estivesse com o uniforme, e ele não era fornecido pela a Prefeitura nem pelo Estado, cada um tinha que comprar o seu.

Os materiais escolares eram todos comprados pelos pais das crianças, o Estado também não nos fornecia nenhum material, nós comprávamos desde lápis a livros didáticos. O aluno que não tinha condições de comprar o material escolar tinha que provar que o pai ganhava muito pouco e que tinha muitos filhos na escola, comprovado ele recebia o material pela caixa escolar, que era composto por um caderno, um lápis, um compasso, uma borracha, uma caixinha de lápis de cor, e recebia uma única vez, no início do ano.

O mesmo professor não acompanhava uma única sala durante os quatro anos de ensino no Grupo, cada ano era um novo professor, e este nos dava aulas de todas as matérias. Por haver essa troca de professores, todo ano era aquela ansiedade em saber quem nos daria aula, porque a gente conhecia as professoras, sabia que tinha umas piores e umas melhores, e só de ler o nome delas já sabia como seria o ano, porque tinha umas que era um terror. Eu não vou citar nome aqui, mas por exemplo, tinha uma que chamava atenção em voz alta, falava alto o nome da gente para todos ouvirem, mas tem uma coisa, ninguém podia dar uma risada.

Outra coisa interessante é que algumas matérias tinham nomes diferentes, matemática era chamada de aritmética, português era leitura e linguagem. Além dessas tínhamos aulas de geografia, história, ciências e desenho.

Era difícil acompanhar o ritmo da escola porque era muito mais puxada que hoje. Naquele tempo o sistema de avaliação era diferente, o aluno reprovava mesmo, e não tinha como fazer recuperação, isso não existia, havia a segunda época apenas de 5ª série em diante, até 4ª série não tinha nem segunda época. Tomou bomba, tomou.

As avaliações eram realizadas sob forma de um único exame que acontecia no fim do ano, sendo que o conteúdo era toda a matéria ensinada de cada disciplina durante ano, e recebia o nome de Exame Final. Nesse dia as aulas eram suspensas, e cada dia era uma turma que fazia o Exame Final, me lembro que tinha uma banca que nos observava enquanto fazíamos os exames escritos, por exemplo, cada dia era uma turma de 4ª série que realizava a prova, então a banca era composta por professores de 1ª e 2ª séries. Como não havia provas mensais ou bimestrais, quem passasse no exame final ía para a série seguinte, quem não conseguisse, reprovava.

Havia muita reprova, por causa do exame final e ausência de segunda época, porém ao contrário do que se pode pensar, não havia muita desistência, os alunos reprovavam mas continuavam. A partir da 1ª série ginasial, a correspondente 5ª série, existia a 2ª época, não era uma recuperação, era dada uma oportunidade de fazer outro exame após um determinado tempo, por exemplo, em dezembro terminava o curso, em janeiro, antes de iniciar as aulas, a pessoa que ficou de segunda época voltava pra escola e fazia outro exame, mas ela precisava estudar sozinha, pois nenhum professor dava aula durante esse tempo.

Eu lembro de uma coisa que me marcou muito, barbaridade, não me lembro se eu estava na 2ª ou na 3ªsérie, a professora pediu que escrevêssemos como tarefa uma carta para alguém da família, então fui escrever a carta, mas meu pai na pura inocência (meu pai escrevia muito bem e falava muito bem) ao me ver escrevendo a carta, achou que não estava boa e deu um começo para mim com o vocabulário dele, um vocabulário que uma criança não teria. No outro dia eu cheguei muito contente na sala de aula porque pensava que fosse tirar

nota 100 (na minha época as notas eram diferentes das de hoje, não variavam de 0 a 10, era de 1 a 100, então as melhores notas eram 90, 80, 100), mas ao contrário do que eu esperava, ela pegou a minha carta e como a de todos os outros alunos, a leu em voz alta e me reduziu a pó, porque percebeu clara, nitidamente, que aquele vocabulário não era meu, ela me humilhou tanto que naquele ano foi difícil eu voltar a escrever. Meu pai iniciou a carta com os dizeres dele, mas todo o restante foi escrito por mim, no entanto, ela rechaçou a carta inteira, dessa maneira ela conseguiu me deixar meio travada! Mas é claro, depois eu consegui superar isso, mas ficou muito marcado em mim, ela chamava Dona Ernestina.

Me lembro também que o aluno que escrevia com a mão esquerda, era forçado a escrever com a direita. Você tinha que escrever com a mão direita. A professora punha a mão esquerda da criança para trás e a obrigava escrever com a direita, no meu tempo não chegava a amarrar, mas quem antes de mim, pegou esse tempo; depois levava reguada porque a letra tava feia, insistia que a letra precisava melhorar ou a repetiria de ano. Então você era castigado até pela letra feia, porque naquele tempo nós tínhamos a obrigação de fazer caligrafia.

A Laura é uma das pessoas que estudou comigo no Grupo e me marcou, porque era uma das canhotas, me lembro que seguravam muito a mão dela, a impediam de escrever. Ela sofreu muito por ser canhota mas depois com o passar do tempo e acho que com a liberdade de estudo, ela conseguiu superar tudo, e hoje é uma pedagoga famosa.

As salas de aula eram muito numerosas, tanto no Grupo, que tinha 47, 48 alunos quanto no Ginásio, que tinha 50, 51, mas o professor conseguia dominar a classe com tranqüilidade porque o aluno era outra coisa, era cabisbaixo, não podia abrir a boca, por isso que eu digo, a escola, a sala de aula era um santuário, respeitava-se muito mais, antigamente, a escola, do que hoje se respeita a Igreja.

Os professores eram todos autoritários e por causa de qualquer coisa tinham o direito de nos punir, eu não peguei o tempo em que a professora fazia ajoelhar no milho, mas os antes de mim, ajoelhavam até no milho de castigo. No meu tempo os castigos eram reguada na cabeça, era ficar atrás da porta durante a aula inteira, caso não fizesse a tarefa, ou discutisse com alguém no recreio, não precisava ser briga bastava uma discussão, se chegasse depois do professor, qualquer coisa era motivo de castigo.

Nós não tínhamos alunos da zona rural na escola da cidade, porque não havia condução que os trouxesse, eles estudavam nas escolas de fazenda, e mesmo assim precisavam andar 5, 6, 8 Km a pé pela estrada, porque nem todas as fazendas possuíam escolas. Acho que é por isso que nessa época observa-se alto índice de analfabetismo, as situações eram muito piores.

As brincadeiras de criança nessa época eram roda, queima, casinha, passar anel, boneca, os meninos também brincavam de queima mas preferiam jogar bola, isso fora ou dentro do Grupo.

Pertencia ao currículo escolar saber o hino nacional, o hino da bandeira, o hino da pátria, nós tínhamos que saber recitar poesias patrióticas. As poesias eram recitadas pelos alunos escolhidos, a criança tinha que ir lá na frente e recitar, num dia ela chamava cinco, seis alunos, no outro mais cinco, seis, por fim ela chamava todos os alunos, portanto todos tinham que saber uma poesia, mas eu acho que ela judiava, ela gostava de chamar aquelas mais tímidas para ir tremer, acho que o professor gostava de ver o povo tremer. Um dia na semana era para recitar poesias, cantar os hinos, não era só em datas patrióticas.

Naquele tempo nós tínhamos um coro que chamava-se Orfeão, então no sábado, (um ano, eu não me lembro se na 2ª ou 3ª série, tinha aula no sábado, mas foi só um ano) nós tínhamos que ir aos sábados à escola ensaiar o Orfeão. Eram selecionados cinco, seis meninas de cada classe, aquelas que eles achavam que tinham a voz melhor e se formavam coros, cada classe tinha um Orfeão. Cantávamos nas comemorações de 7 de setembro, Proclamação da República, 21 de abril, todas as datas comemorativas tinha a presença do Orqueón.

Sobre o estudo da matemática, não sei se posso dizer que me interessava, não posso dizer isso sobre nenhuma matéria, porque a gente não tinha uma pessoa que nos estimulasse

pra alguma coisa, era nossa obrigação estudar, a gente tinha que saber, a gente ía na escola e só fazia aquilo, caía como uma cobrança sob nós, então não sei se era interesse. O que eu posso dizer é que eu nunca tive muita dificuldade em nada na escola, mas eu nunca tive mais queda por matemática ou português, eu acho que eu não tinha essa visão que hoje os pais têm dos filhos lá na escola, que a criança tem mais facilidade para isso ou para aquilo; ninguém tinha essa visão, é muito difícil falar isso.

A matemática, era uma disciplina que me encucava porque, na verdade, nunca ninguém me explicou a matemática. Era tudo muito decorado, eu não conseguia entender porque o mesmo número tendo sinais opostos tinham valores diferentes, e não adiantava perguntar para as professoras porque elas ficavam bravas com a gente, sempre alegavam que quem perguntava era quem não prestava atenção na aula, então você não podia questionar. Eu acho que só depois na Escola Normal, eu senti uma abertura, mas porque nós também já tínhamos amadurecido um pouquinho, tínhamos mais leituras, embora já tivéssemos pegado àquela época de ditadura, onde não se podia ler muito, não se podia falar muito, e o professor muito menos, ele era muito castrado na sala de aula.

Eu ainda me lembro de algumas professoras que me deram aula, como a dona Esmeralda, minha professora de 4ª série, que era uma pessoa mais aberta, faz uns dois, ou três anos que ela morreu. A de 3ª série era mulher de um gerente de banco, ele foi transferido de Garça na época, e ela foi transferida junto, por união de cônjuge. A dona Maria Helena, me deu aula na 1ª série, é uma senhora ainda muito bonita, ela é de família daqui. Mas é difícil manter contato durante tanto tempo com as pessoas.

Ao terminar o ensino do Grupo, tinha que fazer um vestibularzinho, que chamava-se Exame de Admissão para poder continuar estudando, eu me lembro que naquela época tinha apenas uma classe de quarenta e sete alunos que ia se formar, e todos fizeram o exame, desses, passaram onze, e eu passei em 2ºlugar, me lembro até hoje quem passou em 1º, Claudete Gimenez, no entanto as vagas restantes não foram completadas porque para entrar precisava atingir uma certa pontuação.

Então era difícil terminar os estudos, pode-se dizer que 50% dos alunos paravam no Grupo, porque havia inúmeros empecilhos, como a necessidade de começar a trabalhar, as meninas procuravam casa para trabalhar como empregada doméstica, loja do comércio, ou, completando onze, doze anos, iam trabalhar na catação de café. Garça era uma cidade que vivia do café, e empregava muita mão de obra, tinha várias máquinas de selecionar café, 90% das meninas que saíam da escola ao terminar a 4ª série, iam trabalhar na catação de café. Isso acompanhado da inexistência de cursos noturnos, e além disso, a prova de admissão, que era muito difícil e acabava barrando grande parte de quem ainda podia estudar. Os alunos que tinham poderio financeiro melhor faziam ao longo do ano, com professoras particulares, o curso de admissão junto com a 4ª série, as professoras que davam esse curso eram a dona Didi e a dona Fura, mas não eram todos que podiam fazer, porque era muito caro, meu pai, mesmo, não podia pagar, fiz o exame sem ter freqüentado um dia desse curso e passei em 2º lugar.

Eu fui uma das poucas a continuar estudando, daqueles que permaneceram na escola após a 4ªsérie, 50% terminou a 8ªsérie, e dos que terminaram 30% parou nesse ponto. Depois, o pessoal foi se dividindo, na Escola Normal, acho que desse pessoal que continuou estudando, 20% entrou. A Escola Normal era a escola responsável pela formação de professores, era como o Magistério.

Quem terminava a 4ª série Ginasial e quisesse continuar os estudos, tinha três opções, que era o Científico, o Normal e mais um que eu não me lembro, eu fui para a Escola Normal. Em Garça, a Escola Normal funcionava em dois lugares, no Colégio e no Hilmar Machado. Eu acabei me formando em Marília, no Colégio São Bento, porque eu voltei para lá, mas comecei o curso em Garça no Hilmar. Ao terminar o Normal fiz faculdade, o curso de Letras, também em Marília, na Unesp, hoje esse curso funciona em Assis. Quando eu estudei, as coisas eram diferentes, não havia essa busca incessante por faculdade, as pessoas já se

contentavam com o diploma de datilógrafo e ia trabalhar no escritório. Mas as profissões mais seguidas eram de costureiras, alfaiates, serviços em bancos.

Foi muito importante estudar, naquela época quem estudava tinha emprego garantido, terminava o curso e logo começava a trabalhar; não tinha essa concorrência danada. O professor recém formado, por exemplo, em um instante começava a dar aula. Em Garça a maior procura era para a formação em contabilidade, ao terminar a 8ª série entravam numa escola de comércio, chamada Escola de Contabilidade, quando terminavam ingressavam em escritório, banco.

Gozado que mesmo tendo tantos problemas, é um período que dá saudades, até porque todas essas coisas que a gente vê agora, era para mim desconhecido, por ser tão comum, por exemplo, na tua casa seus pais eram autoritários, teus irmãos eram, a sociedade era, o vizinho era, você era acostumada com aquilo, e eu gostava daquilo. Além do mais, tinha também outras coisas melhores, a gente tinha uma liberdade maior para brincar, e as brincadeiras eram mais saudáveis, não tinha essa maldade, essa malícia, esse pessoal que mata um ao outro, que rouba; a tua casa era aberta, escancarada, não tinha portão, não tinha nada, era um tempo muito mais romântico. Você podia curtir muito um ano inteiro, porque passava muito devagar.

Eu autorizo essa entrevista para a publicação no trabalho de Iniciação Científica no curso de Matemática.

#### 3.2. Neuza Julião, aluna

(entrevista gravada em Garça, no dia 07/01/2006)

Tempo de gravação: 23 minutos

Meu nome é Neuza Julião. Tenho 54 anos e estudei no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo – de 1957 a 1962. Meu pai é João Julião, minha mãe é Josefina Viralto Julião, e meus irmãos são João Carlos, Layde e Tadeu.

Não sei se vou lembrar tudo, pois já se passou muito tempo: foi entre 57 e 62... O prédio era do mesmo jeito que é hoje. Não tinha quadra e não tinha grade. Sempre foi no mesmo local, na Avenida Brasil (que hoje é chamada por Avenida Dr. Rafael Paes de Barros) com salas em cima, embaixo..., porque eu estudei em cima e também embaixo. Funcionava das 8h00 às 11h00, das 11h00 às 14h00 e das 14h00 às 17h00. Esses eram os horários.

E tinha muitos alunos nos três períodos. Geralmente das 11h00 às 14h00 a preferência era mais para a turma da fazenda. Acho que era por causa do ônibus... não sei, eu imagino, também não sei se eles vinham de ônibus de linha, só sei que o horário das 11h00 às 14h00 era de preferência aos alunos das fazendas. Eu estudei das 11h00 às 14h00 e, se eu não me engano, me parece que eu estudei das 14h00 às 17h00 também. Não me lembro muito bem em qual ano... só sei que estudei nos dois períodos.

Tinha da primeira à quarta série, só. Não sei bem, mas penso que todos, a maior parte dos estudantes não parava depois da quarta série... continuava os estudos. Nem me lembro se tinha muita reprovação. Eu mesma só repeti o segundo ano. Tinha um professor para cada classe, o ano inteiro aquele professor. Um professor para o primeiro ano, outro para o segundo, outro para o terceiro e outro para o quarto. Tinha professores e professoras. A minha primeira professora foi a dona Nadir, a segunda foi a dona Corina (foi quando eu repeti), no terceiro ano foi a dona Zizi (que já até morreu), depois foi a dona Juraci (que é viva ainda) e tem a professora Ivete, que me deu aula no quarto ano.

Também tinha aula de catecismo. Naquele tempo eles nos davam aula de catecismo. Era dentro da classe mesmo, no horário das aulas. Não lembro se tinha alunos que eram dispensados... se tinha alguém que era evangélico e saía da aula, eu não lembro.

Não lembro se minha classe era mista. A minha irmã acha que não, que era só menina na nossa classe, mas eu não me lembro... porque tinha uns meninos também que estudavam lá. Mas nem eu, nem minha irmã nos lembramos se tinha menino e menina na minha classe... Já faz tanto tempo...

Não lembro se levava registro para matricular, mas não tinha nenhuma prova para entrar. Entrava direto: você ia lá matriculava e entrava. Eu entrei com seis anos, mas acho que a idade ideal para se ingressar no Grupo era com sete anos, se eu não me engano. Eu entrei com seis porque neste mesmo ano eu já completava sete anos - acho que era para a gente não ficar atrasado em relação aos outros.

Todos os alunos do Grupo Escolar usavam uniforme. O uniforme das meninas era saia azul marinho de prega e blusa branca. A maior parte dos alunos tinha uniforme, mas era a gente que fazia. Tinha as crianças que eram da caixa lá (assim que falava), mas eu não lembro, não sei se eles ganhavam uniforme ou não... A caixa era para os alunos mais pobres, para aqueles que não podiam comprar material, então era dado, às vezes, pela escola, mas eu não sei que material eles davam. Mas podia entrar na escola sem uniforme, porque às vezes a gente ia sem.

O Grupão é a escola mais velha que tem aqui. Depois dele teve o Grupinho... falava Grupão e Grupinho. O Grupinho é onde hoje é o Maria do Carmo Pompeu Castro.

Também lembro que tinha merenda. Eles davam leite com groselha para nós, dava canjica... Acho que isso acontecia em todos os períodos. Se tinha merendeira a gente não

lembra... Eu me lembro da servente (a escola era limpinha), mas não sei se era ela que fazia a merenda.

Na nossa classe a gente se dava bem. Não me lembro de ter diferença entre os alunos. A relação com os professores também era boa, eles tratavam bem os alunos e ensinavam bem. Tinha uns que eram meio bravos, a dona Corina, eu me lembro, mesmo, era brava...

Tinha umas professoras que levavam na sala um ponteiro e o usava para indicar na lousa o que estava explicando para nós. O ponteiro era uma vara comprida de madeira. Nossas professoras eram bastante exigentes e bravas, não admitiam conversas durante a aula, quando a gente estava conversando, elas vinham com o ponteiro na mão e batiam na nossa carteira, para a gente parar com a conversa, a dona Corina, uma das minhas professoras, me deixava de castigo debaixo da escada, deixava a gente lá... mas quando ela ia embora a gente saía correndo e ia embora! Agora, se tinha prova como hoje em dia, bimestral, eu não lembro. Tinha prova, sim, para ver se passava de ano ou não. E também conferiam a freqüência do aluno. Eu nunca faltava...

Tinha também brincadeiras... A gente brincava de queima, de roda, minha irmã lembrou de pique... essas eram as brincadeiras que a gente brincava. E naquele tempo tinha também o Jardim da Infância. Algumas crianças iam para o Jardim, outras não. Eu não fui, já entrei direto no primário. Mas tinha os pequenininhos que estudavam lá... que era a dona Nilma que dava aula. Agora tem o pré-1, pré-2, pré-3, não é? Então eu lembro que tinha o jardim de infância, tinha umas crianças que faziam o jardim de infância, agora eu não sei como que acontecia... acho que eram criancinhas menores que queriam fazer e faziam, mas eu não sei

se era para todo o mundo, disso eu já não me lembro porque eu mesma entrei direto, meus irmãos também, de casa todos entramos direto no primeiro ano.

Nem eu nem minha irmã lembramos se tinha comemorações... Eu não lembro se cantava o Hino Nacional... eu já não lembro porque... olha quanto tempo faz!

Eu me lembro assim bem, é que a gente brincava muito de queima. Eu lembro



que eu brincava com a filha do diretor<sup>1</sup>, com a Marta. Me parece que o pai da Marta foi diretor durante todo o tempo que estudei no Grupo Escolar.

Dos meus estudos no Grupo posso dizer que em relação à matemática eu gostava mais ou menos. Olha, naquele tempo a matemática era assim, continhas de mais, menos... eu senti mais dificuldade em matemática no colegial. Mas no primário não, porque era só fazer conta: mais, menos, dividir e multiplicar. Quando a gente estudou era isso aí. A professora mandava ir à lousa fazer essas contas e a gente ia. Eu sabia bem a tabuada... então não tinha problema em fazer as contas no caderno ou resolver na lousa, eu fazia bem essas continhas... assim na matemática que eu aprendi no Grupão, não tive muitas dificuldades.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Ela mostra seu certificado de conclusão com o carimbo do diretor Mussi: Antônio José Jorge Mussi

Então, depois de dez anos que eu tinha acabado o primário, eu entrei no Colégio Comercial, que era na avenida Brasil, funcionava na antiga escola de música Vila Lobos. Depois eu saí de lá e fui fazer o colegial, o técnico em enfermagem no C.E.I.² (quando comecei a fazer o primeiro ano técnico em Enfermagem, a escola funcionava no Hilmar, e depois transferiram o curso para o C.E.I.) - naquele tempo ainda era o C.E.I., não tinha passado a ser o Centro Paula Souza, então concluí o curso e ingressei em 82, depois de prestar vestibular para Assistente Social, na Unimar³, fui até abril, mas eu não gostei do curso e desisti. Daí, no outro ano eu prestei vestibular para Educação Artística, aí eu fiz os três anos do curso de Educação Artística e me formei, mas eu não atuei nem atuo na área porque eu já era concursada neste meu trabalho, no Centro de Saúde, então fiquei no Centro de Saúde mesmo. Já faz vinte e um anos que eu trabalho lá.

Eu acho que foi importante estudar porque tudo que você aprende é válido. Nesses dez anos que fiquei sem estudar, logo depois que terminei o primário, eu trabalhei em casa de família, fui para São Paulo trabalhar, e fiquei por lá durante quatro anos, voltei para Garça, então entrei no Hospital São Lucas (HSL), trabalhei na parte de enfermagem no Anexo Psiquiátrico do HSL em 74, era atendente de enfermagem, era assim que chamavam, porque naquele tempo você entrava como atendente. Depois que eu já estava lá comecei a fazer todos os cursinhos que tinha, fiz os cursinhos de atendente, de pediatria, lavanderia... tudo eu fazia. Aí eu fui fazer o Técnico em Enfermagem. Em 1984 eu saí do hospital porque eu prestei o concurso para o Centro de Saúde e passei. Eu já tinha terminado o técnico e já estava estudando Educação Artística. Por aí eu vejo como foi importante estudar, todos os avanços conquistados por mim foram através do meu empenho nos estudos.

Dos meus colegas de escola eu me lembro de alguns que eram mais próximos a mim, mas não tenho contato nenhum com eles. Meus dois irmãos terminaram o 4º ano, fizeram o Ginásio e depois fizeram o Colegial. Minha irmã, Layde, que é dois anos mais velha que eu, só fez o primário e parou de estudar, mas o João Carlos, que é três anos mais novo que eu, fez o primário, o ginasial, o colegial e depois fez faculdade Educação Física, ele é professor de Educação Física, já deu aula na Escola Agrícola de Garça e tem também o Tadeu que é dez anos mais novo que eu, que fez Educação Física como o João Carlos, mas nunca deu aula, porque o que ele gosta de verdade é da agricultura, ele trabalha na Casa da Lavoura, então fez por último o curso de Agronomia na FAEF<sup>4</sup>, que tem mais a ver com o seu trabalho e seu gosto.

Que eu me lembro, os professores que davam aula no Grupão eram aqui da cidade mesmo, ao menos os que eu me lembro eram todos daqui, por exemplo a dona Juracy, que me deu aula, ela e toda a sua família é de Garça, e ela é viva, inclusive sua filha é também professora como ela. De funcionário eu lembro da servente, que era a dona Lurdes, que é viva. Me lembro também que na porta da escola ficava o senhor Aristides com um carrinho, ele vendia pipoca, manjar... essas coisas e também a senhora Belmira que vendia algodão doce.

# 3.3. Lázara Saenz Artioli, professora

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Centro Educacional Industrial

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Universidade de Marília

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal

## Ana Maria Saenz Artioli, aluna

(entrevista gravada em Garça, no dia 22/02/2006)

Tempo de gravação: 64:56 minutos

Essa entrevista foi realizada simultaneamente com as depoentes que são mãe e filha, sendo a mãe professora e a filha aluna do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo. A entrevista foi separada em duas partes, sendo que a Parte I destaca a vivência da depoente Lázara, enquanto professora e a Parte II, faz referência as memórias de Ana Maria enquanto aluna.

#### Parte I

Eu me chamo Lázara Saenz Artioli, fui professora do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, acho que, durante vinte e um anos. Me aposentei se não me engano em 1978, quando o grupo já tinha sido mudado para Escola Estadual Professor João Crisóstomo, porque grupo foi bem no comecinho.

Nasci em Aguaí, no norte do Estado, em 11/09/1919, meu esposo em São João da Boa Vista. Quando crescida fui para Agudos, porque meu irmão morava em Agudos, para estudar, porque naquela época, escola para formação de professores só tinha em Agudos. Lá estudei no Ginásio Santo Antônio, era o melhor da região, por isso tinha gente de todo canto estudando lá, e foi nesta escola que conheci meu esposo, que como eu também foi professor, ele se formou em 1939 e eu dois anos mais tarde, em 1941.

Meus irmãos trabalhavam para o Coronel Barros que tinha terras em Agudos, quando ele resolveu abrir fazenda aqui em Garça, o Tatão, um dos meus irmãos, veio trabalhar aqui e nós viemos junto, porque o Artioli, meu esposo, conseguiu uma escola em Jafa, naquele



Figura 3

tempo tinha facilidade para pegar escola, e eu por união de cônjuge vim para Garça. Eu comecei lecionando sítio do Biezinho, por dois anos, mesmo tempo fiquei Tereza Santa depois vim para cá.

Tive nove filhos, oito nasceram em Garça e um, meu segundo filho, nasceu em Santa Terezinha. Uma das minhas filhas, a Ana

Maria, fez magistério e é formada em Matemática, mas outras duas também acabaram dando aula, a Celestina fez Enfermagem e é professora do Centro Paula Souza no curso de Enfermagem e a Taicinha fez Desenho Industrial e é professora de Designer na Escola Técnica Federal, em São Luiz, no Maranhão.

Dos meus nove filhos dei aula para apenas três, só para os meninos, pro Armando, pro Ermínio e pro Quincas, porque eu dei aula durante muito tempo para um 5º ano, até que o seu Mussi- o diretor do Grupo- me falou que precisava mandar uma professora de

responsabilidade pra São Paulo para fazer um curso de especialização de primário e queria que fosse eu, o Artioli concordou e eu e uma amiga minha, muito querida, fomos fazer esse curso de especialização em admissão que durou pouco menos que um ano. Nesse curso foi ensinado como devia começar a alfabetização, a ensinar a matemática, ensinar a história, essas coisas assim pra criança ir desenvolvendo a memória.

O Grupo todo em si me marcou muito, porque eu gostava demais, eu era amiga de todo



Figura 4

o mundo, não tive inimizade dentro do Grupo, e eu fui muito procurada como professora, teve pai que fez até carteira pra pôr o filho na minha sala porque não cabia mais na minha classe.

Quando lecionei no Grupo, ele já se localizava onde está hoje, na avenida, era um prédio grande, e inclusive ele em si não mudou muito, fizeram algumas reformas lá no

fundo, modificaram a fachada daquela quadra do lado e a cobriram, porque antes ela não era coberta, as crianças faziam ginástica lá mas era toda descoberta, não tinha aquela grade, era só aquele gramado ali na frente, então as mudanças foram essas. É um prédio muito bonito.

No meu tempo de Grupo já tinha diretor, tinha inspetor, era muito bem organizado. Tinha lanche para as crianças, que era a merenda e tinha até uma vaca leiteira. Tinham também uma cozinheira muito boa, a gente pagava, bem de vez em quando, o calderãozinho que era dado para os alunos, nos dias em que ela fazia uma canja, alguma coisa gostosa, cheirosa para levar para casa. Posso dizer que a cozinha era muito bem organizada. Também tínhamos servente trabalhando na escola. A escola era muito limpa, todo santo dia a limpavam, um pouco também porque as professoras ensinavam limpeza. A educação também era outra.

O aluno entrava no Grupo com sete anos, analfabeto e não era obrigatório fazer o Jardim de Infância. A escola era mista, embora algumas salas tivessem meninos e meninas separados. Funcionava das oito ao meio dia, mais tinha outros horários que eu não me recordo, tinha vinte minutos, mais ou menos, de recreio para as crianças comerem seus lanches e brincar. Eu dei aula nesse período, da 8:00 ao 12:00 horas.

Os alunos eram todos da cidade ou de alguma fazenda próxima, não tinha nenhum aluno de outra cidade. Na minha sala tinha uns quatro ou cinco alunos de fazenda, o transporte era um problema para as crianças das fazendas, porque a Prefeitura não cedia transporte para eles, eles precisavam vir a pé, ou de bicicleta, de caminhão, de carroça, então o pai da criança era o responsável pelo seu transporte. Era raro uma fazenda que tivesse uma Escola Estadual. Antigamente era muito mais difícil estudar, hoje em dia está tudo mais facilitado, por isso que de primeiro era elevado o número de analfabetos.

As salas de aulas eram numerosas, havia uns quarenta alunos ou mais, teve sala minha que chegou a ter 46 alunos, porém o professor conseguia dar sua aula tranqüilamente porque ele se acostumava de tal modo com aquela prática que conseguia dar português pra uma turma, por exemplo, dava narração pra essa, e leitura pra aquela, enquanto isso dava outra coisa para outro, fazia de um jeito que uma aula não atrapalhava a outra. E eu era muito procurada como professora, era querida e sou até hoje, saiu na rua ajunta cinco, seis homens

barbudos, todos com barba branca, e já foram meus alunos, minha turma formou muito doutor também!

Eu dava aula de uma maneira bem própria minha, o conteúdo a ser ensinado era o mesmo para todos os meus alunos, porém o jeito de ensiná-los era distinto, isso porque não existia um aluno igual a outro, tinha aluno que era mais vagaroso e tinha os espertos, então trabalhava mais com menos fortes, tentava fazer com que de alguma maneira um acompanhasse mais ou menos o outro. O aluno que tinha dificuldade em aprender



Figura 5

eu trazia pra casa a tarde para dar aula particular, eu dizia que era pra dar leite para eles, percebi que geralmente esses alunos mais atrasados eram filhos de pais mais pobres, desinformados, que não ajudavam o desenvolvimento do filho na escola, então, eu trazia em casa para dar lanche ou o almoço e aproveitava para dar uma aula, eu fazia assim. Então, a sala ficava dividida em seção A, B e C, no primeiro ano, o A era a mais fraquinha, era a que eu chamava na lousa, a B já era mais fortinha e a C nem precisava, só olhava, e eles já faziam; eu via os erros e os mandavam consertar, ou senão, eu fazia uma espécie de exame, punha na lousa as perguntas e os que respondessem teriam nota.

As salas de aula eram como as de hoje são, salas grandes, boas. Havia carteiras duplas na minha classe, aliás, naquele tempo, acho que em todos os grupos se sentavam de dois, na carteira dupla, que depois o governo veio pôr individual, as carteiras individuais.

A relação entre os alunos do Grupo era muito boa, acho que na minha casa era até demais, porque todo domingo tinha duas, três alunas almoçando conosco, nós nos gostávamos muito e até hoje elas gostam demais da gente. Meu marido era muito leal, agradava a todos, então todo o mundo adorava ele, e ele adorava a casa cheia. Me lembrei agora, não faz parte do Grupo Escolar, mas faz parte da minha história, quando nossos parentes de Agudos vinham de férias, uns cinco, seis, sete todos da família, o Artioli saia e comprava caixa de goiabada, porque pra gente estar fazendo doce ficava difícil, porque tinha muita gente então precisaria fazer muito doce, aí ele comprava caixa de goiabada, caixa de bolacha e outras bobeiras, tudo de caixa pra poder dar conta de todos. Por fim, foi um tempinho tão gostoso, e passou tudo tão depressa.

A relação aluno- professor também era muito boa, ao menos a minha relação com os meus alunos sempre foi boa, nós tínhamos muito carinho um pelo outro, não é a toa que até hoje meus alunos se lembram de mim, chegam a vir ao meu encontro para me cumprimentar. Também tinha uma coisa, nenhum professor podia abusar demais de sua autoridade, porque tinha o diretor que repreendia o professor pelos atos mais bruscos com as crianças. Eu sei de uma professora que deu aula para o primeiro ano, quando a Ana estava no primeiro, uma protestante que era de Bauru, se a criança fosse com esmalte na sua aula ela fazia tirar, chegava na escola ela fazia tirar e a criança tinha que tirar, se fosse com pintura, a mesma coisa.

A minha formação começou no grupo escolar, eu ingressei e conclui. Em seguida fui para o ginásio e só depois de terminado o ginásio pude ingressar na Escola Normal, essa era a responsável pela formação de professores, que preparava apenas professor do primário. Nós já fazíamos o ginásio em função mais ou menos do que queríamos fazer depois. No caso, eu fiz

o ginásio pensando em depois fazer o Normal, então tudo começava no ginásio, porque tinha que ir pro Normal já meio interada do assunto. O Normal era uma formação em função da educação primária da criança, e ainda como estudantes nós já tínhamos contato direto com as salas de aulas, com os alunos, porque nós éramos submetidos à prática, através da disciplina Prática de Ensino que mostrava o jeito mais fácil de ensinar, como era o jeito da coisa, e tudo mais, usávamos as cartilhas e os livros.

Antes de terminar o curso a gente já podia pegar aula, caso o professor efetivo ficasse doente ou qualquer coisa assim, e não tivesse professor formado que o substituísse, nós que ainda éramos estudantes podíamos pegar a sala. Eu substitui em Bastos por dois meses uma professora que ficou doente. Eu saia de Vitória, de ônibus, dava aula em Bastos e voltava, o diretor não queria que eu saísse, mas dependendo do lugar onde conseguíamos aula, não era possível encontrar boas condições de trabalho, e esta era uma estrada poeirenta e nossa condução não era ônibus, era jardineira, então a gente só via aquela poeira no caminho. Acredita que já vieram atrás de mim, depois de todos esses anos aposentada, me procuraram



Figura 6

para eu dar aula particular, mas eu não quis, já criei meus nove filhos, e assim já está bom.

Na Escola Normal não havia ensino diferenciado para quem ia dar aula na zona rural ou na urbana, era a mesma aula para todos os alunos, a mesma matéria, a mesma assistência, as mesmas notas se merecessem, e depois de formados cada novo professor buscava seu caminho, ou seja, cada um ia dar aula onde conseguia, então não havia nenhuma restrição para OS alunos depois de formados. nem alguma

imposição de onde esse aluno deveria lecionar primeiramente.

Eu tenho muitas lembranças bonitas do tempo que fui professora do Grupo Escolar, eu já no primeiro ano recebi um pedido de casamento! Um aluno meu perguntou: a senhora não quer casar comigo? Além desse, tenho outro caso interessante. O Artioli sofreu um acidente e ficou seis meses no Hospital do Servidor em São Paulo, ele teve um problema sério na perna chamado osteomielite, que é uma inflamação nos ossos e eu para acompanhá-lo fiquei todo esse tempo na casa do nosso filho que morava em Osasco, e todo dia eu ia pro hospital no horário de visitas para ficar com ele. Um dia eu entrei no ônibus e pensei que fosse ficar em pé porque estava lotado, mas então um homem cedeu seu lugar para mim, pensei que fosse gentileza da sua parte e agradeci, mas quando o ônibus foi esvaziando e um lugar ficou sobrando do meu lado, ele se sentou e disse que eu lembrava uma professora que ele havia tido lá no interior, então perguntei que cidade do interior e ele respondeu que era uma escola da cidade de Garça, nessa hora eu já sabia que era eu, mas quis instigá-lo mais um pouco e perguntei quem era a professora, e ele confirmou que era a dona Lali, e completou dizendo que tinha muita saudade dessa sua professora, fiquei muito contente esse dia. Fico muito feliz porque meus alunos me reconhecem na rua, apesar de todos esses anos já terem passado, de eu ter engordado, mas foi impressionante a delicadeza dele, ele me conheceu antes, quando eu ainda estava em pé.

Tem uma aluna minha, ela se chama Ruth, dei aula para ela no primeiro ano, bem no finzinho da minha carreira, quando eu já estava para aposentar, hoje ela é uma mulher casada, é mãe e é professora como eu, leciona no CSA, ela é uma gracinha, desde que ela estudou

comigo, todo dia do professor ela vem em casa me ver e me traz um buquê de flores, a Neuza do Quiari também era outra que também vinha sempre, mas ela já faleceu.

Eu adorava os meus alunos e eles pareciam que gostavam muito de mim. Sempre tentei ser uma boa professora para eles, pensava muito em como eu devia dar a aula para eles entenderem, então, fiz até um esquema de aula, me dedicava até junho em leitura, e ao mesmo tempo dava aritmética, mas não apertava tanto quanto em leitura. Depois de junho eu já apertava os dois, e eles iam bem porque já estavam alfabetizados e estando alfabetizados eles entendiam melhor os problemas, por isso eu dava as aulas dessa maneira.

Quando eu me aposentei, fazia bem pouco tempo ainda, houve uma festividade no Garça Tênis Clube (GTC) em minha homenagem feita por todos os professores do grupo. Mas antes de eu me aposentar, antes dessa homenagem eu ganhei um prêmio, uma medalha de ouro muito bonita escrita atrás, ser professora foi muito gratificante para mim, e quando sou lembrada sinto o reconhecimento do meu trabalho.

#### Parte II

Eu sou Ana Maria, sou filha de pais professores, minha mãe foi professora do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, onde estudei, chamávamos a escola de Grupão, referência que fazemos até hoje à ela, muito raramente alguém fala dessa escola sem dizer Grupão. Estudei no Grupão da pré-escola até o quinto ano, eu nasci em 21/05/57, então entrei na escola em 1963 ou 64, não tenho certeza, sei que em 1964 e 65 eu já estava fazendo a pré-escola. O primeiro ano foi a dona Zuleika quem me deu aula, me lembro que ela ia vestida impecavelmente, chiquitíssima, ela ia linda. No segundo ano foi a dona Zizi, no terceiro foi a dona Lúcia, o quarto foi a dona Cida Escuráquio e o quinto ano foi a dona Beatriz Tucunduva Paranhos, que faleceu há pouco tempo, minha mãe soube aqui em casa, porque como está ficando com mais idade, está meio fraca e pouco sai de casa, porque ela cai muito, então fazemos o possível para sairmos com ela e quando não, ela está sempre em casa, mas sei que a dona Cida, a dona Odete, estão vivas.

Naquela época o ensino era do primeiro ao quarto ano, então o aluno ou fazia o quinto ano ou fazia uma prova de admissão para o Ginásio, que é a quinta série de hoje. Até o quinto ano se estudava no João Crisóstomo, agora se a pessoa fizesse o exame de admissão e passasse, mudava para o Hilmar. No Hilmar também tinha ensino de primeira a quarta série, mas acho que eram poucas salas. Minha mãe dava curso preparatório de admissão e aula de matemática no Ginásio a noite.

Em Garça, quando eu estudei, tinha o Grupão, a Escola da Estação, o Hilmar e me lembro que quando eu ainda era pequena já tinha o Maria do Carmo, e quando eu estava indo para o Ginásio foi feito o Lydia Ivone, que o pessoal chamava de Jeguinho, o Nely também foi feito depois.

Para entrar no Grupo Escolar era preciso ter sete anos, podendo entrar tendo feito o Jardim da Infância ou não, eu fiz o Jardim de Infância, mas era um Jardim diferente desse de hoje, só trabalhava com o lúdico, com o sensorial.

O que eu lembro assim daquela época, é que, por exemplo, na primeira série havia as carteiras duplas. O respeito que o professor ensinava o aluno a ter era notável, os alunos eram mais educados, se entrasse o diretor da escola na nossa sala ficava todo o mundo em pé pra dar bom dia pra ele, se fosse a servente também, a mesma coisa, todo o mundo levantava pra dar bom dia, então era ensinado postura, respeito. Era diferente do que se é hoje. Os pais tinham mais interesse pela vida escolar dos seus filhos, se o professor chamava os pais ele era atendido, comenta a minha mãe, hoje nós chamamos os pais eles nos falam para tentarmos dar conta dos seus filhos porque eles não conseguem mais, dessa forma eles colocam a responsabilidade toda sob o professor, e antes eram os pais que tinham essa responsabilidade,

eu sei disso porque eu sou professora. Mas então, eu só tenho lembranças boas do Grupo Escolar.

No intervalo das aulas nós costumávamos brincar de amarelinha, de pular corda, com aquele saquinho que joga pra cima e pega, tudo com uma mão só, de roda e muita correria, porque criança gosta de correr. Fora da escola, a gente brincava de queima, de betia, com brinquedos infantis, além de subir em árvore, que eles esqueceram, porque agora é só televisão, de bilboquê, burica, a gente jogava muito burica, aqui em casa que o terreno é grandão e os meninos eram mais velhos, todos nós jogávamos burica porque eles ensinavam pra gente, o Bruno ensinava pra gente como subia nas árvores, fazia casinha e dentro da casinha fazia um fogão de tijolo pra fazer arroz doce pra gente, então tinha muitas brincadeiras.

Eu não me lembro da sala dividida em seções A, B e C, mas lembro por exemplo que as duas primeiras fileiras eram dos alunos mais apertadinhos, os mais sabidinhos, então acho que a dona Zuleika separava por fileira, mas eu não lembro muito bem dessa separação. O que eu posso afirmar é que havendo essa separação mais despercebida ou aquela mais nítida, não existia como uma forma de discriminação, tanto é que eu nem lembro disso, porque se fosse uma coisa muito marcante, assim, discriminatória com certeza eu me lembraria.

Meus colegas de sala eram todos da cidade, não havia ninguém de outra cidade nem de fazendas vizinhas.

Minha relação com os professores era diferente, porque eram todos colegas do meu pai e da minha mãe, então eu já os conhecia, já sabia quem eram, e não tem jeito, você sabendo quem a pessoa fica tudo diferente, então a minha relação era boa.

Eu sempre fui uma criança danada, nunca fui uma aluna exemplar. E em relação a matemática acontecia o mesmo. Eu sempre fui bem em matemática, sempre tive facilidade, era preguiçosa, mas tinha facilidade, entretanto na 8ª série eu tive uma reprova, porque eu tive um professor, que Deus me livre, ele me reprovou.

Eu gostava muito de leitura, naquela época o professor tomava muita leitura e aqui em



Figura 7

Quincas, mas gostava de ler, e lê muito até hoje, esse é aposentado, tem uma fazendinha, onde ele planta limão, sempre foi produtor, gerente de propriedade agrícola. O quarto nunca deu trabalho,

casa tinha muito livro, eu não era dos filhos a que lia mais, quem lia mais era a

minha irmã Cele, que lia tudo, meu irmão mais velho, que é advogado também lia muito, minha mãe sempre dizia que o

era

ligava para a escola, o

mas

muito

pouco

segundo

inteligente

o Bruno, ele é engenheiro florestal, ele está em São Luís do Maranhão.

Foi com certeza muito importante estudar, quando eu fiz o vestibular, eu prestei para Matemática em Bauru- na Unesp e para Engenharia Química em São Paulo, passei nos dois. Eu estava já em São Paulo fazendo cursinho e naquela época a vida em São Paulo já não era fácil, então pensei que vou ficar aqui em São Paulo fazendo Engenharia Química nada! Eu vou embora para Bauru, e vim fazer Matemática em Bauru. Mas em 1982 minha mãe teve um

câncer de estômago, então eu voltei para São Paulo para acompanhar o tratamento com ela, abandonei o curso, e fui para lá. Depois de um tempo ela se recuperou e voltou para Garça, mas eu continuei em São Paulo trabalhando, porque eu tinha montado uma firma de comida congelada, mas logo veio o Plano Collor e danou tudo, então meu pai pediu que eu voltasse e terminasse a faculdade, aí eu voltei, mas eu não continuei na Unesp, eu transferi o curso pra USC no noturno, viajava todo o dia para Bauru, mas logo depois eu terminei e comecei a dar aula e estou no magistério até hoje.

Depois que me formei comecei a dar aula e nunca mais parei, nunca perdi o vínculo. A única vez que eu fui desligada, foi quando eu passei num concurso estadual e fui para a efetivação, então fui desligada num dia e no mesmo dia eu assumi como efetiva. Dou aula no Estado, aqui em Garça mesmo e as vezes ainda dou aulas particulares, porque sempre tem algum conhecido meu pedindo para eu dar aula pra um filho seu que está precisando.

## 3.4. Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora

(entrevista gravada em Garça, no dia 24/05/2006)

Tempo de duração: 80:26 minutos

Eu sou uma professora de bastante idade, vim de muito longe: eu vim de Guaratinguetá. Me chamo Benedita Juracy Siqueira Paiva, nasci em Natividade da Serra, uma cidade serrana da Central do Brasil, no dia 20/05/1917, estou com 89 anos e felizmente lúcida.

Ingressei na escola ainda muito criança, aos sete anos, os primeiros anos de meus estudos foram em Lorena, onde estudei com as irmãs salesianas. Fiz do primeiro ao quinto ano em colégio interno, sendo que os dois primeiros anos fiz externo e só depois, com o falecimento de papai, eu vim a estar interna, fazendo então três anos interna. Após esse tempo de estudo eu já estava mais ou menos preparada, porque a educação nesse tipo de escola era muito forte. Naquele tempo quem fazia quinto ano em colégio de freiras saía muito bem preparada, depois confrontando com os estudos posteriores é que eu vim ver. Esse preparo adequado era muito importante porque nós já ambicionávamos uma carreira a seguir, a gente visava isso, a gente já começava querer ganhar a vida, eu por exemplo sempre quis ser professora, sempre tive esse objetivo a alcançar.

Eu me formei pela Escola Normal Rodrigues Alves de Guaratinguetá, naquele tempo a terceira Escola Normal do Estado de São Paulo. Havia, ainda, somente três Escolas Normais em todo o Estado: a primeira era a Caetano de Campos, a segunda (se não estou enganada) era a de Piracicaba e a terceira, de Guaratinguetá- a Escola Normal Rodrigues Alves- um prédio muito bonito, muito bem feito que existe até hoje. Antigamente os prédios eram muito bem feitos, eram mais simples, feitos daquele tipo antigo que tinha que ser, mas eram muito bons. Minha casa ficava perto da escola, na mesma rua. Eu entrei na Escola Normal em 1935 e concluí em 1938, o curso tinha a duração de quatro anos, mas antes era necessário fazer o primário, o meu foi de cinco anos porque fiz em colégio salesiano, em seguida fazia-se o ginasial, que naquele tempo era de cinco anos, e eu ainda fiz três anos de complementar.

Depois de formada eu fiz o estágio numa escola rural em Caraguatatuba. Foi um ano pesado, muito difícil, porque naquela época havia muitas dificuldades, não tinha o conforto e a comodidade que existe hoje. Nós não podíamos ir dar aula e voltar para casa como as colegas fazem agora. Nós ficávamos completamente isoladas no pé da serra o ano todo, era tudo mais difícil. Hoje eu estou aposentada, já criei os meus seis filhos e todos estudaram, graças a Deus. Tenho filhas que são professoras. Na minha família tem professora de matemática, de português e de inglês e percebo que para elas já foi muito mais fácil estudar que para mim. Todas elas estudaram aqui em Garça no Colégio Santo Antônio e depois fizeram a faculdade, em Marília, que fica perto de Garça, então deu para elas todas se formarem, todas fizeram faculdade, e sem aquelas barreiras pelas quais eu passei. Mas essas dificuldades não nos impediam de continuar porque nós estávamos cheias de vontade de trabalhar. Eu estive nessa escola rural durante um ano todo e só no começo do ano seguinte pude pegar aula numa escola da cidade, porque aí eu já era efetiva.

Quando concluíamos a Escola Normal fazíamos o estágio, que era o primeiro passo depois da formação. Nós entrávamos para o quadro Estadual mediante um concurso que nos tornava estagiárias, permanecendo nessa condição por um ano, então tínhamos um novo concurso, que era de remoção e efetivação e a partir daí podíamos escolher uma escola. O concurso não era realizado através de provas: nós íamos até São Paulo, e todas as vagas eram expostas no Diário Oficial, formando listas enormes e então, entre as vagas oferecidas, marcávamos as escolas que nos eram mais interessantes, ou seja, aquelas que ficavam mais perto de nossas casas. Portanto os concursos eram diferentes, porque nós não tínhamos provas como hoje se tem, então, não tenho certeza, mas penso que o processo de seleção levava em consideração o tempo ou alunos com os quais o professor trabalhou.

Eu ingressei em 1941 como estagiária do Estado. Ser estagiária naquele tempo era diferente de como se é hoje, você só não era efetiva, porque ganhava do mesmo jeito e tinha todo o controle da classe, pois o estagiário era o responsável por acompanhar os alunos, era ele quem controlava toda a sala, então eu penso que era um tempo que eles davam para o professor se adaptar, talvez seja isso, eu não sei.

Antes de ser professora do Estado, eu fui funcionária municipal, trabalhei dois anos para a Prefeitura de Guaratinguetá. Me formei em 1938 e fiquei dois anos aproximadamente em casa, porque eu peguei uma escola municipal muito boa, uma escola em que eu mesma recenseei o bairro, porque o prefeito me deu uma autorização para que assim eu o fizesse, então eu mesma recenseei e vi tudo direitinho, arrumei tudo para que ele pudesse abrir a escola, e ele a abriu e me nomeou para o cargo de professora. Eu poderia ter ficado lá até o final da minha carreira, mas acontece que eu queria naquele tempo ser funcionária do Estado, porque a visão maior da gente era ser professora estadual, então eu fiz estágio nesses dois anos e prestei novo concurso para entrar no Estado.

Fiz um ano como estagiária na escola de fazenda estando já no quadro estadual de ensino e após ser efetivada lecionei um ano em Pirajuí, na Usina Miranda, aí o conforto era bem melhor, era uma escola muito bem arrumada, com tudo próprio para receber uma professora. De Pirajuí eu vim para o Grupo de Vera Cruz, não me lembro ao certo o nome, mas acho que era Grupo Escolar de Vera Cruz, onde eu fiquei bastante tempo. Então me casei. Depois de casada, morei um ano e meio ou dois anos em Vera Cruz e tive a minha primeira filha. Meu marido também não era da região, ele era de Ribeirão Preto e trabalhava aqui em Garça, naquele tempo havia muita plantação de café na cidade, que acabava por empregar muita gente e a família dele trabalhava com o café, eles tinham uma cooperativa agrícola e ele era inspetor agrícola. Depois eu fui para a fazenda São João, em Gália, porque o meu cunhado era sócio da fazenda e pediu para o meu marido dar uma organizada nela. Ficamos lá durante um ano e eu lecionei nesse período para as crianças da fazenda. Nos era oferecido o máximo conforto. Em seguida vim para o Grupo Escolar de Garça, onde trabalhei por muitos anos, até o ano de 1971, quando me aposentei, sendo que a escola ainda não havia se tornado Escola Estadual.

A entrada na Escola Normal se dava através de provas. O aluno terminava o Ginasial e se tivesse interesse em seguir a carreira de professor procurava o curso da Escola Normal e realizava uma prova. Essa avaliação era de acordo com o grau de estudo que se teve antes, então tinha os mais classificados que iam entrando. As classes eram numerosas, mas as salas de aula eram grandes, bem espaçosas. A minha classe, por exemplo tinha quarenta alunos no início, mas a tendência era diminuir até o final do curso porque havia transferências ou desistências, então sempre terminávamos o ano com trinta e poucos alunos.

A Escola Normal tinha ótimos professores, eram escolhidos os melhores de São Paulo, selecionadíssimos, e o programa era composto por várias matérias sendo que cada professor era responsável pelo ensino de uma matéria. Sendo assim tínhamos Psicologia, Didática, que vem a ser a Pedagogia hoje, Sociologia e várias outras matérias que já não me lembro mais. Nossa escola, mesmo sendo do interior de São Paulo (Guaratinguetá fica entre São Paulo e Rio), foi muito afamada, ela tinha um nome muito forte e deve-se destacar que o centro cultural de Guaratinguetá era e é muito bom.

O ensino era rigoroso, não era fácil, nós estudávamos mesmo. Nunca me esqueço um ponto, por exemplo, de psicologia- reflexão- um ponto enorme, quase meio caderno, então os professores muitíssimos cultos ficavam à frente da sala e elucidavam o estudo, se abriam, se expandiam, completavam, falavam tudo pormenorizado sobre o assunto, e cada um dos alunos ouvindo com toda atenção procurava rascunhar o que entendia. Então, depois da aula, nós nos reuníamos em turminhas, porque sempre há turminhas mais unidas, eu por exemplo tinha uma colega e muito amiga a Salomé, cujo pai era poliglota e era um dos melhores professores da Escola Normal, ele dava aula de Psicologia, mas se preciso fosse lecionava qualquer matéria, qualquer língua, e havia na casa deles uma biblioteca de causar inveja, portanto eu fui

felizarda porque nós éramos muito amigas, nos dávamos muito bem. Além da Salomé, tinha a Odília, uma menina muito culta e estudiosa também, a Ivete, a Luiza e outras amigas. Então nós nos reuníamos estando cada uma com o seu rascunho, e se preciso fosse tinha compêndio disso, compêndio daquilo, graças à vasta biblioteca do pai da Salomé, e reuníamos todos os apanhados para fazer o nosso ponto, que por fim saía um ponto perfeito porque não havia falhas, visto que se eu perdesse um pedacinho que fosse, tinha uma outra que provavelmente não havia perdido o mesmo ponto que eu, e assim por diante. Então reuníamos todos os apanhados pegos por nós e formulávamos o nosso ponto, aí cada uma, conforme a sua vontade, passava para o seu caderno, naquele tempo a gente era muito caprichosa, logo todas passavam em seus cadernos tudo direitinho e estudavam.

Durante os estudos na Escola Normal éramos submetidos a exames em junho ou julho e dezembro, e às vezes tínhamos sabatinas, que eram aulas aos sábados. Eram quatro anos de estudo que realmente tornavam o aluno preparado para estar lecionando após a conclusão. Eu, por exemplo, graças a Deus, e nem minhas duas irmãs que também são professoras, aposentadas e velhinhas como eu, nunca tivemos nenhuma dificuldade no decorrer da carreira porque fomos bem preparadas. Às vezes a gente ouve professores reclamando da dificuldade que encontram em seguir um trabalho ou outro, a indecisão, a falta de escolha, coisas decorrentes ao grau de preparo que tiveram, não digo apenas o grau com o qual ela se formou e foi trabalhar, é além disso, é o preparo da vida toda, por que nós temos uma vida de preparo, são vários cursos, e em todos a gente procurando sempre o melhor, então isso é o que faz a pessoa mais preparada, é um tempo mais longo que a formação escolar, é o tempo todo que vem lá de longe.

Todo início de carreira se dava numa escola rural, todos que terminavam a Escola Normal, através do primeiro concurso, eram enviados às fazendas para ficar durante um ano lecionando ali na condição de estagiário, e só depois desse período é que se podia, mediante o concurso de efetivação, ir para as escolas de cidades. Aí você não precisava mais voltar às escolas rurais, a não ser que fosse da sua vontade, de seu interesse, por exemplo, sair de um ótimo grupo, numa boa cidade, para ficar numa escola de fazenda que geralmente eram escolas com muitas dificuldades. Esse período era muito difícil para nós, porque nós íamos e ficávamos lá o tempo todo, só voltávamos para casa nas férias, nós não tínhamos nada de feriadinho, de fim de semana, não tínhamos nada disso, era o ano todo ali, afastados de tudo.

Quando eu fui conhecer a minha primeira escola em Caraguá, mamãe me acompanhou, porque naquele tempo nós não éramos como as moças de hoje que são mais livres, que se viram sozinhas, os tempos mudaram e essas relações acompanharam a mudança. Mas mamãe foi comigo até lá. Mamãe saiu chorando, não queria que eu ficasse porque o lugar era simplesmente horrível, não tinha o menor meio de vida, era horrível, quem não viu não pode calcular como era aquele lugar, a escola era uma sala muito rudimentar com umas carteiras. Eu só fiquei porque uma colega minha também ingressou ali. Eram duas escolas, a primeira e a segunda escola do Pau-D'Alho em Caraguatatuba. Não era nem uma fazenda, era no pé da serra, hoje fazenda é fazenda, mas aquilo não era, ficava no pé da serra, no mato mesmo. Eu e essa colega que era minha amiga, nos formamos juntas e estávamos na mesma turma para a escolha da escola. Ela estava com a mãe dela que também era professora e eu com a minha mãe, e ela falou para mim: "ô Jura, se eu pegar a primeira escola do Pau-D'Alho, você pega a segunda?", porque já estava no fim. Então falei que pegava, e ela escolheu a primeira do Pau-D'Alho, eu fui atrás e escolhi a segunda do Pau-D'Alho, só que eu ainda voltei para casa porque ainda tinha uns dias para me apresentar à escola, e ela foi por outro caminho, foi por Santos, mas nós ficamos o ano todo ali, juntinhas uma com a outra, fomos amigas irmãs, e essa foi a minha sorte, sozinhas talvez a gente nem tivesse ficado ano todo lá, mas com amizade fica mais fácil de vencer qualquer obstáculo, então enfrentamos juntas aquele ano.

Caraguatatuba não é longe de Guaratinguetá, é pertinho, mas era muito difícil para nós nos locomovermos até nossas casas ou mesmo manter contato com nossa família, porque

naquele tempo não tínhamos as estradas que temos hoje e os meios de comunicação eram muito deficientes, então só saíamos do pé da serra para irmos para casa nas férias.

Nos efetivamos no ano seguinte e escolhemos escolas distintas, ela foi para uma que ficava mais perto da mãe dela, em Taubaté, e eu vim para a região de Garça, porque não consegui ir para mais perto de mamãe e aqui eu tinha minha irmã mais velha que já havia se casado e já lecionava na Fazenda São Luís. Minha escola não era pertinho aqui, mas já era na região, onde eu tinha pelo menos uma irmã. Mamãe não me deixou vir sozinha, veio comigo no trem. Naquele tempo a locomoção toda era feita de trem, ainda não havia os ônibus interestaduais que passam de cidade em cidade, então ficava mais difícil, mas a gente dava um jeito. Então viemos. O meu cunhado nos esperou e aqui ficamos, dei aula em várias escolas até entrar no Grupo Escolar de Garça, onde permaneci até me aposentar.

Quando eu vim para o Grupo Escolar de Garça, o prédio onde funcionava a escola não era o mesmo onde hoje funciona a E.E. Professor João Crisóstomo, este ainda estava em construção. A escola funcionava num prédio próximo ao da construção, onde hoje é o Museu. Ficamos lá até o Grupo ser acabado. Esse prédio, o atual Museu, ficou durante muito tempo fechado até que o Tiro de Guerra se instalou nele por um tempo. Era um prédiozinho antigo, tinha uma escada de lado a lado, ali era acanhadinho o Grupo, as salas eram bem pequenas, não era um prédio próprio ao funcionamento de uma escola, era tudo adaptado. Mas foi ótimo o relacionamento entre professores, professores e diretor. Naquele tempo nosso diretor era o Seu Nelson Gabaldi, já falecido, e ele foi muito bom. Aquele tempo me deixou muita saudade.

Com a inauguração do João Crisóstomo nós passamos para o prédio novo, uma escola muito bem feita, muito bonita. A escola é a mesma que conhecemos hoje, o Grupo Escolar foi construído propositalmente para um definido fim, então era tudo adequado ao funcionamento de uma escola, as salas eram amplas e bem claras, as lousas eram grandes, eram salas muito boas, os alunos sentavam-se em carteiras individuais, tinha uma cozinha muito boa, eram coisas próprias para atender às necessidades de uma escola. As condições foram melhorando com o tempo, foram se modificando para melhor.

O bom andamento de uma escola deve-se também à competência dos diretores que bem a dirigem, e nossos diretores foram muito bons. Tive vários diretores, trabalhei com o professor Mussi, que faleceu há pouco tempo, com o professor Sérgio de Stéfani que substituiu o diretor por várias vezes, um bom professor e bom colega. Aliás nós tivemos ótimos colegas, que nos deixaram saudades, mas a maioria está indo embora, embora porque a idade vem chegando, e assim como se deixa os lugares nas escolas, deixa-se também na vida para que outros venham.

Para estudar no Grupo Escolar bastava que a criança estivesse matriculada, não sendo necessário ter cursado o Jardim de Infância. Antigamente não era como hoje, não tinha 1°, 2°, 3° ano de pré. Meus filhos, por exemplo, entraram direto na primeira série. Agora, com os meus netos já foi um pouco diferente, eles vieram a fazer esses três anos de Jardim. Mas havia o caso também de alunos que ingressavam através de transferência, não sei direito, mas acredito que naturalmente eles traziam um atestado da escola onde eles estavam cursado comprovando sua escolaridade, por exemplo, quem se matriculava no 3° ano devia trazer um atestado de conclusão de 2ª série, se ia se matricular no 2° ano trazia o atestado da 1ª série e assim para todas as séries. O ensino era obrigatório, aliás sempre foi obrigatório, no início tínhamos muitos alunos de fazenda estudando na cidade, estudavam todos juntos, mas depois foram abrindo muitas escolas rurais e conseqüentemente diminuindo os alunos de zona rural dos Grupos.

O Grupo Escolar funcionou a princípio em três períodos que era de 8:00 às 11:00 horas, de 11:00 às 14:00 horas, e me parece que de 14:00 às 17:00 horas, mas teve esses horários durante pouco tempo, porque logo passou a funcionar em dois períodos, das 8:00 às 12:00 horas e das 12:00 às 16:00 horas. O tempo em que funcionou em três períodos não havia a distribuição de merenda, porque tratava-se de um tempo reduzido. Mas ao passar para dois

períodos, colocaram um recreio entre todo o período, que antes não existia, e aí a merenda passou a ser servida. Tínhamos merendeira e cozinheira e elas faziam sopas muito bem feitas. Torno a dizer que tudo isso dependia muito do diretor porque num estabelecimento com boa direção tudo caminha bem.

No início do meu trabalho no Grupo eu peguei o pior horário, porque a gente no começo sempre pega o pior: era o segundo período, mas trabalhei pouquíssimo tempo nele. Eu achava ruim, porque além de professora eu era também dona de casa e esse horário me fazia sair de casa na hora do almoço, deixar as crianças, eu com seis filhos pequenos, então para mim era difícil. Mas depois eu pude escolher o horário que eu achava melhor, porque eu já tinha mais anos de carreira dentro da casa. Então escolhi o terceiro período, trabalhando nesse horário eu já deixava as crianças almoçadas e encaminhadas para depois, mais tarde, irem à aula. Já deixava a casa em ordem, deixava tudo dirigido, certinho, então era mais fácil para a dona de casa. Eu sempre achei o terceiro período o melhor para a dona de casa, e naquele tempo um professor não podia pegar mais de um período.

A princípio o Grupo Escolar ofereceu ensino de 1ª a 4ª série para a população, mas com o decorrer do tempo passou a oferecer também a 5ª série, que era uma condição diferenciada dos demais Grupos que já existiam na cidade, porque apenas o nosso Grupo teve, mas não era nada de muito diferente, para mim era um 4º ano mais forte, com mais preparo. Acredito que era mais um preparo para o Ginasial, um curso preparatório. Depois até passaram a ter o curso preparatório, mas era particular.

Nossas salas no João Crisóstomo eram bem numerosas, tinha aproximadamente 37, 38 até 40 alunos, e eram todas salas mistas, mas a grande quantidade de alunos não impedia o professor de dar sua aula, ele dava conta de tudo. Mas naquele tempo os alunos eram mais comportados e obedientes, então a gente com jeitinho os levava muito bem, sem que eles retrucassem ou reclamassem.

O uso do uniforme era obrigatório no Grupo e havia a caixa escolar que auxiliava aqueles que eram mais necessitados. fornecendo material escolar e, no caso, para quem precisasse, também uniforme. Então a maioria dos alunos sempre ia uniformizada, mas a caixa não era proporcionada

pelo Governo ou



Prefeitura nem pelos professores. Cada aluno tinha o seu material escolar, tinha o seu livro, sua cartilha, tudo certinho. O material todo era encapado com um papel de uma única cor que correspondia a classe do aluno, então cada classe tinha sua cor encapada no material, sendo

correspondia a classe do aluno, então cada classe tinha sua cor encapada no material, sendo amarelo, azul, verde, vermelho e nós colocávamos uma etiquetazinha com o nome e a classe, era tudo muito bem organizadinho, o Grupo era muito bem organizado.

Dei aula muitos anos para o primeiro ano, o que me deu muita felicidade, sempre tive cem por cento de promoção. Lecionei para todas as séries, inclusive para o 5° ano, mas o que

eu realmente gostei foi do 1º ano, meus aluninhos entravam sem saber pegar no lápis, não era como hoje que eles entram muitas vezes até alfabetizados. Naquele tempo eles entravam sem saber nada e era muito gratificante por exemplo em julho, vê-los vindo, olhando os dizeres nas lojas e lendo, era uma coisa linda, emocionante. Era muito difícil mas era, ao mesmo tempo, muito gostoso e gratificante, no finzinho dos meus anos na escola, eu lecionei mais de dez anos seguidos para turmas de 1º ano, eu adorava meus aluninhos, tenho alunos hoje de cabelinho branco, que são médicos, doutores, advogados e saíram do 1º ano comigo.

O professor que assumia determinada sala permanecia com a mesma até o fim do ano, e dava todas as matérias, inclusive o ensino religioso, naquele tempo nós tínhamos o ensino religioso durante o horário de aula (se não me engano toda semana meia hora, que era livre, então quem não quisesse ou não pudesse participar podia sair, mas os pais recebiam bem, eu nunca tive nenhuma queixa de pai). Portanto, o professor acompanhava uma única sala durante o ano. Se eu naquele ano escolhesse ou era determinada para a 1ª série tal, era aquela série tal que eu entregaria no fim do ano depois do último exame. Nós tínhamos dois exames, feitos semestralmente, e era uma professora para todas as matérias. Então era muito difícil um professor acompanhar uma classe ao longo do curso, eu mesma fiquei mais de dez anos seguidos com primeiro ano.

As avaliações eram referentes ao conteúdo todo dado, não era esse, este ou aquele ponto, era o conteúdo que havia sido dado durante o semestre, e os alunos correspondiam bem. Não havia muita desistência por parte dos alunos do nosso Grupo Escolar porque eles acompanhavam bem o ensino. As transferências, quando existiam, eram devidas à mudança de cidade da família. Não tínhamos problemas do tipo alunos quererem abandonar o curso por dificuldade de aprendizagem ou por serem obrigados a trabalhar para auxiliar a renda familiar.

As aulas éramos nós que preparávamos em casa, sendo necessário registrar todas as atividades desenvolvidas em sala em documentos da escola. Quando lecionávamos para o primeiro ano, fazíamos o diário que era ilustrado diariamente, era todo feito com deseinho daquilo que seria dado: por exemplo você ia ensinar leitura e começava pelas sílabas, digamos, o c-a da casa, então, haveria uma casinha ali, desenhada no diário. Para os anos seguintes já não se usava o diário, era semanário, registrava-se o que se passava para os alunos durante a semana, mas era todo ilustrado também. Tínhamos plena liberdade para gerenciar a nossa aula, agíamos conforme nosso preparo, nosso modo de transmitir o certo para o aluno, ao menos os diretores que nós tivemos no Grupão nos davam a maior liberdade possível.

Nós professores seguíamos um programa de ensino, então eram determinados quais conteúdos deveriam ser ensinados para quais séries, e eu considero isso muito importante, porque se a gente procura seguir uma meta, a gente se dedica a ela, se direciona para tal finalidade. E o programa era inteiramente cumprido. Por exemplo, vamos falar de mim enquanto professora, o meu horário era maleável, eu fazia o meu horário e meu modo de dar aula, porque eu não achava cabível dar uma aula de matemática e ao mesmo tempo ensinar uma outra matéria. Não é possível porque cada disciplina requer um momento único de aprendizagem, além do mais, a matemática requer mais raciocínio, então o professor deve aprender separar as matérias que não têm relação e dar todo o conteúdo programado.

Enquanto professora, é você quem faz seu horário dentro da sua sala, então deve-se ter um horário maleável, por exemplo: eu não sei se os colegas davam aula de civilidade, que é uma aula que não consta e acho que até nunca constou no currículo, mas não é uma aula difícil de se dar. Cada ato do professor é uma maneira de se educar, um simples gesto como se pegar um objeto é uma aula, porque, ao oferecer um objeto, você oferece de um modo que o aluno percebe que aquela maneira está certa, ele repara que você está fazendo aquilo daquele jeito, e conseqüentemente ele também vai pedir "por favor faça isso" como te ouviu fazendo. Então, eu acredito que o ensino, principalmente em algumas matérias, deve ser mais maleável, não pode ter uma hora rigidamente para dar aquilo ou aquilo, você deve seguir o programa, eu

concordo, mas seguí-lo conforme a necessidade da sua classe. Deve-se aproveitar as oportunidades que aparecem para se abordar outros assuntos interessantes e não menos importantes.

Uma aula por mais bem preparada que esteja, por mais minuciosamente escrita não acontece da forma prevista, porque aparecem outras coisas que você precisa elucidar, que você precisa esclarecer, porque você não pode deixar as crianças boiando naquele assunto, passando por cima do ponto que eles não entenderam e você não explicitou no seu plano de aula. Então você tem que sair daquele programa de aula, e às vezes até reformular e deixar para outro dia o que estava programado para ser naquela hora, por falta de tempo, portanto eu sou contra essa rigidez de programa.

Não sei se estou puxando a sardinha para o meu lado, mas eu acho que nós trabalhávamos muito mais, nós dávamos mais de nós para os alunos. É claro que os alunos também favoreciam. No meu tempo não existia o movimento da Escola Nova. Talvez as professoras hoje estejam mais preparadas para isso, mas não sei se foi melhoria porque ouço falar que as coitadas das professoras penam, passam por situações dentro da sala de aula que graças a Deus eu nunca vivi.

A gente dava mais atenção para os alunos que apresentavam maiores dificuldades, porque eles requeriam maior atenção. A gente dava uma explicação, elucidava. Se via, por exemplo, que o aluno não tinha captado aquilo que foi explicado, a gente ia até ele e tornava a explicar, usando umas palavras mais tchans, palavras mais chegadas a ele, colocando situações vivenciadas por ele.

O estudo da matemática mudou muito, é completamente diferente do tempo em que eu fui professora, eu não saberia, hoje, dar uma aula de matemática. Eu escuto a minha filha falar de Matemática Moderna e não reconheco o que eu ensinava, e eu dava muito bem uma aula de matemática, mas era do meu jeito, daquele jeito que eu fui preparada, e era bem correspondida, os alunos aceitavam bem. Nós elucidávamos bem os problemas, relacionávamos sempre com o cotidiano, porque eu acho que os problemas que resolvemos na classe devem ter uma relação muito forte com os vividos na vida, devem ser apresentados sempre de acordo com aqueles problemas que enfrentamos na vida normal. Dificuldades existiam, mas eles achavam as mesmas dificuldades, de acordo com a época, que um aluno de matemática hoje encontra, eles aceitavam bem a matemática, assim como o português, não tinham aversão à ela. Eu acho que tudo vai do modo como se dá a aula, o professor deve estar bem aberto, ele deve querer passar uma noção disto ou daquilo para seus alunos, porque se ele quer, acaba passando de um modo tão natural que os alunos também acolhem aquilo com a maior naturalidade. O professor deve querer bem seus alunos, deve diminuir os empecilhos, tirando as pedras do caminho, porque não se pode deixar pedra no caminho de ninguém. No próprio ensinar uma matéria, a gente deve quebrar essas pedras para que o aluno possa ir à frente, senão eles não vão.

Todo problema de matemática dado em classe, na minha concepção de ensino, deve ser comparado com o viver, você tem que deixar o seu aluno resolver de seu modo próprio, porque cada um tem uma maneira própria de resolver seus problemas, do melhor modo possível. Nós professores não podemos dificultar o ensino, não podemos dificultar nada na vida para ninguém, nem para os outros, nem para nós mesmos, por isso que eu acho que o professor tem que descer um pouco mais até os alunos, porque às vezes o professor é mais vivido, já trabalhou muito sobre aquele mesmo item, então ele tem mais facilidade de se abrir, de se expandir, de explicar aquilo. O aluno está ouvindo aquilo pela primeira ou segunda vez, então ele tem que descer até o aluno, não basta simplesmente explicar uma vez aquele conteúdo e pronto. O aluno pode não estar ainda aberto àquilo, então o professor tem que trabalhar mais o conteúdo com a classe, ele tem que ser mais maleável, descer mais ao aluno e não somente esperar que o aluno venha até ele, porque o aluno não tem o preparo suficiente ainda.

Depois que eu me aposentei, parei com tudo, não tomo mais parte em nada, mas às vezes eu ouço preleções, vejo televisão, leio jornais, ou mesmo converso entre meus filhos ou colegas que são professores e percebo que existem professores ótimos, boníficos, super preparados, de uma cultura elevadíssima, mas que não descem até o aluno, então impedem a possibilidade daquele aluno captar as idéias que ele está querendo ensinar. Penso que em todas as matérias o estudo deve ser assim: o professor descendo até o aluno. Mas deve-se ter um cuidado especial com a matemática. Me lembro que quando eu dava um problema, por exemplo, para a 4ª ou 5ª série, eu colocava o problema e pedia coisas do cotidiano, como "quantos quilômetros eu faria de Garça a Marília e em quantas horas, quantos minutos". Se tratava de um simples exercício para se calcular a distância, mas havia relação com o seu cotidiano.

A convivência dentro do Grupo Escolar sempre foi muito boa. A relação entre nós professores e os alunos era de muita educação e muito respeito, e o respeito que os alunos



tinham por nós não nos impedia de ter amizade, pelo contrário, eu sempre fui muito amiga dos meus alunos, eu procurava ser uma mãe para todos eles. Inclusive fui professora dos meus filhos, graças a Deus não tive dificuldade nenhuma. Meus filhos e minhas filhas eram todos muito responsáveis, foram ótimos alunos. Foi um tempo muito gostoso minha vida, tenho muita saudade de todos eles. A relação entre direção professores também era muito boa,

Figura 9 também era muito boa, nunca ouvi falar de uma mal querência entre professor e diretor ou entre professores. Francamente, foram muitos anos de uma convivência muito saudável.

Antigamente os professores eram muito valorizados, principalmente aqueles que lecionavam em Grupos Escolares. Então a profissão professor era muito procurada, desde aquela época havia muitos professores, a diferença é que quando eu me formei havia três Escolas Normais no Estado. Hoje deve haver mais de cem, em qualquer canto há uma escola de formação de professores, maiores ou menores, melhores ou piores, há muitas escolas. Então, penso eu, que o nível das professoras do meu tempo era muito maior. Hoje você conhece professoras que não sabem conjugar os tempos verbais, incapazes de te tratar por você do começo ao fim de uma conversa. E tudo hoje em dia é aceito. Então a grande quantidade de professores no mercado e sua má formação fizeram com que o ensino fosse muito desvalorizado.

Os professores sempre tiveram muito prestígio diante da sociedade, mas isso não os impediu de sofrer a desvalorização do salário, e isso aconteceu enquanto eu ainda estava trabalhando. Mas todas as demais profissões também passaram por essa situação. Foi desvalorizado o salário de todo o povo, não só dos professores, então as dificuldades foram as mesmas para os professores e para os não professores, e todos aceitamos porque a gente tinha que fazer por viver.

Para mim, ter dado aula no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo significou uma vida, uma vida graças a Deus bem vivida. Foi muito gratificante. Gostaria que todos os

colegas que se formassem, pudessem ter a mesma alegria de dar aula e a mesma saudade e lembrança daqueles momentos que eu tenho. Eu adorei meus alunos, tenho uma saudade imensa deles, dia que eu fico feliz é quando encontro algum dos meus ex-alunos que me bate no ombro e me dá aquele abraço, eu ganho o dia. De vez em quando eu encontro com um ou outro, de início eu olho para eles e acho que os conheço, mas não consigo me lembrar o nome, mas depois de saber quem é, me lembro daquela carinha, não da pessoa que vejo naquele momento, mas me lembro dele naquele lugar, naquela classe, naquela carteira, é uma coisa



incrível, a gente grava demais, a gente não esquece nunca, pode até parecer ter esquecido, mas a gente não esquece nunca.

Nossos alunos também não se esquecem da gente, mas para eles é mais ter essa lembrança, porque a tendência natural todos nós envelhecermos. mas nós já éramos adultos quando demos aula para eles, eu era adulta

Figura 10 quando trabalhei aqui no Grupão. Então, por mais que tenhamos envelhecido, não mudamos muito, mas eles mudaram: eles eram criancinhas de sete, oito anos e tornaram-se jovens, moços, senhores. Tem alunos para quem eu dei aula que tem cabelinho branco como eu.

Eu me realizei na sala de aula. Dar aula era algo que eu gostava demais. Foi muito fácil e prazeroso a convivência com os alunos porque eu os tinha como filhos, nunca houve um senão, uma palavra mal falada, mal dirigida, uma palavra pesada, nem da minha parte nem da parte deles, o que hoje me parece estar difícil. Foi um tempo que me deixou muita saudade, que eu tenho com muito carinho. Por isso eu me lembro de todos os meus aluninhos tão queridos, que hoje são senhores, senhoras, avós, e fico contente quando também sou lembrada. Tudo passa na vida, mas deixa saudade...

### 3.5. Aparecida Alves de Souza e Souza. professora

(entrevista gravada em Garça, no dia 26/05/2006)

Tempo de gravação: 51:59 minutos

Meu nome é Aparecida Alves de Souza e Souza, eu nasci no dia 08/06/1936 na cidade de Promissão, mas em 1948 me mudei para Garça, cidade onde me formei professora. Lecionei durante muitos anos no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo. Nesta mesma cidade me casei, tive meus quatro filhos e resido até hoje.

Estudei todas as séries desde a 5ª, que fiz em 1949, até o terceiro Magistério, que terminei em 1956, no Ginásio Estadual Hilmar Machado de Oliveira, que hoje é a Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira. O curso era dividido em quatro anos de Ginásio e três de Magistério, sendo que o Magistério era também conhecido como curso Normal. Quando terminávamos o Normal estávamos aptos a lecionar nas escolas.

A Escola Normal proporcionava uma formação bastante ampla, tínhamos aulas de várias disciplinas, como Psicologia, Pedagogia e Filosofia. Naquele tempo a gente ainda não tinha televisão, nem vídeo, então todo o programa era passado exclusivamente pelo professor. Aprendíamos, nas aulas, como deveríamos abordar o assunto a ser ensinado, bem como o currículo que deveríamos seguir em cada série. Então nós já saíamos com alguma coisa básica do Magistério e depois íamos nos aperfeiçoando com a experiência.

Tínhamos também aulas práticas para podermos adquirir experiência. A gente ia numa escola, acompanhados por nossa professora, num determinado período e assistia uma aula da professora daquela escola ou nós mesmos dávamos uma aula. Todos que assistiam deviam tomar nota de tudo para a discussão que havia posteriormente na Escola Normal. Nesse momento comentávamos os acertos e erros do professor, por exemplo: uma vez um colega meu deu aula na fazenda Cascata, e enquanto dava a aula comentou com os alunos que era saudável tomar banho de manhã. Então durante a discussão, colocamos que foi uma falha sua fala porque o aluno da roça não vai se levantar e tomar banho para ir à escola, porque depois da aula ele trabalha na roça, então o certo para ele era o banho à tarde, após o expediente. Foi uma falha dele, pois ele estava falando da sua própria realidade não da realidade daqueles alunos da fazenda. Essa escola que visitávamos podia ser tanto uma escola da cidade como da fazenda, pois nossa formação era a mesma para ambas. Nós não tínhamos nenhum preparo específico para lecionar nas fazendas, como o conhecimento da agricultura, então quando íamos para essas escolas aprendíamos mais com os alunos do que os alunos com a gente, e naquele tempo a maioria dos professores que se formavam, iam trabalhar em fazendas. Além de não haver distinção na formação entre escolas urbanas e rurais, também não havia distinção quanto a série, então o professor ao se formar estava apto a lecionar em qualquer escola e série.

Após concluir a Escola Normal a gente ficava na condição de professor substituto, então tínhamos que ficar um período no Grupo Escolar ajudando os professores que já eram efetivos a corrigir cadernos, preparar a aula, ajudar os alunos que tinham mais dificuldades, sempre na presença do professor responsável pela sala. Assim, enquanto ajudávamos, íamos aprendendo e adquirindo experiência. Como professor substituto ainda não recebíamos remuneração, ganhávamos pontos, e esses pontos acumulados eram acrescidos à nota obtida pela prova do concurso de efetivação, auxiliando na escolha de cadeira. Era comum o professor recém- formado começar a dar aulas em escolas da zona rural, muitos professores começavam assim, até porque havia muitas escolas rurais. Antigamente não eram os alunos que se locomoviam até seus professores, mas sim os professores que iam ao seu encontro.

Depois de formada eu fiquei dois anos como substituta, de 1956 a 1958, e a partir de 1959 eu me tornei efetiva. Para nos tornar professores efetivos fazíamos um concurso- que



acontecia através de provas, onde a nossa classificação final era a somatória da pontuação na prova e os pontos que cada um obteve com a experiência prática O que me valeu muito para a efetivação foi o curso de adultos que eu dei em Jafa, durante dois anos, era um mobral em Jafa, eu ia de ônibus e voltava de trem. Esse curso de adultos me ajudou muito porque contava bastante ponto.

Antes de ser professora do Grupo Escolar lecionei em várias escolas, inclusive em escolas de fazendas. Fui

Figura 11
professora durante muitos anos, lecionei para quase meia Garça, tanto que meus filhos saiam na rua e voltavam falando assim: ai mãe, dá até raiva, porque todo mundo que eu converso fala "a sua mãe foi minha professora", todo mundo que a gente conversa repete a mesma coisa sempre. E eu fui mesmo professora de muitas crianças, hoje em dia são homens, são senhoras casadas, mas naquela época era meia Garça. Fui professora também de dois dos meus filhos, do segundo, o André e da última, a Ana Cristina. O que difere dar aula para qualquer criança e para um filho seu, é que, no meu caso, eu era mais exigente com eles do que com os outros, eu falava assim: você tem que dar exemplo, você é o filho da professora, tem que dar o

exemplo. Foi uma época muito boa, foi muito bom, eu tenho saudades daquela época.

Ingressei no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo em abril de 1964, a escola ficava numa região já bastante povoada, porque era em frente a avenida principal da cidade e onde ela nasceu, Garça começou aos arredores da creche Maria Eleonor, que fica próximo ao Grupão, e fui professora do Grupo acho que por uns oito anos mais ou menos, não me lembro exatamente. A escola funciona no mesmo local e preserva as mesmas



mesmo local e preserva as mesmas

Figura 12

características de antigamente, há pouco tempo fui na escola e percebi que as salas, as escadas são as mesmas, há pequenas modificações, mas em si o prédio permanece igual ao de tempos atrás. Quando saí do João Crisóstomo, passei a lecionar na escola Hilmar Machado, onde fui coordenadora e orientadora educacional, mais tarde no Nely Carbonieri e no Alcyr, mas ao mesmo tempo em que eu lecionava nas Escolas Estaduais eu passei a lecionar também em escolas particulares, fui professora no Colégio Santo Antônio e depois no Colégio Antares. Depois de um tempo voltei a dar aula no Hilmar onde fiquei até me aposentar, porém, mesmo aposentada, ainda continuei lecionando nas escolas particulares, então parada mesmo, estou faz sete anos, desde 1999.

Minha formação não ficou restrita ao curso Normal, eu ainda fiz o curso de História em Tupã, um curso noturno com duração de três anos. Em Marília havia esse curso e para mim seria até melhor fazê-lo aqui, por ser mais perto, mas era no horário da tarde e como eu trabalhava ficou inviável. Então eu saia do Grupo Escolar, tomava um banho rápido, tomava um lanche e ia para Tupã, viajava todos os dias, chegava em casa por volta de meia noite, meia noite e meia. Depois que eu fiz História em Tupã, fiz o curso de Pedagogia em Marília, na Unimar. Em seguida comecei a fazer Estudos Sociais, mas não cheguei a concluí-lo porque meu filho nessa época também entrou na faculdade, ele passou em Engenharia Elétrica, então precisei desistir, porque era a vez dele.

No tempo em que funcionavam os Grupos Escolares em Garça e eu dava aula, as nossas escolas ainda eram poucas, havia o Grupão- Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, havia o Grupinho, atual Maria do Carmo, que funcionava onde hoje é o Museu, inclusive eu comecei a substituir ali e o Hilmar Machado, que era o Ginásio. O Grupão e o Grupinho distinguiam-se apenas por seus aspectos físicos, uma vez que o Grupinho possuía salas muito pequenas, apertadíssimas, porque em relação a qualidade do ensino não deixava nada a desejar. Ambas tinham professores excelentes, muito bons, o Grupinho tinha também um diretor muito bom, o professor Nelson Gabaldi. Eu aprendi muita coisa no Grupinho, tenho boas recordações dessa escola apesar de ter substituído ali por pouco tempo. A escolha da escola onde as crianças estudariam ficava a critério dos próprios pais. Para as crianças ingressarem no Grupo Escolar bastava que fossem matriculadas, então o pai escolhia a escola que era de sua vontade e matriculava seu filho, não acontecia como agora que os alunos estudam nas escolas mais próximas às residências, naquela época a escola aceitava aluno de qualquer lugar, de qualquer parte da cidade. As nossas salas eram bastante heterogêneas, tinha criança do centro e de bairros afastados, só não tinha alunos da zona rural porque já havia até a quarta série nas fazendas.

Os Grupos Escolares geralmente funcionavam em dois períodos, o da manhã e o da tarde, me lembro do horário da tarde porque eu dava aula nesse horário, era da uma às cinco horas, mas devido o aumento de alunos matriculados houve a necessidade de que a escola passasse a funcionar em três períodos, sendo que o primeiro horário era das oito às onze, o segundo das onze às duas e o terceiro das duas às cinco. Nós professores só podíamos dar aula em um único horário, não podíamos pegar aula em vários períodos como fazem agora as novas professoras, naquela época era um período só e pronto. Em relação aos horários, geralmente tinham preferência os professores mais antigos na escola, eu por sorte sempre peguei o período das duas às cinco, que para mim, que já tinha quatro filhos, era o melhor, porque às vezes eu conseguia deixar meus filhos dormindo e voltava à tarde quando eles estavam acordando. Quando a escola funcionava em apenas dois períodos, também sempre peguei o período da tarde. Agradeço muito a Deus e a minha mãe porque eles me ajudaram muito ao longo desta caminhada, porque não é fácil ser mãe e ser professora.

As salas de aula do Grupo Escolar eram mistas e numerosas, tinham geralmente, trinta e dois, trinta e cinco, até trinta e oito alunos, todos andavam uniformizados, porque o uso de uniforme era obrigatório dentro da escola, não tenho certeza, mas acho que os uniformes eram cedidos pelo Governo. Apesar de serem salas numerosas nós conseguíamos lecionar tranqüilamente, sem maiores problemas, porque antigamente era diferente dar aula, as crianças eram mais dóceis, mais educadas, ficavam mais calmas na classe, hoje elas são muito vivas, irrequietas. Não vou dizer que era fácil também, mas pelo o que eu ouço falar de agora, era um pouco melhor.

Cada ano nós dávamos aula para uma turma diferente, era muito raro um professor assumir uma turma no primeiro ano e continuar com a mesma até o quarto, eu por exemplo sempre lecionava para a segunda série, até brincava com os alunos: puxa eu nunca passo de ano, sempre fico na segunda série! Mas era uma preferência minha, porque eu já tinha todo o material do segundo ano e uma certa experiência. Pais de alunos me procuravam como professora de segundo ano, eles mais ou menos sabiam quem daria aula em qual ano, devido

essa preferência que eu também tinha, então já faziam o caminho desejado para que seus filhos percorressem, diante das professoras que achavam mais adequadas: primeira série é dona fulana, segunda é... até a quarta série. Diziam: "não! vou por em tal escola porque tem tal professora nessa série". Havia um só professor para a classe durante o ano inteiro, ainda não tinha essa separação de professores por matéria que vemos hoje: um professor que dá só matemática, outro que dá só a outra coisa, naquele tempo nós dávamos todas as matérias, inclusive aula religião. Havia o ensino religioso e era obrigatório, mas era um problema, porque eu, por exemplo, tive um aluno que era Testemunha de Jeová e ele não assistia as aulas, ele fugia, até que uma vez eu levei o problema ao diretor e ele falou: ah, vamos fechar os olhos para não criar caso. Depois disso, nas outras aulas eu falava para ele: agora é aula de religião e você pode sair. Esse foi o único problema que eu tive.

As aulas cada professor preparava a sua, nós tínhamos toda a liberdade para prepará-la como quiséssemos, sem a interferência do diretor. Seguíamos, sim, um cronograma porque tínhamos saído da Escola Normal fazia pouco tempo, então nós precisávamos de uma orientação e para isso seguíamos mais ou menos aquele cronograma, mas com o tempo cada um de nós foi adaptando à sua realidade. É fato que nem sempre dava para cumprir todo o cronograma, mesmo com toda a experiência que conseguimos com o passar dos anos, era muito difícil atender todo o programa estipulado. A princípio os únicos materiais oferecidos pelo Governo eram o giz e o apagador, por conta da lousa, e só. Depois de algum tempo começou a vir o livro didático, mas no começo não. Nós adotávamos um livro e cada um dos alunos comprava o seu na livraria, os que não podiam comprar eram atendidos pela Caixa Escolar, mas só recebiam o material alunos muito pobres, comprovadamente pobres, então a maioria comprava. O material oferecido pela Caixa Escolar era aquele basicão mesmo, hoje ela já não existe mais, foi substituída pela A.P.M..

Eu sempre fui uma professora muito dedicada, daquelas que prepara todas as aulas, eu sentava na mesa a noite e ficava preparando a aula que eu ia dar no dia seguinte, e meus filhos, me vendo preparar a aula, sempre falavam: mãe, mas com toda a experiência que a senhora tem, a senhora ainda precisa preparar a aula? E eu sempre falei para eles, que enquanto eu lecionasse eu sempre agiria daquela mesma forma, eu sempre levaria tudo preparado, porque, por exemplo, se eu quisesse na aula da matemática, dar um problema, eu não iria naquela hora ficar procurando qual problema eu deveria dar, não, eu já sabia qual problema estava de acordo com o que eu estava ensinando porque já estava tudo preparado. O que eu preparava nem sempre era vencido numa aula, como eu planejava, então eu passava o que dava tempo de dar naquele dia, e o que não dava, eu reformulava e passava no outro dia junto com outras questões semelhantes, e quando eu notava que os alunos tinham sentido dificuldade, repetia a explicação e dava mais exercícios. Então era feito um preparo para aula, hoje em dia, pelo menos o que eu ouço falar é que não se vê mais isso. Eu até o fim, mesmo lecionando nas escolas particulares, continuei fazendo a mesma coisa, levava tudo preparado, fazia o planejamento da aula, dia por dia, que era uma coisa que dava muito trabalho, ficava até tarde da noite preparando, abria várias apostilas, vários livros, tirava um exercícios de um, outro exercício de outro, tudo com a intenção de dar uma aula melhor. Por consequência, a resposta era muito melhor do que se fosse uma aula sem planejamento, é tanto que até hoje os meus alunos não se esqueceram de mim, onde me vêem me cumprimentam e me elogiam.

Nós avaliávamos os alunos através de provas bimestrais. O professor, diante do que ele havia ensinado em sala, organizava uma avaliação, a corrigia e passava as notas numa folha que depois era entregue à Direção. Os alunos se dedicavam bastante ao estudo, então não havia muita reprova. Desistência também era muito difícil de acontecer, geralmente eles seguiam bem até o final, eu não me lembro de nenhum caso de desistência. Naquele tempo a gente ainda não ouvia falar em Escola Nova ou em progressão continuada, era tudo muito diferente, nem se pensava nisso, agora que eu passei a ouvir falar nessas coisas, tanto é que eu nem sei ao certo como é que funciona, sei o que todos dizem por aí, e o que a gente ouve falar

é que todo o mundo está sendo empurrado a passar de ano, mas eu não sei bem como é que funciona, porque depois que eu me aposentei eu me afastei de tudo o que diz respeito a escola.

As salas de aula do Grupo Escolar eram grandes, tinha uma lousa que tomava uma parede toda e em frente à ela, as carteiras para os alunos se sentarem. Essas carteiras durante muito tempo eram de tal modo que as crianças sentavam-se a dois, por consequência, as atividades eram em duplas e as provas representavam um probleminha, porque sempre tinha alguém que espichava o olho para a prova do outro, então a gente precisava ficar de olho neles. Era oferecido, durante um intervalo entre as aulas, uma merenda, por sinal merendas ótimas, nossa merendeira fazia coisas muito boas. O serviço de limpeza do Grupo já não era tão bom, os banheiros eram terríveis, aliás não só os banheiros, as salas de aula também. Já tínhamos serventes, mas eram muitos alunos e era difícil dar conta da escola toda, também porque as serventes geralmente deixam muito a desejar.

Naquela época havia aula também aos sábados e nesse dia a gente fazia Culto à Bandeira.



Cantávamos o Hino Nacional e apresentávamos uma poesia, cada semana era uma classe que ficava responsável por apresentar a poesia, que as vezes era substituída por um canto especial ou uma dramatização.

Inclusive meu aluno que era Testemunha de Jeová não participava do Culto à Bandeira, porque a sua igreja não permitia, então na

hora do Culto à Bandeira, por autorização do diretor, ele era dispensado. Todas as decisões eram tomadas pelo diretor, nós professores não podíamos tomar atitude nenhuma sem antes falar com ele. Então no caso do meu aluno, fui conversar com o diretor e ele falou: "não! não vamos criar caso, se a religião dele não permite, não tem nada uma coisa com a outra, mas... não vamos criar caso". Daí mandei chamar a mãe primeiro, conversei com ela sobre o assunto, e ela disse que concordava com a dispensa do menino, depois fui falar com o diretor, na época o seu Mussi, que faleceu há pouco tempo, e ele novamente disse para não criarmos caso, que se o menino não quisesse, não faria, e não fez. Mas isso trazia um problema para mim, na minha classe, perante os outros alunos, porque as outras crianças não se conformavam com o fato do colega não participar do Culto à Bandeira. Eu tentava contornar, explicar, mas era complicado.

Todas as crianças sabiam cantar o Hino Nacional, elas aprendiam no Grupo. Quando eu me aposentei no Estado e fui lecionar nas Escolas Particulares, eu fazia toda semana, por minha conta, uma pausa para cantarmos o Hino Nacional, porque eu penso que se as crianças não aprendem cantar o Hino enquanto são pequenos, depois de grandes não aprendem mais. Então todos os meus alunos, de onde eu lecionei, e foram muitos, porque foram quase quarenta anos de profissão, todos aprenderam a cantar o Hino Nacional, e eu era exigente, os fazia ficar em posição correta, com a mão no peito, e todos cantavam. Outra exigência daquela época era a grafia, nossos alunos do Grupo Escolar tinham letras lindas porque nós

em aula, dávamos cadernos de caligrafia para eles estarem fazendo. Eles faziam caligrafia e era uma atividade obrigatória.

Nossa convivência com os diretores era muito boa, as vezes havia uns diretores mais chatinhos, mais exigentes, mas a gente ali cumpria obrigação, então não havia o quê reclamar. Eu acho, até, que eu era exagerada. Eu chegava lá no João Crisóstomo e já ia direto para a minha classe para poder passar alguns exercícios na lousa, para que quando os alunos chegassem, já tivessem com o que começar a trabalhar, porque senão, até eles chegarem, tirarem o material da bolsa, e coisa e tal, perdia-se muito tempo. Havia também naquela época, uma separação da sala. A gente separava a classe em alunos mais adiantados e um pouquinho mais lerdos, então tendo as atividade já na lousa ao chegarem, os mais adiantados já iam trabalhando, porque eles trabalhavam mais do que os outros, já que não precisavam de tanta assistência, e então eu podia ajudar os outros que precisavam, os que eram mais vagarosos. Então, eles ficavam separados na sala de forma a facilitar o trabalho para a gente. A relação aluno- aluno, pelo o que a gente percebia, também era boa, a separação de alunos que nós fazíamos na sala não implicava em discriminação ou preconceito, a gente não notava um desentendimento entre eles não. Nossa relação com eles era bastante harmoniosa, eles nos respeitavam muito, e não havia tanto questionamento como há agora, não tinha esses alunos mais rebeldes, não havia nada disso. Era um ambiente bom, nós tínhamos uma relação boa.

Nossas aulas de Matemática no Grupo Escolar eram expositivas, aliás a maioria das aulas daquela época eram expositivas, o professor explicava, depois perguntava aos alunos e eles respondiam, ou os chamavam na lousa para fazer exercícios, era assim. Nós não tínhamos contato com tantos recursos que há agora, como esses materiais que ajudam no raciocínio ou que tornam a aula mais dinâmica, então era somente aquela aula expositiva, era lousa e caderno. A maioria das crianças ficavam quietas, prestando atenção, mas sempre havia uns três ou quatro que eram mais dispersivos, que a gente tinha que chamar atenção toda hora. Hoje em dia o quadro está um pouco invertido, os professores falam "há na sala uns três ou quatro que prestam atenção". Eu acho que se o professor gosta de uma matéria e a entende bem, ele vai explicar a aula de uma forma que os alunos vão entender melhor, e eu gostava muito de matemática e tinha muita facilidade para transmitir, então acho que isso tinha muita influência sobre os meus alunos. Se eu dava uma matéria nova e notava que os alunos não tinham entendido bem, no outro dia eu repetia a explicação e dava exercícios variados, então, isso motivava bastante os alunos, não havia dificuldade que não pudesse ser contornada.

Tinha já nesse tempo muitos professores, a procura pelo curso Normal era grande, os Grupos Escolares ficavam cheios de substitutas que estavam ansiosas por escolher cadeira. Eram múltiplos os fatores que implicavam na procura pelo Normal, a princípio porque era o único curso superior de Garça, além do Colégio Comercial, que formava os comerciários, entre eles o de maior importância é que naquela época ser professor era uma coisa muito importante, era uma profissão muito valorizada, então a maioria do pessoal saia do Ginásio e ia fazer o Normal. Em casa mesmo, formou-se como professor dois irmãos e uma irmã, além de mim, só da minha casa eram quatro professores. Os meninos não seguiram a carreira, conquistaram outras, mas eu e a minha irmã continuamos lecionando. Depois passou a ter o Científico e o Clássico, que preparavam os alunos para outros cursos de faculdade, tanto que a maioria que fazia esses cursos, ao terminá-los, ia embora da cidade para continuar os estudos em São Paulo ou em Bauru, que eram cidades onde já haviam faculdades. Todos os cursos oferecidos pelo Hilmar Machado eram muito bons, seja o Normal, o Científico ou o Clássico, tanto que seus alunos conseguiam ingressar nas faculdades após a conclusão.

Para ingressarem, após o Grupo Escolar, no Ginásio, independentemente do curso escolhido, era necessário fazer o exame de admissão, se passassem iam para o Ginásio. Eu mesma fiz o exame de admissão para entrar no Normal. Era um exame difícil, vinha como uma barreira enorme para a continuação dos estudos, mas, ainda sim, não fazia com que os alunos desistissem, porque quem não passava no primeiro ano de exame, fazia um ano de curso de admissão, a 5ª série, que era um curso preparatório, pago pelo Governo, e então

entrava no outro ano. Depois que eu me formei, cheguei a dar aula para essa 5ª série, que era uma classe normal, com o mesmo número de alunos, não tendo nada que a diferenciasse dos quatro anos de Grupo.

Ser professora de Grupo Escolar era melhor que ser professora de Escola Rural ou Escola Isolada devido as condições embutidas nelas. Sendo professora de um Grupo, você está dentro de uma cidade, enquanto que nas outras você precisa se locomover até elas, as vezes por caminhos precários, então a vida era mais fácil quando se lecionava na cidade, porque não era preciso enfrentar aquelas estradas que ainda não eram asfaltadas, que eram todas de terra, que fazia a gente comer muita poeira, e quando não, era porque chovia, e então fazia a gente tomar muita chuva, por isso todo o mundo queria vir para cidade, quem já estava não queria sair e quem lecionava na fazenda, é lógico, tinha essa vontade de vir para cidade. Mas essa transferência não era muito fácil de se conseguir, era preciso esperar que alguém de algum Grupo se aposentasse ou a abertura de outras escolas. Mas esse não era o único motivo, acontece também que nas escolas rurais, a gente dava aula para duas ou três séries juntas, era 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> série, 4<sup>a</sup> não, porque eles já vinham para a cidade, todas essas séries na mesma sala, e por ser assim era complicadíssimo dar aula, o ensino acabava ficando pobre, porque o professor não conseguia dar aula para três turmas juntas como se estivesse dando aula para uma única turma, e era assim que acontecia. Então dividiam as carteiras por séries e passavam na lousa uma determinada matéria para 3ª série e outra para 2ª, e iam para 1ª série que



Figura 14

necessitava de mais atenção porque tinha que ensinar a ler e a escrever. essas crianças, muitas vezes, você precisava pegar na mão para ensinar a segurar o lápis, então era muito difícil. Sem contar que tinha o mesmo tempo para fazer tudo isso que se tinha numa escola da cidade, onde as condições eram muito melhores. Então era um ensino muito pobre, porque humanamente

impossível você dar aula para três séries ao mesmo tempo, das oito ao meio dia. Era muito complicado, era terrível, só quem passou para saber como era.

Hoje em dia já não temos mais o prestígio que tínhamos antigamente, a começar, a desvalorização do nosso salário, e quando aposentados ainda mais achatado. Os que estão lá em cima se esqueceram que precisaram passar pelo professor primário, que o começo foi a base de tudo, e todos tiveram que passar por ele, mas eles se esqueceram completamente do professor primário. Acho que todo aposentado, até o professor de Ginásio, todos reclamam que o salário ficou muito achatado.

Mesmo com algumas dificuldades foi muito gratificante ser professora, especialmente falando do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, foi muito bom, guardo boas recordações dessa época que foi tão especial para mim. Tenho boas recordações, tanto de alunos como de professores. Hoje em dia tem médicos, advogados, promotores que foram meus alunos, e isso é muito gratificante: saber que eu como professora contribui um

pouquinho com o sucesso deles. Existem alunos marcantes, que eu me lembro até hoje, mas não posso deixar de dizer que a amizade entre os professores era também uma coisa muito boa, a gente fazia comemorações de aniversários, festas junina. Havia muita união entre nós, a gente trabalhava em conjunto e isso era muito bom, enriquecia a amizade da gente, tenho amizade até hoje com algumas das professoras, a gente se liga, se encontra de vez em quando. Foi uma coisa que me marcou bastante, eu tenho muita saudade daquele tempo.

O que eu posso dizer do Grupo, resumindo tudo o que eu já disse, é que foi uma experiência muito boa ser uma das suas professoras, que as relações entre as pessoas ali era melhor do que nas escolas hoje, em comparação com o que eu ouço dos meus colegas professores. No meu tempo era mais fácil lecionar, devido a relação aluno- professor ser mais harmoniosa, já que os alunos eram mais educados, hoje não - pelo o que eles relatam, os alunos tem sempre razão e os professores estão sempre errados, os alunos são muito mal criados, a mesma falta de respeito que eles tem em casa, eles tem também com seus professores. Dizem que hoje em dia está muito difícil dar aula e eu acredito que esteja mesmo, porque as coisas mudaram muito ao longo desses anos, os valores mudaram muito. E a nossa relação com os outros professores e com os diretores também era muito melhor, nós éramos unidos, éramos amigos e companheiros. Agora, eu não sei se era uma outra época ou se a gente é que fica saudosista.

#### 3.6. Sérgio de Stéfani, assistente de direção

(entrevista gravada em Garça, no dia 18/07/2006)

Tempo de duração: 31:67 minutos

Eu sou Sérgio de Stéfani, nasci em Garça no dia 10/05/1930, hoje estou com 76 anos de idade, sou professor aposentado e respondo como diretor do Centro do Professorado Paulista da sede regional de Garça. Tenho curso de Magistério, que antigamente recebia o nome de Normal, fiz também o curso de Educação Física, de Pedagogia com Administração Escolar e de Supervisão Escolar. Lecionei em Escola Isolada por quatro anos e meio e então fui removido para o Grupo Escolar João Crisóstomo, onde dei aula por um ano e meio e então passei a responder como assistente de diretor, e muitas vezes como diretor de escola, portanto permaneci na administração do Grupo e não voltei mais para uma sala de aula.

Cursei o Normal na cidade de Garça na Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira. Esse curso nos habilitava a lecionar em qualquer escola para turmas de primeira a quarta série. Enquanto alunos do Normal também dávamos aulas. A gente ia no Grupo Escolar João Crisóstomo ou no C.E.I., que tinha umas classes anexas nessa escola, e dávamos a nossa aula, cada um dava uma matéria, e depois dessa aula, a gente tinha que analisar o que nosso colega fez lá na frente da sala: se ele se saiu bem ou não tão bem, se os alunos gostaram do desenvolvimento da aula, porque nós enquanto professores também conseguimos deixar os alunos alegres com a aula, fazendo perguntas, brincando com eles, porque isso é próprio da nossa profissão.

Antigamente, quando o professor ou professora se formava, caso tivesse uma vaga, eles já podiam pegar uma classe. Primeiramente o recém formado do Normal ficava como professor substituto, ele se inscrevia para ser substituto, sua nota de classificação era dada pela nota de aprovação. Enquanto substituto o professor ficava dentro de uma sala de aula aprendendo, vendo a professora efetiva da sala dando aula, mas se houvesse uma vaga de professor, ele podia assumir a classe, obedecendo a ordem de classificação. O substituto era escalonado, fazíamos por ponto, tratava-se de uma lista de nomes onde o primeiro era o que tinha maior número de pontos, e na falta de professor esta lista corria os nomes da escala, do primeiro ao último até retornar ao topo e nós já ganhávamos dinheiro por essas aulas.

Terminei a Escola Normal em 1952 e comecei a dar aula em 1954 numa Escola Isolada do bairro Yamato, na cidade de Vera Cruz. Tratava-se de uma classe vaga numa escola masculina: o antigo professor da classe havia sido removido e era preciso substituí-lo por um outro professor, necessariamente um homem porque não admitiam mulheres lecionando nesse tipo de escola, diante disso um antigo colega da Escola Normal, o Asculino, que se formou na minha turma, veio conversar comigo sobre a vaga. Foi quando eu comecei a lecionar e a fazer ponto para ingressar. No ano seguinte ainda estava nessa escola. No mesmo ano de 1954, dei curso de alfabetização de adultos na fazenda Cachoeira. Em 1955 entrei no concurso de ingresso na Prefeitura Municipal, que foi por ponto, fui o terceiro classificado e escolhi a fazenda Santa Emília que ficava na divisa de Garça, Presidente Alves e Pirajuí e dessa fazenda eu vim, mediante remoção, para o João Crisóstomo.

Ingressei no João Crisóstomo em 1958 e permaneci na escola até 1978, fiquei vinte anos no João Crisóstomo, sendo praticamente dezoito como assistente de diretor ou na direção da escola. Quando trabalhávamos na direção da escola não tínhamos contato direto com a sala de aula porque o diretor ou o assistente de direção não lecionava, mas tínhamos um outro tipo de contato com a sala, que se fazia através das conversas com os professores, com a gente entrando na sala de aula, levando recados, comunicados ou resolvendo problemas com alunos. O diretor andava na escola toda e passava de vez em quando nas salas. Às vezes quando tinha uma sala fazendo muito barulho, ele ía até lá e perguntava o que estava acontecendo, os alunos que não se comportavam eram mandados pela professora à Direção, caso o aluno não

tivesse feito tarefa também ia para a Direção e então chamavam o pai e a mãe no Grupo para perguntar por que a criança não estava fazendo tarefa. Éramos nós quem tínhamos que ir na sala de aula quando a professora reclamava de algo, íamos para explicar aos alunos que eles estavam lá para aprender e que eles tinham um futuro pela frente, falávamos que só com brincadeiras o homem não vence na vida, que eles precisavam ter respeito pelos seus professores e pelos seus superiores, apesar que naquela época os alunos nos respeitavam muito, porque naquele tempo não existia, graças a Deus, o Estatuto da Infância e da Juventude. Então, até o advento do Estatuto, o professor tinha condição de lecionar, tinha condição de chamar um pai na diretoria para chamar a atenção do filho, e ele era atendido pelos pais da criança. Hoje pelo o que eu vejo e que os professores comentam está muito difícil.

O assistente de direção tomava conta do prontuário das professoras, que era o Histórico Escolar do professor, nele era registrado por exemplo o dia em que ele faltou. Todo fim de ano, o assistente tinha que fazer o AF (Atestado de Freqüência) de todas as professoras. O João Crisóstomo era responsável pela administração das Escolas Isoladas, então nós, trabalhando no Grupo, tínhamos que fazer o AF das professoras do João Crisóstomo e também das professoras das quarenta e cinco Escolas Isoladas. As reuniões pedagógicas para os professores eram feitas por nós. O assistente de diretor fazia praticamente o que o secretário de escola faz hoje, só que naquele tempo não tinha computador, tudo era feito através de mapa de movimento, e era feito com todos os descontos que tem no holerite hoje. Todo mês eu tinha que fazer aquele mapa de movimento, mandar freqüência para a Delegacia de Ensino, no fim do ano tinha que fazer os AF, acertar os prontuários, fazer a atribuição de aulas para o ano seguinte, fazer a escala de tempo de serviço que naquela época também tinha, verificar o tempo de serviço para fim de aposentadoria. A gente fazia as aposentadorias dos professores, os pedidos de licença para tratamento de saúde, licença prêmio em dinheiro, éramos nós quem fazíamos todos os processos, tudo era feito dentro da secretaria do Grupo antigo. Hoje é tudo diferente, a começar pelo uso do computador, que torna o trabalho bem mais prático.

Detalhando um pouco mais as chamadas Escolas Isoladas, eram escolas rurais criadas por lei pelo Governo Estadual e tinham como objetivo atender às crianças da fazenda, pois naquele tempo havia muitas fazendas e todas eram bem povoadas, então toda fazenda que tivesse no mínimo 20 ou 25 crianças em idade escolar recebia o direito de requerer a escola. A Escola Isolada oferecia o primeiro ano que era para a alfabetização do aluno, e também o segundo e terceiro ano, sendo que o professor ministrava aula para as três séries ao mesmo tempo, o quarto ano a Escola Isolada não oferecia, então os alunos tinham que vir para a cidade fazê-lo para depois obter o diploma de conclusão da primeira a quarta série.

As provas realizadas no fim do ano eram elaboradas pela Direção da escola, nós fazíamos as avaliações de acordo com as matérias que deveriam ser vencidas durante o ano, depois as colocávamos num envelope lacrado, era tudo certinho e esse era o exame final. Além desse tínhamos também as provas mensais. Naquele tempo não existia recuperação, ou o aluno aprendia ou ele reprovava, então só passava de ano se tirasse uma nota boa, dessa forma se ele não soubesse responder geografia, história, ciências, educação cívica, português, matemática, e estivesse, por exemplo, numa segunda série, não passava para a terceira série, ele repetia e fazia de novo a segunda série. A disciplina tinha muita importância mas não reprovava um aluno, o que mais valia era a capacidade dele de saber responder as perguntas, o que fazia reprovar mesmo era Matemática e Língua Portuguesa, e eu não compreendo o porquê, porque era fácil, o aluno querendo, aprendia, tanto é que as pessoas idosas sabem tudo de cor, por exemplo, você vai numa casa comercial hoje, a mocinha que te atende vai te voltar um dinheiro de troco, ela faz na maquininha enquanto a gente faz na cabeça num instantinho, isso porque o aluno aprendia mesmo naquela época, a gente tinha que saber.

Naquele tempo havia muitas coisas diferentes das de hoje, por exemplo, um aluno da primeira série para passar para a segunda, tinha que fazer um ditado, se ele tivesse dez erros

seria reprovado, não aconteciam essas barbaridades que vemos agora provocadas pela educação continuada. Hoje o aluno do primeiro ano vai para o segundo sem saber nada, ele passa de ano mas continua sem saber nada, ele não entende o que a professora fala, ele não acompanha a matéria que ela passa na lousa, e tudo porque ele não sabe escrever. A situação agora parece que vai ficar um pouquinho pior porque o Governo resolveu fazer nove séries, então o terceiro- pré não será mais terceiro- pré, será a primeira série, e tem escola que já pegou esse terceiro- pré, onde os alunos não estavam alfabetizados ainda e os jogou no estabelecimento como sendo da segunda série. Aí a professora dá tarefa escrita na lousa e o aluno não sabe escrever. Houve escolas que precisaram dar aulas de recuperação para ver se o aluno desenvolvia um pouquinho mais, e todo esse problema é devido à falta de uma fiscalização efetiva, do supervisor de ensino visitar as escolas e verificar se está tudo bem, se esses alunos que vieram do terceiro- pré estão alfabetizados, se estão realmente preparados para irem para segunda série da escola, se não estão, então não podem passar para a série seguinte, têm que ficar. Então eu acredito que temos que continuar com o ensino de primeira à oitava série porque nós não estamos preparados para essa transição, ou ao menos que as crianças que entraram no ciclo de oito anos terminem os estudos nesse ciclo, e apenas os ingressantes então, acompanhem essa mudança, ou seja, as crianças que fizeram o terceiropré no ano de 2006, que devem ter sido preparados com se fosse praticamente uma primeira série, esses podem entrar em 2007 na segunda série, e assim essa criança vai terminar a escola em nove anos. Mas se ela não fez a primeira série de verdade, então não é viável misturar tudo: os que foram preparados e os que não foram, porque é impossível dar bons resultados assim e isso é reflexo da falha do Governo, inclusive existem já entidades querendo acabar com esse negócio de nove séries.

No meu tempo de trabalho existia no quadro escolar a figura do supervisor de ensino, mas ele também não supervisionava nada. Ele ia, no tempo mais antigo, até o Grupo Escolar - inclusive tinha um livro que marcava o último dia em que o supervisor passou na escola, e via o livro de ponto, ia numa classe e via o livro de matrícula, via os prontuários dos alunos para ver se estava tudo certo, assistia a aula de um professor para verificar se a matéria ensinada estava de acordo com o conteúdo programado a ser ensinado para a determinada série. Essa visita não era marcada antecipadamente, ele poderia chegar na escola a qualquer instante, portanto tudo precisava estar em ordem na escola.

O Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, no tempo em que eu trabalhei, funcionava no mesmo prédio onde funciona a E.E. "Professor João Crisóstomo". Era oferecido no Grupo o ensino de primeira a quarta série, sendo que ao chegar na quarta série os alunos eram submetidos ao exame de admissão, caso tivessem o intuito de continuar estudando, e esse exame era tido como muito difícil, mas o ensino do Grupo era muito bom, de muita qualidade e nossos alunos eram tão fortes que saiam da quarta série, faziam o exame de admissão e passavam direto. Caso houvesse um aluno que não passasse no exame, porque nem todos passavam devido ao número limitado de vagas, então ele deveria estudar para fazer novo exame no ano seguinte. Hoje, como temos muitas escolas, nossos jovens não precisam se esforçar estudando para conseguir ingressar numa escola, pois sabem que há muitas vagas, então vão levando, e o resultado são profissionais mal formados.

Para a alfabetização das crianças era utilizado as cartilhas, tínhamos dois tipos delas: a Sodré e a Caminho Suave. A cartilha Sodré, por exemplo, começava com a palavra pata, então se fazia o "pa", o "p" e o "t", depois usava a palavra dado, então ensinava a fazer o dado da mesma forma como se fez a pata, depois a palavra tatu, mas tatu tem "t" e "t" já foi visto na pata, então o aluno era estimulado a fazer essas relações e assim íamos vencendo a cartilha. Geralmente no mês de agosto ou setembro a primeira série tinha que terminar essa cartilha para começar o primeiro livro do primeiro ano, isso implicava que o aluno já estava sabendo ler. A prova final que os alunos faziam para passar da primeira para a segunda série era um ditado, que não era muito difícil, tinha duas, três ou quatro dificuldades, que eram palavras

complexas do tipo: leva dois "s", leva dois "r", palavras que o aluno não sabe se usa "s" ou "ç", e assim eram as provas.

O material utilizado pelo professor em suas aulas era comprado pelo próprio professor, assim era ele mesmo quem decidia qual o melhor material a ser adquirido. Houve uma época que o professor era obrigado a fazer o diário: tratava-se de um caderno do tipo brochura em que era registrado, todos os dias, o que ele havia dado na sala de aula, de vez em quando a Direção recolhia os diários para ver se estavam em ordem, se os professores os estavam realmente fazendo, também para analisar se os diários, se tratando de mesmas séries para serem comparados, estavam mais ou menos no mesmo nível.

As matérias a serem ensinadas aos alunos eram determinadas pelo Estado, então vinha o conteúdo programado que o professor deveria ensinar durante o ano para a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série, mas como o material didático não era oferecido pelo Estado aos professores, ficando sob responsabilidade deles essa escolha, então cada professor escolhia o livro que adotaria tendo em vista que os livros vinham próprios ao uso em sala de aula porque os autores de livros já sabiam as matérias que deveriam ser vencidas em cada série. Tinha livro de leitura, nesse livro tinha vocabulário, cada nova palavra vinha com o significado e os sinônimos, assim quando aparecesse novamente o aluno já teria estudado, tinha perguntas referentes à leitura para eles responderem no próprio livro. Tinha também livros de história, de geografia, de matemática, de todas as disciplinas, assim, por exemplo, uma professora ficava encarregada por uma sala de primeira série, então ela comprava o seu material para lecionar nessa turma e acabado o ano, guardava esse material e todas as vezes posteriores que lecionasse na primeira série usava esse mesmo material. Como o professor adotava aquele material, o aluno por consequência acaba comprando os livros, também porque entre as atividades em sala como exercícios na lousa, ditado, atividades de composição, redação, descrição, tinham as tarefas a serem feitas em casa.

Nós nos preocupávamos muito com a aprendizagem dos alunos. Para que eles entendessem algo nós batíamos muito em cima do assunto, batia para aquilo entrar na cabeça deles, por exemplo, uma narração tem que ter começo, meio e fim, não pode atropelar essas passagens, daí o aluno vai fazer sua narração e começa "ah quando eu saí de casa" esse é o começo, ele tem que pensar, se eu saí de casa, já passou, então é o começo, aí eu fui fazer uma viagem, mas com quem eu vou? eu vou com a minha família, com o meu pai, com a minha mãe, ou vou com meu avô em tal lugar, e depois? então quando eu cheguei lá, vi tudo bonito, e tal, não sei quê, tal e tal, aí vai falando da volta, como foi a volta, portanto é necessário que ele organize o que pensa para poder narrar, e era como nós ensinávamos. Quando íamos falar de descrição usávamos sempre algum quadro, nós falávamos para o aluno descrever o que via no quadro. Inclusive no Grupo tinham aqueles quadros com bastante figuras e nós os usávamos nas aulas, falávamos assim "quê que vocês estão vendo?" tinha um que era do Rio de Janeiro, e eles falavam "eu acho que é uma cidade grande", aí a gente dizia "vocês sabem que cidade é essa?" eles nos respondiam ou mesmo a gente falava, mas ainda continuava "então o quê vocês estão vendo?", "um prédio alto, o Corcovado, o Pão de Açúcar", não sabiam o nome, mas a gente falava para eles. Tinha um outro que era um menino na porteira de uma fazenda e um pato por perto, então a gente perguntava o que eles viam, e eles diziam "Um menino foi na fazenda e estava brincando na porteira e um pato ficou perto dele, a casa é bonita e tem pé de fruta, tem uma estrada que vai da cidade para a fazenda". Tudo isso é ensinado e batido para que o aluno possa aprender.

Tínhamos também os cadernos de caligrafia onde as crianças aprendiam a fazer aquelas letras perfeitas. A gente ensinava para o aluno que a letra aberta vai até em cima e vai até em baixo, a letra fechada não vai até em cima, o "t" por exemplo (ele faz gestos na mesa como se estivesse fazendo num caderno de caligrafia). Não valia como regra, mas geralmente se a professora da primeira série tinha caligrafia bonita, os alunos todos tinham a caligrafia tão bonita quanto a dela e se acaso a letra dela não era tão bonita, a de seus alunos também não eram, porque aprenderam a escrever copiando essa letra não tão redondinha, certinha e

bonitinha da professora, portanto a caligrafia da professora estimulava o aluno a fazer letra bonita.

Os uniformes nesta época já não eram mais obrigatórios, acredito que dos anos quarenta para trás era uma exigência da escola mas com o tempo essa obrigatoriedade foi caindo porque estava ficando muito caro para os alunos comprarem o uniforme, então eles iam todos bem arrumadinhos, mas com a roupa que seus pais podiam comprar. Era feito uma vez por semana um exame de limpeza pessoal, em que víamos se as unhas dos alunos estavam limpas, se ele tinha tomado banho, se sua roupa estava limpa, com a intenção de orientar o próprio aluno e através dele seus pais sobre as noções de higiene, porque a criança chega em casa e

comenta o que se passou na escola, ele fala "ô mãe a minha roupa estava suja aí o professor ficou bravo comigo" ou então "minha mão estava suja e agora o meu caderno está sujo porque o borrei na hora de fazer tarefa" e eram essas coisas que a gente queria evitar fazendo esse exame semanal. Também uma vez por semana cantávamos o Hino Nacional. A entrada e a saída dos alunos do Grupo aconteciam sempre de forma organizada, eles entravam em fila e saiam em fila e não entravam enquanto não batesse o sinal e só saiam da sala após esse sinal tocar e o professor determinar que saíssem, eles não podiam sair correndo como fazem agora.

No Grupo Escolar os alunos respeitavam muito a servente, o professor e o diretor principalmente. O diretor assumia tudo o que acontecia no Grupo, ele era "o cabeça" da escola, era ele quem comandava e que ditava as normas lá dentro. A relação entre professor e aluno, aluno e diretor, aluno e



funcionário era de muito respeito, se tratava de outra educação, e por se tratar de outra educação o professor tinha facilidade para passar o conteúdo desejado, então eu acho que a escola funcionava muito melhor.

Havia muita reprova naquele tempo porque tinha aluno que não estudava, não tinha vontade de aprender, e só passava de ano o aluno que estivesse preparado para a série seguinte, o que não era o caso desse tipo de aluno, então eu tinha que reprovar mesmo, porque se ele cursa a primeira série e não está capacitado para ir para a segunda série, o quê que ele vai fazer lá? Vai estorvar o aluno da segunda série a aprender a matéria da segunda série, e assim por diante, não adiante empurrar o aluno, as consequências aparecem mais tarde: ele não consegue acompanhar o ritmo da série seguinte. O professor não tinha medo de tomar esse tipo de decisão, ele não era punido ou criticado, ele estava simplesmente fazendo o seu trabalho.

Em relação ao ensino da Matemática se ela era bem explicadinha o aluno assimilava, ao ensinar a matéria, tanto naquele tempo como hoje, deve-se explicar o porquê que se faz tais operações, não apenas colocá-las sem explicação. O problema da Matemática está em o aluno

aprender a ler o que está escrito no problema, daí ver o que se tem, o que não se tem e finalmente, o que se está querendo para então dar a resposta, porque se o aluno não lê direito o problema, ele vai misturar uma coisa com a outra e assim não dá certo, acaba complicando uma coisa que as vezes é tão simples.

O Grupo Escolar marcou muito a minha vida, todas as coisas ficaram marcadas em nós que vivemos naquele tempo, me lembro das professoras que trabalharam com a gente, das festas comemorativas que a gente fazia, dos desfiles. Nós éramos obrigados a fazer essas festas comemorativas, então tinha festa no dia da árvore e a gente tinha que plantar uma árvore, no dia das mães a gente fazia mensagens para dar às mães, no dia do Descobrimento do Brasil tínhamos que dar um desenho do Descobrimento do Brasil para isso fazíamos



Figura 16

aquelas caravelas e explicávamos tudo direitinho. As vezes tinha poesia para ser declamada, as vezes tinha uma música para ser cantada, e assim era, me lembro de todas essas coisas.

Após trabalhar por vinte anos Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, fui, pedido do diretor da divisão, para o Grupo Escolar Maria Carmo onde assumi a

direção da escola. Fiquei neste Grupo por seis anos, então completei trinta anos e um dia (de serviço) e pedi a minha aposentadoria.

## CAPÍTULO 4

## 4. ANÁLISES

## 4.1. Memórias da Educação

Os Grupos Escolares eram escolas presentes essencialmente no cenário urbano e atendiam crianças de todas as regiões da cidade e, por vezes, até de fazendas vizinhas (quando essas ainda não contavam com escolas típicas rurais). No caso das crianças vindas da zona rural, o acesso até a escola representava um problema, pois as condições de transporte eram precárias.

Os alunos eram todos da cidade ou de alguma fazenda próxima, não tinha nenhum aluno de outra cidade. Na minha sala tinha uns quatro ou cinco alunos de fazenda, o transporte era um problema para as crianças das fazendas, porque a Prefeitura não cedia transporte para eles, eles precisavam vir a pé, ou de bicicleta, de caminhão, de carroça, então o pai da criança era o responsável pelo seu transporte. Era raro uma fazenda que tivesse uma Escola Estadual. (Lázara Saenz Artioli, professora)

[...] naquela época a escola aceitava aluno de qualquer lugar, de qualquer parte da cidade. As nossas salas eram bastante heterogêneas, tinha criança do centro e de bairros afastados, só não tinha alunos da zona rural porque já havia até a quarta série nas fazendas. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Nós não tínhamos alunos da zona rural na escola da cidade, porque não havia condução que os trouxesse, eles estudavam nas escolas de fazenda, e mesmo assim precisavam andar 5, 6, 8 Km a pé pela estrada, porque nem todas as fazendas possuíam escolas. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Essas escolas eram pontos de destaque na cidade, pois tratavam-se geralmente de grandes construções – eram, via-de-regra, a maior escola da cidade – e sua arquitetura diferenciava-se pela beleza e grandiosidade.

Segundo os depoimentos que coletamos, para que as crianças em idade escolar pudessem ingressar no Grupo, bastava que fossem matriculadas, não sendo obrigatório terem cursado o Jardim de Infância ou outra instância anterior de escolaridade.

Não lembro se levava registro para matricular, mas não tinha nenhuma prova para entrar. Entrava direto: você ia lá matriculava e entrava. Eu entrei com seis anos, acho que era com sete anos. (Neuza Julião, aluna)

Para estudar no Grupo Escolar bastava que a criança estivesse matriculada, não sendo necessário ter cursado o Jardim de Infância. Antigamente não era como hoje, não tinha 1°, 2°, 3° ano de pré. Meus filhos, por exemplo, entraram direto na primeira série. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Os Grupos Escolares, ainda segundo os nossos depoentes – cuja memória está ligada ao Grupo Escolar em que trabalharam ou é composta de memórias várias, de referências a coisas que ouviram e viram – eram escolas mistas, mas podia haver, mesmo nesse tipo de escola, salas femininas e masculinas. Existia também escola exclusivamente feminina ou masculina, sendo que essas escolas seguiam outros regulamentos, como a obrigatoriedade de um professor para uma escola masculina e de uma professora para uma escola feminina.

Não lembro se minha classe era mista. A minha irmã acha que não, que era só menina na nossa classe, mas eu não me lembro, porque tinha uns meninos também que estudavam lá [...] (Neuza Julião, aluna)

A escola era mista, eu me lembro que a 1ª série e a 3ª série eu estudei numa sala de aula mista, tinha meninos e meninas, agora a 2ª série que eu fiz em Marília era uma sala feminina, a 4ª série também, mas a 1ª e a 3ª série era mista. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

[...] Tratava-se de uma classe vaga numa escola masculina: o antigo professor da classe havia sido removido e era preciso substituí-lo por um outro professor, necessariamente um homem porque não admitiam mulheres lecionando nesse tipo de escola. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Era oferecido nos Grupos Escolares o ensino das séries iniciais, do primeiro ao quarto anos do ensino primário. Após a conclusão dessas séries, o aluno, caso optasse por continuar os estudos, deveria submeter-se ao exame de admissão. Esse exame marcava a transição do ensino primário para o secundário e era tido como um exame difícil, que barrava grande parte dos alunos interessados em prosseguir os estudos. Acontecia uma vez por ano e era referente ao conteúdo ensinado durante os quatro anos de primário, sendo que para ingressar no Ginasial (secundário) o aluno deveria atingir uma certa pontuação ou era desclassificado, pois havia uma quantidade limitada para as matrículas. Caso o aluno não conseguisse ingressar no Ginásio assim que terminasse o quarto ano, podia fazer o curso preparatório e realizar novo exame de admissão no ano seguinte. Sabemos que a legislação escolar foi alterada, por força de lei, inúmeras vezes. O que nossos depoentes relatam, portanto, é a situação referente à época em que viveram: o período de 1946 a 1975.

Ao terminar o ensino do Grupo, tinha que fazer um vestibularzinho, que chamava-se Exame de Admissão para poder continuar estudando, eu me lembro que naquela época tinha apenas uma classe de quarenta e sete alunos que ía se formar, e todos fizeram o exame, desses, passaram onze, e eu passei em 2ºlugar, me lembro até hoje quem passou em 1º, Claudete Gimenez, no entanto as vagas restantes não foram completadas porque para entrar precisava atingir uma certa pontuação. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Para ingressarem, após o Grupo Escolar, no Ginásio, independentemente do curso escolhido, era necessário fazer o exame de admissão, se passassem iam para o Ginásio. Eu mesma fiz o exame de admissão para entrar no Normal. Era um exame difícil, vinha como uma barreira enorme para a continuação dos estudos, mas, ainda sim, não fazia com que os alunos desistissem, porque quem não passava no primeiro ano de exame, fazia um ano de curso de admissão, a 5ª série, que era um curso preparatório, pago pelo Governo, e então entrava no outro ano. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Segundo VALENTE (na série de Cds *Os exames de Admissão ao Ginásio*), os exames de admissão, que existiam anteriormente ao ano de 1931 não eram obrigatórios a todas as regiões do país, tornando-se de caráter nacional somente após a entrada de Getúlio Vargas na

presidência. Foi estabelecido como obrigatório com a Reforma "Francisco Campos" através do Decreto 19.890 de 18 de abril de 1931, segundo o qual todo aluno interessado em ingressar no primeiro ano do ensino secundário deveria submeter-se a essa avaliação que, aos aprovados, garantiria uma vaga no ensino secundário.

O exame era composto por provas escritas de Português (redação e ditado) e Aritmética (cálculo elementar), além de provas orais a respeito dessas mesmas disciplinas e também sobre Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais. As provas escritas eram de caráter eliminatório e eram mais consideradas que as orais na seleção dos candidatos. Para as provas de Português eram selecionadas gravuras que os alunos deveriam descrever e o trecho ditado era escolhido com a finalidade da seleção não sendo, portanto, aleatória a opção, sem nenhum grau de dificuldade. A prova escrita de matemática procurava apurar o domínio das operações fundamentais e o domínio nos cálculos.

Essa prova, devido ao seu caráter seletivo, representava a linha divisória entre o primário e o secundário, impondo-se como uma barreira à continuidade dos estudos e, consequentemente, colaborando no processo de elitização da educação. O exame de admissão deixou de ter caráter nacional no ano de 1969.

O quadro de funcionários dos Grupos Escolares comportava vários profissionais que exerciam diferentes funções como, por exemplo, diretor, assistente de direção, servente, cozinheira e merendeira.

A escola era dirigida pela figura do diretor, que era o responsável pelas funções administrativas, como ordenar o cotidiano do professor e do aluno além de trazer à escola as inovações pedagógicas discutidas nas Escolas Normais.

O diretor andava na escola toda e passava de vez em quando nas salas. Às vezes quando tinha uma sala fazendo muito barulho, ele ía até lá e perguntava o que estava acontecendo, os alunos que não se comportavam eram mandados pela professora à Direção, caso o aluno não tivesse feito tarefa também ia para a Direção e então chamavam o pai e a mãe no Grupo para perguntar por que a criança não estava fazendo tarefa. [...] O diretor assumia tudo o que

acontecia no Grupo, ele era "o cabeça" da escola, era ele quem comandava e que ditava as normas lá dentro. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

O bom andamento de uma escola deve-se também à competência dos diretores que bem a dirigem [...] (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O assistente de direção realizava as atividades internas do Grupo. Cabia a ele a execução e organização dos documentos da escola: histórico escolar e atestado de freqüência do professor, atribuições de aula, holerites, pedidos de licença saúde, entre outros. Na ausência do diretor, o assistente de direção ficava responsável pela escola.

O assistente de direção tomava conta do prontuário das professoras, que era o Histórico Escolar do professor, nele era registrado por exemplo o dia em que ele faltou. Todo fim de ano, o assistente tinha que fazer o AF (Atestado de Freqüência) de todas as professoras. [...] As reuniões pedagógicas para os professores eram feitas por nós. [...] Todo mês eu tinha que fazer aquele mapa de movimento, mandar freqüência para a Delegacia de Ensino, no fim do ano tinha que fazer os AF, acertar os prontuários, fazer a atribuição de aulas para o ano seguinte, fazer a escala de tempo de serviço que naquela época também tinha, verificar o tempo de serviço para fim de aposentadoria. A gente fazia as aposentadorias dos professores, os pedidos de licença para tratamento de saúde, licença prêmio em dinheiro, éramos nós quem fazíamos todos os processos, tudo era feito dentro da secretaria do Grupo antigo. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Havia ainda o supervisor de ensino, responsável pela verificação de todas as competências das escolas pelas quais era responsável. Ele era enviado esporadicamente às escolas para verificar se elas estavam funcionando adequadamente: se as professoras estavam seguindo o programa estipulado pelo Governo – analisavam suas aulas e os diários ou semanários que eram obrigadas a fazer, se as documentações estavam organizadas na secretaria, se o diretor estava bem desempenhando sua função.

No meu tempo de trabalho existia no quadro escolar a figura do supervisor de ensino, mas ele também não supervisionava nada. Ele ia, no tempo mais antigo, até o Grupo Escolar - inclusive tinha um livro que marcava o último dia em que o supervisor passou na

escola, e via o livro de ponto, ia numa classe e via o livro de matrícula, via os prontuários dos alunos para ver se estava tudo certo, assistia a aula de um professor para verificar se a matéria ensinada estava de acordo com o conteúdo programado a ser ensinado para a determinada série. Essa visita não era marcada antecipadamente, ele poderia chegar na escola a qualquer instante, portanto tudo precisava estar em ordem na escola. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Os professores responsáveis pela educação primária eram formados pela Escola Normal. Em princípio, as Escolas Normais eram poucas no Estado de São Paulo, mas devido a grande procura pelo curso e a necessidade de então se expandir o número de vagas, foram sendo criadas novas escolas. Para se ingressar no curso Normal o aluno deveria ter concluído obrigatoriamente o primário e o ginasial, sendo – **segundo nossos depoentes** – facultativo o curso complementar. A formação de professores tinha duração de quatro anos e após a sua conclusão, o aluno, então professor recém formado, podia lecionar para qualquer série do ensino primário.

A entrada na Escola Normal se dava através de provas. O aluno terminava o Ginasial e se tivesse interesse em seguir a carreira de professor procurava o curso da Escola Normal e realizava uma prova. Essa avaliação era de acordo com o grau de estudo que se teve antes, então tinha os mais classificados que iam entrando.[...] Eu me formei pela Escola Normal Rodrigues Alves de Guaratinguetá, naquele tempo a terceira Escola Normal do Estado de São Paulo. Havia, ainda, somente três Escolas Normais em todo o Estado: a primeira era a Caetano de Campos, a segunda (se não estou enganada) era a de Piracicaba e a terceira, de Guaratinguetáa Escola Normal Rodrigues Alves- um prédio muito bonito, muito bem feito que existe até hoje. [...] Eu entrei na Escola Normal em 1935 e concluí em 1938, o curso tinha a duração de quatro anos, mas antes era necessário fazer o primário, o meu foi de cinco anos porque fiz em colégio salesiano, em seguida fazia-se o ginasial, que naquele tempo era de cinco anos, e eu ainda fiz três anos de complementar. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

A minha formação começou no grupo escolar, eu ingressei e conclui. Em seguida fui para o ginásio e só depois de terminado o ginásio pude ingressar na Escola Normal, essa era a responsável pela formação de professores, que preparava apenas professor do primário. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Cursei o Normal na cidade de Garça na Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira. Esse curso nos habilitava a lecionar em qualquer escola para turmas de primeira a quarta série. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Estudei todas as séries desde a 5ª, que fiz em 1949, até o terceiro Magistério, que terminei em 1956, no Ginásio Estadual Hilmar Machado de Oliveira, que hoje é a Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira. O curso era dividido em quatro anos de Ginásio e três de Magistério, sendo que o Magistério era também conhecido como curso Normal. Quando terminávamos o Normal estávamos aptos a lecionar nas escolas. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Como as Escolas Normais ainda não existiam em todas as cidades, muitos alunos precisavam sair de suas cidades para outras próximas, que oferecessem o curso.

Nasci em Aguaí, [...] Quando crescida fui para Agudos, porque meu irmão morava em Agudos, para estudar, porque naquela época, escola para formação de professores só tinha em Agudos. Lá estudei no Ginásio Santo Antônio, era o melhor da região, por isso tinha gente de todo canto estudando lá. (Lázara Saenz Artioli, professora)

O curso de formação de professores era bastante procurado porque a profissão era muito valorizada pela sociedade, além de serem bem remunerados e de não haver muita opção em cursos superiores até então. Dessa forma, grande parte dos jovens, tanto homens quanto mulheres, buscavam esse tipo de ensino.

Tinha já nesse tempo muitos professores, a procura pelo curso Normal era grande, os Grupos Escolares ficavam cheios de substitutas que estavam ansiosas por escolher cadeira. Eram múltiplos os fatores que implicavam na procura pelo Normal, a princípio porque era o único curso superior de Garça, além do Colégio Comercial, que formava os comerciários, entre eles o de maior importância é que naquela época ser professor era uma coisa muito importante, era uma profissão muito valorizada, então a maioria do pessoal saia do Ginásio e ia fazer o Normal. Em casa mesmo, formou-se como professor dois irmãos e uma irmã, além de mim, só da minha casa eram quatro professores. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Antigamente os professores eram muito valorizados, principalmente aqueles que lecionavam em Grupos Escolares.

Então a profissão professor era muito procurada [...] (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

As aulas do curso Normal eram divididas em aulas teóricas e práticas, sendo elas intimamente ligadas. As aulas teóricas contavam, entre outras, com as disciplinas de Psicologia, Didática e Sociologia. Após a aula dada, os alunos eram levados às escolas primárias para colocar em prática o que haviam estudado teoricamente.

A Escola Normal proporcionava uma formação bastante ampla, tínhamos aulas de várias disciplinas, como Psicologia, Pedagogia e Filosofia. Naquele tempo a gente ainda não tinha televisão, nem vídeo, então todo o programa era passado exclusivamente pelo professor. Aprendíamos, nas aulas, como deveríamos abordar o assunto a ser ensinado, bem como o currículo que deveríamos seguir em cada série [...] (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O Normal era uma formação em função da educação primária da criança, e ainda como estudantes nós já tínhamos contato direto com as salas de aulas, com os alunos, porque nós éramos submetidos à prática, através da disciplina Prática de Ensino que mostrava o jeito mais fácil de ensinar, como era o jeito da coisa, e tudo mais, usávamos as cartilhas e os livros. (Lázara Saenz Artioli, professora)

A Escola Normal tinha ótimos professores, eram escolhidos os melhores de São Paulo, selecionadíssimos, e o programa era composto por várias matérias sendo que cada professor era responsável pelo ensino de uma matéria. Sendo assim tínhamos Psicologia, Didática, que vem a ser a Pedagogia hoje, Sociologia e várias outras matérias [...] (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Os futuros professores eram submetidos a avaliações, tanto na disciplina de Prática de Ensino quanto nas disciplinas teóricas. Essas avaliações aconteciam diferentemente: nas teóricas, era estabelecida uma data para a realização do exame – que era escrito –, enquanto que nas aulas práticas, o aluno era avaliado diariamente através das aulas que dava nas escolas primárias.

Durante os estudos na Escola Normal éramos submetidos a exames em junho ou julho e dezembro, e às vezes tínhamos sabatinas, que eram aulas aos sábados. Eram quatro anos de estudo que realmente tornavam o aluno preparado para estar lecionando após a conclusão. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

A gente ia no Grupo Escolar João Crisóstomo ou no C.E.I., que tinha umas classes anexas nessa escola, e dávamos a nossa aula, cada um dava uma matéria, e depois dessa aula, a gente tinha que analisar o que nosso colega fez lá na frente da sala: se ele se saiu bem ou não tão bem, se os alunos gostaram do desenvolvimento da aula [...] (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Tínhamos também aulas práticas para podermos adquirir experiência. A gente ia numa escola, acompanhados por nossa professora, num determinado período e assistia uma aula da professora daquela escola ou nós mesmos dávamos uma aula. Todos que assistiam deviam tomar nota de tudo para a discussão que havia posteriormente na Escola Normal. Nesse momento comentávamos os acertos e erros do professor, por exemplo: uma vez um colega meu deu aula na fazenda Cascata, e enquanto dava a aula comentou com os alunos que era saudável tomar banho de manhã. Então durante a discussão, colocamos que foi uma falha sua fala porque o aluno da roça não vai se levantar e tomar banho para ir à escola, porque depois da aula ele trabalha na roça, então o certo para ele era o banho à tarde, após o expediente. Foi uma falha dele, pois ele estava falando da sua própria realidade não da realidade daqueles alunos da fazenda. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Os estágios, além de serem um primeiro contato do professor com o ambiente da sala de aula – tratando-se de uma nova experiência, já que ele não era supervisionado por um professor da escola Normal ou estava observando um outro – ainda valia pontos. Esses pontos acumulados colaboravam na escolha da escola em que lecionariam após a efetivação ou valiam já como o próprio concurso.

[...] Foi quando eu comecei a lecionar e a fazer ponto para ingressar. No ano seguinte ainda estava nessa escola. No mesmo ano de 1954, dei curso de alfabetização de adultos na fazenda Cachoeira. Em 1955 entrei no concurso de ingresso na Prefeitura Municipal, que foi por ponto, fui o terceiro classificado e escolhi a fazenda Santa Emília [...] (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

O que me valeu muito para a efetivação foi o curso de adultos que eu dei em Jafa, durante dois anos, era um mobral em Jafa, eu ia de ônibus e voltava de trem. Esse curso de adultos me ajudou muito porque contava bastante ponto. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Algumas dificuldades enfrentadas durante os estágios são narradas por uma de nossas depoentes:

Depois de formada eu fiz o estágio numa escola rural em Caraguatatuba. Foi um ano pesado, muito difícil, porque naquela época havia muitas dificuldades [...] Quando eu fui conhecer a minha primeira escola em Caraguá, mamãe me acompanhou[...] Mamãe saiu chorando, não queria que eu ficasse porque o lugar era simplesmente horrível, não tinha o menor meio de vida, era horrível, quem não viu não pode calcular como era aquele lugar, a escola era uma sala muito rudimentar com umas carteiras. Esse período era muito difícil para nós, porque nós íamos e ficávamos lá o tempo todo, só voltávamos para casa nas férias, nós não tínhamos nada de feriadinho, de fim de semana, não tínhamos nada disso, era o ano todo ali, afastadas de tudo. [...] Eu estive nessa escola rural durante um ano todo e só no começo do ano seguinte pude pegar aula numa escola da cidade, porque aí eu já era efetiva. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Os estágios eram obrigatórios, todos precisavam realizá-lo para posteriormente tentarem, através de concursos de efetivação, ingressarem no quadro estadual de ensino. Os concursos de efetivação vinham em seguida ao estágio, era quando o professor tornava-se funcionário público. Esse concurso, entretanto, não dava ainda ao professor a oportunidade de escolher a escola de sua preferência. Para o professor efetivo ser remanejado para uma outra escola, ele era submetido a novo exame – o concurso de remoção –, e se obtivesse resultado satisfatório e houvesse vagas na escola, seu pedido era aceito.

Nós entrávamos para o quadro Estadual mediante um concurso que nos tornava estagiárias, permanecendo nessa condição por um ano, então tínhamos um novo concurso, que era de remoção e efetivação e a partir daí podíamos escolher uma escola. O concurso não era realizado através de provas: nós íamos até São Paulo, e todas as vagas eram expostas no Diário Oficial, formando listas enormes e então, entre as vagas oferecidas, marcávamos as escolas que nos eram mais interessantes, ou seja, aquelas que ficavam mais perto de nossas casas. Portanto os concursos eram diferentes, porque nós não tínhamos provas como hoje se tem, então, não tenho certeza, mas penso que o processo de seleção levava em consideração o tempo ou alunos com os quais o professor trabalhou. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Depois de formada eu fiquei dois anos como substituta, de 1956 a 1958, e a partir de 1959 eu me tornei efetiva. Para nos tornar professores efetivos fazíamos um concurso- que acontecia através de provas, onde a nossa classificação final era a somatória da pontuação na prova e os pontos que cada um obteve com a experiência prática. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

A formação de professores era comum para o ensino na zona urbana ou rural, não havendo disciplinas específicas ou algo que as diferenciasse. Constatação dessa mesma natureza é feita no relatório final de Iniciação Científica *Resgate histórico da formação e atuação de professores da escola rural: um estudo no oeste Paulista*, de Maria Ednéia MARTINS (2003), que tematiza a educação na escola rural discutindo a formação e atuação de professores, o caráter transitório que os professores davam a esse tipo de instituição de ensino é explicitado pela autora, quando apresenta a escola rural como uma "terra de passagem" devido aos professores somente iniciarem ali suas vidas profissionais, e sempre aspirarem a uma vaga em Grupo Escolar, o que se deve, em grande parte, pelas dificuldades vivenciadas por eles enquanto iniciantes, em locais e situações que não participavam do modelo padrão estrutural de "escola ideal" para a qual haviam sido preparados. Ainda segundo MARTINS (2003), a formação dos professores-depoentes em sua pesquisa não contava com nenhuma disciplina específica ou um tratamento adequado em relação ao ensino na zona rural.

Na Escola Normal não havia ensino diferenciado para quem ia dar aula na zona rural ou na urbana, era a mesma aula para todos os alunos, a mesma matéria, a mesma assistência, as mesmas notas se merecessem, e depois de formados cada novo professor buscava o seu caminho, ou seja, cada um ia dar aula onde conseguia, então não havia nenhuma restrição para os alunos depois de formados, nem alguma imposição de onde esse aluno deveria lecionar primeiramente. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Nós não tínhamos nenhum preparo específico para lecionar nas fazendas, como o conhecimento da agricultura, então quando íamos para essas escolas aprendíamos mais com os alunos do que os alunos com a gente, e naquele tempo a maioria dos professores que

se formavam, iam trabalhar em fazendas. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Isso acabava por representar um problema aos professores, pois embora aparentemente se tratasse do mesmo ensino, as condições impostas eram absolutamente diferentes: as escolas rurais usavam lugares adaptados às necessidades de uma escola, não atendendo às exigências de um grupo escolar; no grupo o ensino era seriado e seqüencial, enquanto que nas fazendas, por força da necessidade, utilizava-se ainda o ensino simultâneo; o tempo de aula de uma série era o mesmo para séries diferentes, devido o sistema de ensino simultâneo, então o professor precisava ensinar três turmas distintas no tempo em que ensinaria uma. Assim essas condições (ensino multiseriado, simultâneo, infra-estrutura via-de-regra precária etc) acabavam fazendo com que as aulas e o rendimento dos professores e dos estudantes fosse extremamente diferenciado em relação ao do ensino nas zonas urbanas. Além do mais, o professor era instruído a ensinar uma sala de aula em condições ideais, que era representado pela figura das escolas urbanas e se deparava com uma condição adversa, para a qual não havia sido preparado, ficando sob sua inteira responsabilidade a adequação a essas "novas" exigências.

[...] nas escolas rurais, a gente dava aula para duas ou três séries juntas, [...] todas essas séries na mesma sala, e por ser assim era complicadíssimo dar aula, o ensino acabava ficando pobre, porque o professor não conseguia dar aula para três turmas juntas como se estivesse dando aula para uma única turma, e era assim que acontecia. Então dividiam as carteiras por séries e passavam na lousa uma determinada matéria para 3ª série e outra para 2ª, e iam para 1ª série que necessitava de mais atenção porque tinha que ensinar a ler e a escrever, e essas crianças, muitas vezes, você precisava pegar na mão para ensinar a segurar o lápis, então era muito difícil. Sem contar que tinha o mesmo tempo para fazer tudo isso que se tinha numa escola da cidade, onde as condições eram muito melhores. Então era um ensino muito pobre, porque é humanamente impossível você dar aula para três séries ao mesmo tempo, das oito ao meio dia. Era muito complicado, era terrível, só quem passou para saber como era. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O ensino nas escolas rurais aparecia quase que como uma imposição aos professores recém-formados, era como o primeiro passo à carreira.

Todo início de carreira se dava numa escola rural, todos que terminavam a Escola Normal, através do primeiro concurso, eram enviados às fazendas para ficar durante um ano lecionando ali na condição de estagiário, e só depois desse período é que se podia, mediante o concurso de efetivação, ir para as escolas de cidades. Aí você não precisava mais voltar às escolas rurais, a não ser que fosse da sua vontade, de seu interesse, por exemplo, sair de um ótimo grupo, numa boa cidade, para ficar numa escola de fazenda que geralmente eram escolas com muitas dificuldades. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Era comum o professor recém- formado começar a dar aulas em escolas da zona rural, muitos professores começavam assim, até porque havia muitas escolas rurais. Antigamente não eram os alunos que se locomoviam até seus professores, mas sim os professores que iam ao seu encontro. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Devido às condições oferecidas pelas escolas da cidade e das fazendas, o professor almejava lecionar nos Grupos Escolares. Nesse tipo de escola as condições de trabalho eram melhores, não havia a necessidade de se ir a lugares distantes e ofereciam certo *status* positivamente diferenciado ao professor.

Ser professora de Grupo Escolar era melhor que ser professora de Escola Rural ou Escola Isolada devido às condições embutidas nelas. Sendo professora de um Grupo, você está dentro de uma cidade, enquanto que nas outras você precisa se locomover até elas, às vezes por caminhos precários, então a vida era mais fácil quando se lecionava na cidade, porque não era preciso enfrentar aquelas estradas que ainda não eram asfaltadas, que eram todas de terra, que fazia a gente comer muita poeira, e quando não, era porque chovia, e então fazia a gente tomar muita chuva, por isso todo o mundo queria vir para cidade, quem já estava não queria sair e quem lecionava na fazenda, é lógico, tinha essa vontade de vir para cidade. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Além das aulas práticas, o jovem, ainda estudante do curso Normal, podia lecionar temporariamente na condição de professor substituto, nas escolas onde estivessem faltando professores efetivos e substitutos já formados.

Antes de terminar o curso a gente já podia pegar aula, caso o professor efetivo ficasse doente ou qualquer coisa assim, e não tivesse professor formado que o substituísse, nós que ainda éramos estudantes podíamos pegar a sala. Eu substitui em Bastos por dois meses uma professora que ficou doente. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Concluído o curso Normal, os professores permaneciam durante um tempo como substitutos, condição esta que só era mudada após sua efetivação, mediante concurso. No entanto, mesmo não sendo efetivos, eles eram os responsáveis pela sala: desde a manutenção da disciplina ao preparo da aula. Com essas aulas os professores obtinham pontos que auxiliavam na escolha da escola em que lecionariam, já como professores efetivos:

Quando concluíamos a Escola Normal fazíamos o estágio, que era o primeiro passo depois da formação.[...] Eu ingressei em 1941 como estagiária do Estado. Ser estagiária naquele tempo era diferente de como se é hoje, você só não era efetiva, porque ganhava do mesmo jeito e tinha todo o controle da classe, pois o estagiário era o responsável por acompanhar os alunos, era ele quem controlava toda a sala, então eu penso que era um tempo que eles davam para o professor se adaptar, talvez seja isso, eu não sei. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Antigamente, quando o professor ou professora se formava, caso tivesse uma vaga, eles já podiam pegar uma classe. Primeiramente o recém formado do Normal ficava como professor substituto, ele se inscrevia para ser substituto, sua nota de classificação era dada pela nota de aprovação. Enquanto substituto o professor ficava dentro de uma sala de aula aprendendo, vendo a professora efetiva da sala dando aula, mas se houvesse uma vaga de professor, ele podia assumir a classe, obedecendo a ordem de classificação. O substituto era escalonado, fazíamos por ponto, tratava-se de uma lista de nomes onde o primeiro era o que tinha maior número de pontos, e na falta de professor esta lista corria os nomes da escala, do primeiro ao último até retornar ao topo e nós já ganhávamos dinheiro por essas aulas. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Após concluir a Escola Normal a gente ficava na condição de professor substituto, então tínhamos que ficar um período no Grupo Escolar ajudando os professores que já eram efetivos a corrigir cadernos, preparar a aula, ajudar os alunos que tinham mais dificuldades, sempre na presença do professor responsável pela sala. Assim, enquanto ajudávamos, íamos aprendendo e adquirindo experiência. Como professor substituto ainda não recebíamos remuneração, ganhávamos pontos, e esses pontos acumulados eram

acrescidos à nota obtida pela prova do concurso de efetivação, auxiliando na escolha de cadeira. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Os professores formados pelas Escolas Normais podiam lecionar para quaisquer escolas, desde que atendessem às séries do primário, portanto podiam trabalhar para escolas estaduais, municipais ou particulares. Porém a preferência da maior parte dos professores era trabalhar para Estado, devido às melhores condições oferecidas por ele.

Antes de ser professora do Estado, eu fui funcionária municipal [...] Eu poderia ter ficado lá até o final da minha carreira, mas acontece que eu queria naquele tempo ser funcionária do Estado, porque a visão maior da gente era ser professora estadual, então eu fiz estágio nesses dois anos e prestei novo concurso para entrar no Estado. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Nossos depoentes mantiveram-se na carreira docente durante toda a vida profissional, constituindo uma carreira docente – alguns trabalharam a vida toda em Grupos Escolares; outros em escolas particulares, mas sempre como um profissional da Educação.

[...] fui professora do Grupo acho que por uns oito anos mais ou menos, não me lembro exatamente. [...] Quando saí do João Crisóstomo passei a lecionar na escola Hilmar Machado, onde fui coordenadora e orientadora educacional, mais tarde no Nely Carbonieri e no Alcyr, mas ao mesmo tempo em que eu lecionava nas Escolas Estaduais eu passei a lecionar também em escolas particulares, fui professora no Colégio Santo Antônio e depois no Colégio Antares. Depois de um tempo voltei a dar aula no Hilmar onde fiquei até me aposentar, porém, mesmo aposentada, ainda continuei lecionando nas escolas particulares, [...] (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Após trabalhar por vinte anos no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, fui, a pedido do diretor da divisão, para o Grupo Escolar Maria do Carmo onde assumi a direção da escola. Fiquei neste Grupo por seis anos, então completei trinta anos e um dia (de serviço) e pedi a minha aposentadoria. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

[...] fui professora do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, acho que, durante vinte e um anos. Me aposentei se não me engano em 1978, quando o grupo já tinha sido mudado para Escola

Estadual Professor João Crisóstomo, [...] (Lázara Saenz Artioli, professora)

Os depoentes não consideram, por exemplo, a restrita gama de possibilidades de opções à época, mas ressaltam a carreira do magistério como valorizada e de grande prestígio. A antiga importância do professor, "por serem os educadores de uma nova geração de cidadãos conscientes"; entretanto, não se mantém, sendo nitidamente perceptível a trajetória de desvalorização, principalmente em seus salários.

Hoje em dia já não temos mais o prestígio que tínhamos antigamente, a começar, a desvalorização do nosso salário, e quando aposentados ainda mais achatado. Os que estão lá em cima se esqueceram que precisaram passar pelo professor primário, que o começo foi a base de tudo, e todos tiveram que passar por ele, mas eles se esqueceram completamente do professor primário. Acho que todo aposentado, até o professor de Ginásio, todos reclamam que o salário ficou muito achatado. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Os professores sempre tiveram muito prestígio diante da sociedade, mas isso não os impediu de sofrer a desvalorização do salário, e isso aconteceu enquanto eu ainda estava trabalhando. Mas todas as demais profissões também passaram por essa situação. Foi desvalorizado o salário de todo o povo, não só dos professores, então as dificuldades foram as mesmas para os professores e para os não professores, e todos aceitamos porque a gente tinha que fazer por viver. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O salário foi desvalorizado ao mesmo passo em que a profissão docente também perdia seu brilho. A construção de várias escolas de formação de professores, sendo algumas de caráter duvidoso, sob a intenção de ampliar o número de vagas para um curso de intensa procura, acarretou a formação de professores não preparados para o exercício de suas atividades, fazendo com que a qualidade do ensino nas escolas primárias e secundárias, fosse prejudicado. Essa crítica desponta no depoimento de uma de nossas colaboradoras:

[...] desde aquela época havia muitos professores, a diferença é que quando eu me formei havia três Escolas Normais no Estado. Hoje deve haver mais de cem, em qualquer canto há uma escola de

formação de professores, maiores ou menores, melhores ou piores, há muitas escolas. Então, penso eu, que o nível das professoras do meu tempo era muito maior. Hoje você conhece professoras que não sabem conjugar os tempos verbais, incapazes de te tratar por você do começo ao fim de uma conversa. E tudo hoje em dia é aceito. Então a grande quantidade de professores no mercado e sua má formação fizeram com que o ensino fosse muito desvalorizado. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

# 4.2. Memórias do Espaço Próximo: as escolas de Garça e o Grupo Escolar Professor João Crisóstomo.

Com a obrigatoriedade do ensino e a intensa procura da população por educação, as escolas passaram a se propagar pelo país, sendo sua difusão nas regiões, dependente da condição econômica da localidade. Assim, os Grupos Escolares tiveram uma história bastante diversificada nos diversos estados brasileiros, pois a educação, proposta pela Primeira República (1889-1930), ainda estava sob responsabilidade de cada estado- condição essa que só viria mudar com a Revolução de 30, quando o sistema educacional passou a ser centralizado pelo poder federal. Dessa maneira, a situação econômica influenciava e diferenciava o sistema educacional nas diversas regiões do Brasil. Uma certa "homogeneização" no sistema educacional só começou a ser possível quando ela se tornou responsabilidade de um órgão central, o Ministério da Educação e Saúde.

Em Garça, uma das escolas instaladas foi o Grupo Escolar Professor João Crisóstomo (mais lembrado e conhecido popularmente por "Grupão"), destaque em nossa pesquisa por ser uma das escolas mais antigas, por sua condição de Grupo Escolar, por seu porte e beleza. A escola foi fundada em 1929, mas antes de ser conhecida por este nome ou pela grandiosidade de sua edificação, passou por inúmeras modificações. Em princípio, a escola representou a união de escolas próximas, marcando a criação do Grupo Escolar das Escolas Reunidas de

Garça que, em 1930, mediante a anexação das Escolas Reunidas, passou a se chamar Grupo Escolar de Garça e só depois, em 1945, tornou-se o Grupo Escolar "Professor João Crisóstomo".

O Grupo Escolar funcionou primeiramente num edifício improvisado às necessidades da escola, não atendendo ainda as condições específicas da mesma, isso porque a população necessitava de uma escola com certa urgência, visto que havia grande demanda por educação. A improvisação e a adequação de prédios para o funcionamento de unidades escolares foi um fato constante, acontecendo em várias cidades do estado de São Paulo e nos demais estados, uma vez que adequar um prédio às necessidades impostas pelo sistema educacional era por vezes mais rápido e menos custoso aos cofres públicos.

Quando eu vim para o Grupo Escolar de Garça [1946], o prédio onde funcionava a escola não era o mesmo onde hoje funciona a E.E. Professor João Crisóstomo, este ainda estava em construção. A escola funcionava num prédio próximo ao da construção, onde hoje é o Museu. Ficamos lá até o Grupo ser acabado. (...) Era um prédiozinho antigo, tinha uma escada de lado a lado, ali era acanhadinho o Grupo, as salas eram bem pequenas, não era um prédio próprio ao funcionamento de uma escola, era tudo adaptado. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Um edifício adaptado ao funcionamento de uma escola é muito distinto de um edifício construído com a finalidade de se instalar nele uma escola, pois embora o primeiro apresente menos gasto e possibilite mais agilidade no processo de implantação da escola, trazendo consigo vantagens a curto prazo, não é capaz de atender com qualidade as necessidades que demanda a educação e, enfim, a longo prazo (que por vezes nem é tão longo) acaba apresentando uma série de problemas que prejudicam e até inviabilizam o processo de ensino e aprendizagem. Em contra partida, quando o prédio é construído com a clara intenção de fazer funcionar uma escola, todos os cuidados são tomados para que as necessidades educacionais sejam atendidas, além dessa escola ser utilizada por várias gerações.

Os autores Diana Gonçalves Vidal e Luciano de Faria Filho, no capítulo Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil do livro *As* 

Lentes de História: estudos de história e historiografia da Educação no Brasil, afirmam a necessidade de construção de prédios próprios à escola como condição indispensável à realização de sua função social específica. Comentam a situação das escolas oitocentistas que, dentre muitos problemas (e graves), apresentam a precariedade de instalação- as escolas eram mantidas em casas de aluguel que não atendiam às necessidades educacionais, portanto não permitindo o bom desenvolvimento das atividades escolares e causando danos à saúde dos alunos, visto que eram inadequadas as condições de higiene e limpeza.

O Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, passou a funcionar em prédio próprio em fevereiro de 1945 (segundo o Histórico da E.E. Professor João Crisóstomo, um material que nos foi indicado pela própria escola) e nesse ambiente apresentava boas condições de funcionamento, como estrutura física adequada à finalidade do ensino (salas amplas e bem iluminadas), espaços próprios à direção, secretaria, sala dos professores, refeitórios e quadra de esportes. A escola, devido à qualidade de seu planejamento e construção, permanece ativa ainda hoje, oferecendo ensino fundamental gratuito para grande parte dos alunos da cidade na faixa etária de 7 a 10 anos. A iniciativa de construção de prédios específicos, de arquitetura diferenciada e elaborada, foi inicialmente proposta pela República para estabelecer uma diferenciação em relação ao ensino promovido pelo Império.

Com a inauguração do João Crisóstomo nós passamos para o prédio novo, uma escola muito bem feita, muito bonita. A escola é a mesma que conhecemos hoje, o Grupo Escolar foi construído propositalmente para um definido fim, então era tudo adequado ao funcionamento de uma escola, as salas eram amplas e bem claras, as lousas eram grandes, eram salas muito boas, os alunos sentavamse em carteiras individuais, tinha uma cozinha muito boa, eram coisas próprias para atender às necessidades de uma escola. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

A escola funciona no mesmo local e preserva as mesmas características de antigamente, há pouco tempo fui na escola e percebi que as salas, as escadas são as mesmas, há pequenas modificações, mas em si o prédio permanece igual ao de tempos atrás. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O prédio do Grupo Escolar ainda funciona como escola, é o João Crisóstomo, e pouca coisa mudou em sua estrutura daquele tempo

para hoje, as salas de aula de quando estudei [1956 a 1960] são as mesmas de quando fui professora. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

O Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, no tempo em que eu trabalhei [1958 a 1978], funcionava no mesmo prédio onde funciona a E.E. "Professor João Crisóstomo". (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Quando lecionei no Grupo [1957 a 1978], ele já se localizava onde está hoje, na avenida, era um prédio grande, e inclusive ele em si não mudou muito, fizeram algumas reformas lá no fundo, modificaram a fachada daquela quadra do lado e a cobriram, porque antes ela não era coberta, as crianças faziam ginástica lá mas era toda descoberta, não tinha aquela grade, era só aquele gramado ali na frente, então as mudanças foram essas. É um prédio muito bonito. (Lázara Saenz Artioli, professora)

O prédio era do mesmo jeito que é hoje. Não tinha quadra e não tinha grade. Sempre foi no mesmo local, na Avenida Brasil (que hoje é chamada por Avenida Dr. Rafael Paes de Barros) com salas em cima, embaixo... (Neuza Julião, aluna)

A cidade contava ainda com outras escolas. Além do Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, já havia as atuais E.E. Hilmar Machado de Oliveira, criada em 1936 e instalada em 1937, destinada ao ensino secundário- era chamada, primeiramente, por Ginásio Municipal, mas em 1949 passou a denominar-se Colégio e Escola Normal "Dr. Hilmar Machado de Oliveira"- e a E.E. Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo Pompeu Castro, criada em 1949 com o intuito de atender o ensino primário, anteriormente conhecida por "Grupinho" posto ser um grupo escolar, mas bem menor em comparação ao Grupo Escolar mais antigo. Logo depois foram criadas novas escolas para atender a população que crescia.

No tempo em que funcionavam os Grupos Escolares em Garça e eu dava aula, as nossas escolas ainda eram poucas, havia o Grupão-Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, havia o Grupinho, atual Maria do Carmo, que funcionava onde hoje é o Museu, inclusive eu comecei a substituir ali e o Hilmar Machado, que era o Ginásio. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

... existiam o João Crisóstomo, o atual Hilmar, que chamava Grupo Escolar e Ginásio do Estado e o Grupinho, que hoje é o Maria do Carmo [...] (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

O Grupão é a escola mais velha que tem aqui. Depois dele teve o Grupinho... falava Grupão e Grupinho. O Grupinho é onde hoje é o Maria do Carmo Pompeu Castro. (Neuza Julião, aluna)

Em Garça, quando eu estudei, tinha o Grupão, a Escola da Estação, o Hilmar, e me lembro que quando eu ainda era pequena já tinha o Maria do Carmo, e quando eu estava indo para o Ginásio foi feito o Lydia Yvone<sup>5</sup>, que o pessoal chamava de Jeguinho, o Nely<sup>6</sup> também foi feito depois. (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

Uma de nossas depoentes comenta, ainda, a respeito das denominações atribuídas, pela população, aos grupos escolares da cidade. Coloca que as escolas eram chamadas de Grupão e Grupinho apenas por suas diferenças estruturais e espaciais, não as tachando como uma escola de melhor ou pior qualidade.

O Grupão e o Grupinho distinguiam-se apenas por seus aspectos físicos, uma vez que o Grupinho possuía salas muito pequenas, apertadíssimas, porque em relação à qualidade do ensino não deixava nada a desejar. Ambas tinham professores excelentes, muito bons [...] (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O Grupo Escolar Professor João Crisóstomo oferecia ensino de 1º ao 4º ano do ensino primário (hoje, 1ª a 4ª séries do ensino fundamental), além do curso preparatório ao exame de admissão- o 5º ano.

Naquela época o ensino era do primeiro ao quarto ano, então o aluno ou fazia o quinto ano ou fazia uma prova de admissão para o Ginásio, que é a quinta série de hoje. Até o quinto ano se estudava no João Crisóstomo. Agora, se a pessoa fizesse o exame de admissão e passasse, mudava para o Hilmar [...] (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

A princípio o Grupo Escolar ofereceu ensino de 1ª a 4ª série para a população [...] (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O curso preparatório era destinado àqueles que prestaram o exame de admissão e não obtiveram resultado satisfatório ao ingresso no secundário. Assim, esses alunos fariam durante um ano esse curso que, segundo nossa depoente, era oferecido, em princípio, apenas

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> E.E. Prof<sup>a</sup> Lydia Yvone Gomes Marques

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> E.E. Prof<sup>a</sup> Nely Carbonieri Andrade

pelo Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, e após um determinado tempo passou a ser oferecido por escolas particulares.

.... com o decorrer do tempo (o Grupo Escolar Professor João Crisóstomo) passou a oferecer também a 5ª série, que era uma condição diferenciada dos demais Grupos que já existiam na cidade, porque apenas o nosso Grupo teve, mas não era nada de muito diferente, para mim era um 4º ano mais forte, com mais preparo. Acredito que era mais um preparo para o Ginasial, um curso preparatório. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O exame de admissão era realizado por alunos concluintes do ensino primário que tinham interesse em continuar os estudos, e era composto por provas escritas e orais de Português, Aritmética e Conhecimentos Gerais. Tinha caráter obrigatório e, assim, todos que almejavam uma vaga no curso ginasial faziam, necessariamente, o exame, que por ter caráter seletivo, promovia a elitização da educação. O exame de admissão foi estabelecido como obrigatório através da Reforma "Francisco Campos", pelo Decreto 19.890 de 18 de abril de 1931, e perdurou até 1969.

O ingresso de estudantes no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo acontecia mediante matrícula, assim como nos demais Grupos. Era necessário completar 7 anos no ano de ingresso e não era obrigatório ter cursado Jardim da Infância<sup>7</sup>. Nos casos de transferência, os pais ou responsáveis deveriam levar até o Grupo, quando fossem requerer matrícula, documento que comprovasse a escolarização da criança.

Para entrar no Grupo Escolar era preciso ter sete anos, podendo entrar tendo feito o Jardim da Infância ou não. Eu fiz o Jardim de Infância [...] (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

Para entrar no Grupo Escolar precisava ter sete anos e não era obrigatório ter pré-escola. Eu, por exemplo, tive, mas muitas outras crianças não tiveram. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

... Mas havia o caso também de alunos que ingressavam através de transferência, não sei direito, mas acredito que naturalmente eles traziam um atestado da escola onde eles estavam cursando comprovando sua escolaridade, por exemplo, quem se matriculava no 3º ano devia trazer um atestado de conclusão de 2ª série, se ía se

-

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Escolas destinadas ao ensino anterior ao primário, os Jardins da Infância tinham caráter facultativo e atendia crianças com idade limite de 6 anos.

matricular no 2º ano trazia o atestado da 1ª série e assim para todas as séries. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O Grupo Escolar atendia a todas as crianças da cidade, independentemente do local onde moravam. Atendia também fazendas próximas à cidade, quando ainda não existiam escolas típicas rurais<sup>8</sup>. Até o ano de 1990 a instituição escolar poderia atender estudantes de diversas regiões da cidade, não sendo obrigatório o aluno residir nas imediações da escola. Essa condição só foi alterada com a implementação da Lei federal nº 8.069/1990 que vinculou o aluno à escola pública e gratuita próxima de sua residência. Assim, cada escola passou a atender alunos residentes de bairros vizinhos.

[...] naquela época [1956-1964] a escola aceitava aluno de qualquer lugar, de qualquer parte da cidade. As nossas salas eram bastante heterogêneas, tinha criança do centro e de bairros afastados, só não tinha alunos da zona rural porque já havia até a quarta série nas fazendas. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Os alunos eram todos da cidade ou de alguma fazenda próxima [...] (Lázara Saenz Artioli, professora)

A escola era mista, apesar de haver salas exclusivamente femininas ou masculinas, como podemos observar em documentos da escola, em fotografías e nas entrevistas coletadas.

Eu estudei no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo a 3ª e a 4ª série. [...] A escola era mista, eu me lembro que a 1ª série e a 3ª série eu estudei numa sala de aula mista, tinha meninos e meninas. Agora, a 2ª série, que eu fiz em Marília, era uma sala feminina, a 4ª série também, mas a 1ª e a 3ª série era mista. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

A escola era mista, embora algumas salas tivessem meninos e meninas separados. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Com o passar do tempo, as alterações da legislação e das condições próprias da escola, os turnos de aulas foram sendo modificados. Os depoentes, que passaram pelo Grupo Escolar em diferentes épocas, relatam essa diferença nos horários de aula.

-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Escolas que funcionavam no campo, em fazendas, atendendo filhos de colonos. Eram características dessas escolas o ensino multiseriado e simultâneo.

O Grupo Escolar funcionou a princípio em três períodos que era de 8:00 às 11:00 horas, de 11:00 às 14:00 horas, e me parece que de 14:00 às 17:00 horas, mas teve esses horários durante pouco tempo, porque logo passou a funcionar em dois períodos, das 8:00 às 12:00 horas e das 12:00 às 16:00 horas. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora no período de 1946-1971)

Funcionava das 8h00 às 11h00, das 11h00 às 14h00 e das 14h00 às 17h00. Esses eram os horários. (Neuza Julião, aluna no período de 1958-1962)

Os Grupos Escolares geralmente funcionavam em dois períodos, o da manhã e o da tarde, me lembro do horário da tarde porque eu dava aula nesse horário [a professora Aparecida lecionou no Grupo Escolar de 1956 a 1964], era da uma às cinco horas, mas devido o aumento de alunos matriculados houve a necessidade de que a escola passasse a funcionar em três períodos, sendo que o primeiro horário era das oito às onze, o segundo das onze às duas e o terceiro das duas às cinco. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

A respeito da merenda escolar, cada uma de nossas depoentes apresenta uma lembrança distinta das demais: algumas afirmam que a merenda era oferecida pelo Grupo, independentemente dos horários em que a escola funcionava; outras, que a distribuição de merendas só acontecia quando o tempo de permanência das crianças na escola era maior, e há, ainda, a afirmação de que os horários (de aula ou permanência do estudante na escola) implicavam um intervalo entre as aulas, mas que esse intervalo não implicava a distribuição de merenda.

O Grupo funcionava em três horários, não me lembro qual era o primeiro, mas me lembro que o segundo começava 11:10h e terminava as 14:00h, eu estudei uma vez nesse, e nós não tínhamos recreio. No ano seguinte, quando eu estava na quarta série, estudei das 14:10h as 17:30h, nesse novo horário tinha recreio, mas ainda não tinha merenda para crianças, aliás, durante todo o tempo que estudei no Grupo, a merenda nunca foi fornecida pela escola, nós não tínhamos cozinheira, nem mesmo cozinha, quando colocaram esse horário que tinha recreio, cada criança precisou levar o seu lanche. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna no período de 1956 a 1960)

O tempo em que funcionou em três períodos não havia a distribuição de merenda, porque tratava-se de um tempo reduzido.

Mas ao passar para dois períodos, colocaram um recreio entre todo o período, que antes não existia, e aí a merenda passou a ser servida. Tínhamos merendeira e cozinheira e elas faziam sopas muito bem feitas. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora de 1946 a 1971)

Também lembro que tinha merenda. Eles davam leite com groselha para nós, davam canjica... Acho que isso acontecia em todos os períodos. Se tinha merendeira a gente não lembra... (Neuza Julião, aluna nos anos de 1958 a 1962)

[...] Tinha lanche para as crianças, que era a merenda e tinha até uma vaca leiteira. Tinham também uma cozinheira muito boa[...] (Lázara Saenz Artioli, professora de 1957 a 1978)

Nossas depoentes também tecem opiniões a respeito da limpeza do Grupo Escolar, voltando seus olhos ao passado de forma um tanto quanto saudosista, afirmando que a escola era muito mais limpa devido ao respeito que os alunos tinham perante o ambiente em que estudavam.

[...] havia pessoas responsáveis pela limpeza, talvez tivesse menos gente no trabalho e a escola era mais limpa do que hoje em dia, mas isso porque o aluno colaborava, ele não sujava, a educação era muito maior.(Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Também tínhamos servente trabalhando na escola. A escola era muito limpa, todo santo dia a limpavam, um pouco também porque as professoras ensinavam limpeza. A educação também era outra. (Lázara Saenz Artioli, professora)

No entanto uma de nossas depoentes critica o serviço de limpeza da escola, seja quando funcionava como Grupo Escolar, seja agora, como Escola Estadual:

O serviço de limpeza do Grupo já não era tão bom [no período em que eu lecionei (de 1956 a 1964)], os banheiros eram terríveis, aliás não só os banheiros, as salas de aula também. Já tínhamos serventes, mas eram muitos alunos e era difícil dar conta da escola toda [...] (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O Grupo contava com corpo docente bem preparado- todos formados por Escolas Normais, que eram as instituições responsáveis pela formação de professores do ensino primário, sendo que havia professores naturais de várias cidades e formados em diferentes escolas, e mesmo com toda a diversificação no quadro de professores, segundo os relatos dos nossos entrevistados, a relação entre eles era boa, bem como a relação deles com a direção da escola.

Nossa convivência com os diretores era muito boa, as vezes havia uns diretores mais chatinhos, mais exigentes, mas a gente ali cumpria obrigação, então não havia o quê reclamar.[..]

... não posso deixar de dizer que a amizade entre os professores era também uma coisa muito boa, a gente fazia comemorações de aniversários, festas junina. Havia muita união entre nós, a gente trabalhava em conjunto e isso era muito bom, enriquecia a amizade da gente, tenho amizade até hoje com algumas das professoras [...] (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

[...] A relação entre direção e professores também era muito boa, nunca ouvi falar de uma mal querência entre professor e diretor ou entre professores. Francamente, foram muitos anos de uma convivência muito saudável. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Havia uma relação muito nítida entre o tempo de magistério e a escolha de horários e/ou classes, porque essa escolha só era possível (ou se fazia mais facilmente) quando o professor já estava por mais tempo em um determinado Grupo Escolar. Como nosso quadro de depoentes é composto majoritariamente por mulheres, a preferência por horários específicos de trabalho era bastante comum, pois as preocupações eram basicamente as mesmas: a casa e os filhos.

Em relação aos horários, geralmente tinham preferência os professores mais antigos na escola, eu por sorte sempre peguei o período das duas às cinco, que para mim, que já tinha quatro filhos, era o melhor, porque às vezes eu conseguia deixar meus filhos dormindo e voltava à tarde quando eles estavam acordando. Quando a escola funcionava em apenas dois períodos, também sempre peguei o período da tarde. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

No início do meu trabalho no Grupo eu peguei o pior horário, porque a gente no começo sempre pega o pior: era o segundo período, mas trabalhei pouquíssimo tempo nele. Eu achava ruim, porque além de professora eu era também dona de casa e esse horário me fazia sair de casa na hora do almoço, deixar as crianças, eu com seis filhos pequenos, então para mim era difícil. Mas depois eu pude escolher o horário que eu achava melhor, porque eu já tinha mais anos de carreira dentro da casa. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O professor, geralmente, não acompanhava uma mesma sala durante toda a formação primária daqueles alunos: cada ano um professor era o responsável pela sala (nesse período não havia troca de professores em meio de ano). Mais uma vez, percebe-se uma relação entre o tempo de magistério e uma escolha: o professor podia optar pela série de sua preferência.

Cada ano nós dávamos aula para uma turma diferente, era muito raro um professor assumir uma turma no primeiro ano e continuar com a mesma até o quarto, eu por exemplo sempre lecionava para a segunda série, até brincava com os alunos: puxa eu nunca passo de ano, sempre fico na segunda série! Mas era uma preferência minha, porque eu já tinha todo o material do segundo ano e uma certa experiência. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Dei aula muitos anos para o primeiro ano, o que me deu muita felicidade, sempre tive cem por cento de promoção. Lecionei para todas as séries, inclusive para o 5° ano, mas o que eu realmente gostei foi do 1° ano, meus aluninhos entravam sem saber pegar no lápis, não era como hoje que eles entram muitas vezes até alfabetizados. Naquele tempo eles entravam sem saber nada e era muito gratificante por exemplo em julho, vê-los vindo, olhando os dizeres nas lojas e lendo, era uma coisa linda, emocionante. Era muito difícil mas era, ao mesmo tempo, muito gostoso e gratificante, no finzinho dos meus anos na escola, eu lecionei mais de dez anos seguidos para turmas de 1° ano... (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O Grupo Escolar contava com salas de aula amplas e, por isso, podia atender vários alunos numa mesma sala, formando classes bastante numerosas. Essa, inclusive, era uma diferenciação surgida com os Grupos Escolares: não havia mais salas multi-seriadas e o ensino foi sistematizado por classes que desenvolviam atividades conjuntas, durante um período de tempo bem demarcado. No entanto, apesar de haver muitos estudantes na sala,

nossas depoentes relatam que não havia maiores dificuldades para ensiná-los, pois o retrato dos estudantes e da escola era bem distinto desse que vêem hoje.

As salas de aula eram muito numerosas, tanto no Grupo, que tinha 47, 48 alunos quanto no Ginásio, que tinha 50, 51, mas o professor conseguia dominar a classe com tranquilidade porque o aluno era outra coisa, era cabisbaixo, não podia abrir a boca, por isso que eu digo, a escola, a sala de aula era um santuário, respeitava-se muito mais, antigamente, a escola, do que hoje se respeita a Igreja. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

As salas de aulas eram numerosas, havia uns quarenta alunos ou mais, teve sala minha que chegou a ter 46 alunos, porém o professor conseguia dar sua aula tranqüilamente porque ele se acostumava de tal modo com aquela prática que conseguia dar português pra uma turma, por exemplo, dava narração pra essa, e leitura pra aquela, enquanto isso dava outra coisa para outro, fazia de um jeito que uma aula não atrapalhava a outra. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Nossas salas no João Crisóstomo eram bem numerosas, tinha aproximadamente 37, 38 até 40 alunos, e eram todas salas mistas, mas a grande quantidade de alunos não impedia o professor de dar sua aula, ele dava conta de tudo. Mas naquele tempo os alunos eram mais comportados e obedientes, então a gente com jeitinho os levava muito bem, sem que eles retrucassem ou reclamassem. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Apesar de serem salas numerosas nós conseguíamos lecionar tranqüilamente, sem maiores problemas, porque antigamente era diferente dar aula, as crianças eram mais dóceis, mais educadas, ficavam mais calmas na classe, hoje elas são muito vivas, irrequietas. Não vou dizer que era fácil também, mas pelo o que eu ouço falar de agora, era um pouco melhor. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Cada professora tinha seu modo particular de lecionar, que era justificado por cada uma delas como sendo devido aos anos no magistério e a conseqüente percepção das reais dificuldades do alunado com o qual estavam lidando em sala. Assim, várias estratégias foram se desenvolvendo, o que por vezes agradava e por vezes frustrava os alunos. Dentre elas a mais comum foi a separação dos alunos em fileiras, levando-se em consideração o grau de desenvolvimento de cada um.

Eu dava aula de uma maneira bem própria minha, o conteúdo a ser ensinado era o mesmo para todos os meus alunos, porém o jeito de ensiná-los era distinto, isso porque não existia um aluno igual a outro, tinha aluno que era mais vagaroso e tinha os mais espertos, então eu trabalhava mais com os menos fortes, tentava fazer com que de alguma maneira um acompanhasse mais ou menos o outro. [...] Então, a sala ficava dividida em seção A, B e C, no primeiro ano, o A era a mais fraquinha, era a que eu chamava na lousa, a B já era mais fortinha e a C nem precisava, só olhava, e eles já faziam; eu via os erros e os mandavam consertar, ou senão, eu fazia uma espécie de exame, punha na lousa as perguntas e os que respondessem teriam nota. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Eu acho, até, que eu era exagerada. Eu chegava lá no João Crisóstomo e já ia direto para a minha classe para poder passar alguns exercícios na lousa, para que quando os alunos chegassem, já tivessem com o que começar a trabalhar, porque senão, até eles chegarem, tirarem o material da bolsa, e coisa e tal, perdia-se muito tempo. Havia também naquela época, uma separação da sala. A gente separava a classe em alunos mais adiantados e um pouquinho mais lerdos, então tendo as atividade já na lousa ao chegarem, os mais adiantados já iam trabalhando, porque eles trabalhavam mais do que os outros, já que não precisavam de tanta assistência, e então eu podia ajudar os outros que precisavam, os que eram mais vagarosos. Então, eles ficavam separados na sala de forma a facilitar o trabalho para a gente. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

A gente dava mais atenção para os alunos que apresentavam maiores dificuldades, porque eles requeriam maior atenção. A gente dava uma explicação, elucidava. Se via, por exemplo, que o aluno não tinha captado aquilo que foi explicado, a gente ía até ele e tornava a explicar, usando umas palavras mais tchans, palavras mais chegadas a ele, colocando situações vivenciadas por ele. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

A sala de aula, no meu tempo, era dividida em seção A, B e C; a A era os alunos que tinham mais facilidade, eles sentavam na fileira e eram chamados de seção A, a B era de médio rendimento e a C era os alunos fracos, e isso gerava na sala de aula um constrangimento. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Eu não me lembro da sala dividida em seções A, B e C, mas lembro por exemplo que as duas primeiras fileiras eram dos alunos mais apertadinhos, os mais sabidinhos, então acho que a dona Zuleika separava por fileira, mas eu não lembro muito bem dessa separação. O que eu posso afirmar é que havendo essa separação mais despercebida ou aquela mais nítida, não existia como uma forma de discriminação, tanto é que eu nem lembro disso, porque se fosse uma coisa muito marcante, assim, discriminatória com certeza eu me lembraria. (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

A Constituição de 1934 traçou as diretrizes da educação nacional e fixou o Plano Nacional de Educação. Assim, o professor tinha um programa curricular a seguir. Como as propostas curriculares para cada série eram extensas e a sala poderia requerer mais atenção em determinados assuntos, aconteciam casos em que não havia tempo suficiente para o ensino de alguns conteúdos daqueles que eram propostos no programa. Essa exigência legal limitava, certamente, aquela liberdade de ação que as depoentes diziam ter quando relatando suas práticas em sala de aula. Ainda que houvesse certa liberdade, o que permitia aos professores criar estratégias próprias, havia também uma legislação a cumprir.

As matérias a serem ensinadas aos alunos eram determinadas pelo Estado, então vinha o conteúdo programado que o professor deveria ensinar durante o ano para a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série, [...] (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Nós professores seguíamos um programa de ensino, então eram determinados quais conteúdos deveriam ser ensinados para quais séries, e eu considero isso muito importante, porque se a gente procura seguir uma meta, a gente se dedica a ela, se direciona para tal finalidade. E o programa era inteiramente cumprido. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

É fato que nem sempre dava para cumprir todo o cronograma, mesmo com toda a experiência que conseguimos com o passar dos anos, era muito difícil atender todo o programa estipulado. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O Estado definia quais conteúdos deveriam ser abordados ao longo do ano. No entanto, não definiam aos professores o uso de um material didático específico, deixando-os encarregados pela escolha dos livros que usariam, bem como pela compra dos mesmos.

O material utilizado pelo professor em suas aulas era comprado pelo próprio professor, assim era ele mesmo quem decidia qual o melhor material a ser adquirido. [...] o material didático não era oferecido pelo Estado aos professores... (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

O assistente de direção, professor Sérgio de Stéfani, comenta que devido ao não oferecimento de material didático aos professores por parte do Estado, houve abertura à

elaboração de vários livros didáticos capazes de atender às necessidades dos professores, já que seguiam o programa de ensino estipulado pelo Estado, atendendo à legislação.

... cada professor escolhia o livro que adotaria tendo em vista que os livros vinham próprios ao uso em sala de aula porque os autores de livros já sabiam as matérias que deveriam ser vencidas em cada série [...] Tinha livro de leitura, ... Tinha também livros de história, de geografia, de matemática, de todas as disciplinas, assim, por exemplo, uma professora ficava encarregada por uma sala de primeira série, então ela comprava o seu material para lecionar nessa turma e acabado o ano, guardava esse material e todas as vezes posteriores que lecionasse na primeira série usava esse mesmo material. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

O professor, então, escolhia os livros que o norteariam e passava a utilizá-los nas aulas. Os alunos, seja por imposição do professor ou pela necessidade do uso desses livros, os compravam. No entanto, nem todos os alunos tinham condições financeiras para adquirí-los, solicitando ajuda à Caixa Escolar.

Como o professor adotava aquele material, o aluno por conseqüência acabava comprando os livros, também porque entre as atividades em sala como exercícios na lousa, ditado, atividades de composição, redação, descrição, tinham as tarefas a serem feitas em casa. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

A princípio os únicos materiais oferecidos pelo Governo eram o giz e o apagador, por conta da lousa, e só. Depois de algum tempo começou a vir o livro didático, mas no começo não. Nós adotávamos um livro e cada um dos alunos comprava o seu na livraria. Os que não podiam comprar eram atendidos pela Caixa Escolar, mas só recebiam o material alunos muito pobres, comprovadamente pobres, então a maioria comprava. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Os materiais escolares eram todos comprados pelos pais das crianças, o Estado também não nos fornecia nenhum material, nós comprávamos desde lápis a livros didáticos. O aluno que não tinha condições de comprar o material escolar tinha que provar que o pai ganhava muito pouco e que tinha muitos filhos na escola, comprovado ele recebia o material pela Caixa Escolar, que era composto por um caderno, um lápis, um compasso, uma borracha, uma caixinha de lápis de cor, e recebia uma única vez, no início do ano. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

As aulas eram preparadas individualmente: era feito um plano de aula, no qual era colocado o objetivo do ensino de tal conteúdo, as abordagens que se pretendia fazer e as intenções do professor, sendo que esse plano ficava sujeito a modificações, uma vez que a aula era preparada para uma sala ideal e que, no entanto, a interação aluno/professor remetia a uma sala real, onde havia situações inesperadas, e portanto não previstas no plano de aula.

Uma aula por mais bem preparada que esteja, por mais minuciosamente escrita não acontece da forma prevista, porque aparecem outras coisas que você precisa elucidar, que você precisa esclarecer, porque você não pode deixar as crianças boiando naquele assunto, passando por cima do ponto que eles não entenderam e você não explicitou no seu plano de aula. Então você tem que sair daquele programa de aula, e às vezes até reformular e deixar para outro dia o que estava programado para ser naquela hora, por falta de tempo, portanto eu sou contra essa rigidez de programa. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Eu sempre fui uma professora muito dedicada, daquelas que prepara todas as aulas, eu sentava na mesa a noite e ficava preparando a aula que eu ia dar no dia seguinte, e meus filhos, me vendo preparar a aula, sempre falavam: mãe, mas com toda a experiência que a senhora tem, a senhora ainda precisa preparar a aula? E eu sempre falei para eles, que enquanto eu lecionasse eu sempre agiria daquela mesma forma, eu sempre levaria tudo preparado, porque, por exemplo, se eu quisesse na aula da matemática, dar um problema, eu não iria naquela hora ficar procurando qual problema eu deveria dar, não, eu já sabia qual problema estava de acordo com o que eu estava ensinando porque já estava tudo preparado. O que eu preparava nem sempre era vencido numa aula, como eu planejava, então eu passava o que dava tempo de dar naquele dia, e o que não dava, eu reformulava e passava no outro dia junto com outras questões semelhantes, e quando eu notava que os alunos tinham sentido dificuldade, repetia a explicação e dava mais exercícios. Então era feito um preparo para aula, [...] (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

O professor do Grupo tinha total liberdade para preparar sua aula e ministrá-la - desde que atendesse ao programa estipulado pelo Estado- sem que houvesse uma interferência maior por parte da direção, que apenas cobrava os diários ou semanários, dependentes da série, por imposição superior à escola.

As aulas cada professor preparava a sua, nós tínhamos toda a liberdade para prepará-la como quiséssemos, sem a interferência do

diretor. Seguíamos, sim, um cronograma porque tínhamos saído da Escola Normal fazia pouco tempo, então nós precisávamos de uma orientação e para isso seguíamos mais ou menos aquele cronograma, mas com o tempo cada um de nós foi adaptando à sua realidade. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

As aulas éramos nós que preparávamos em casa, sendo necessário registrar todas as atividades desenvolvidas em sala em documentos da escola. Quando lecionávamos para o primeiro ano, fazíamos o diário que era ilustrado diariamente, era todo feito com deseinho daquilo que seria dado [...] Para os anos seguintes já não se usava o diário, era semanário, registrava-se o que se passava para os alunos durante a semana, mas era todo ilustrado também. Tínhamos plena liberdade para gerenciar a nossa aula, agíamos conforme nosso preparo, nosso modo de transmitir o certo para o aluno, ao menos os diretores que nós tivemos no Grupão nos davam a maior liberdade possível. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Houve uma época que o professor era obrigado a fazer o diário: tratava-se de um caderno do tipo brochura em que era registrado, todos os dias, o que ele havia dado na sala de aula, de vez em quando a Direção recolhia os diários para ver se estavam em ordem, se os professores os estavam realmente fazendo, também para analisar se os diários, se tratando de mesmas séries para serem comparados, estavam mais ou menos no mesmo nível. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Os alunos eram avaliados, quanto ao rendimento escolar, por provas. Segundo nossos depoentes, cujas memórias, em alguns momentos, diferem significativamente sobre esse assunto, essas avaliações eram elaboradas segundo as matérias dadas durante todo o período em que se faria o exame, independentemente de ter caráter mensal, bimestral, semestral ou anual. Dessa forma, todos os conteúdos ensinados eram cobrados na avaliação, que podia promover os estudantes à série seguinte, ou podia retê-los. No entanto, essa reprovação não implicava, via de regra, a desistência dos estudos.

As avaliações eram referentes ao conteúdo todo dado, não era esse, este ou aquele ponto, era o conteúdo que havia sido dado durante o semestre, e os alunos correspondiam bem. Não havia muita desistência por parte dos alunos do nosso Grupo Escolar porque eles acompanhavam bem o ensino. As transferências, quando existiam, eram devidas à mudança de cidade da família. Não tínhamos problemas do tipo alunos quererem abandonar o curso por dificuldade de aprendizagem ou por serem obrigados a

trabalhar para auxiliar a renda familiar. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

As avaliações eram realizadas sob forma de um único exame que acontecia no fim do ano, sendo que o conteúdo era toda a matéria ensinada de cada disciplina durante ano, e recebia o nome de Exame Final. Nesse dia as aulas eram suspensas, e cada dia era uma turma que fazia o Exame Final, me lembro que tinha uma banca que nos observava enquanto fazíamos os exames escritos, por exemplo, cada dia era uma turma de 4ª série que realizava a prova, então a banca era composta por professores de 1ª e 2ª séries. Como não havia provas mensais ou bimestrais, quem passasse no exame final ía para a série seguinte, quem não conseguisse, reprovava. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

As provas realizadas no fim do ano eram elaboradas pela Direção da escola, nós fazíamos as avaliações de acordo com as matérias que deveriam ser vencidas durante o ano, depois as colocávamos num envelope lacrado, era tudo certinho e esse era o exame final. Além desse tínhamos também as provas mensais. Naquele tempo não existia recuperação, ou o aluno aprendia ou ele reprovava, então só passava de ano se tirasse uma nota boa, dessa forma se ele não soubesse responder geografia, história, ciências, educação cívica, português, matemática, e estivesse, por exemplo, numa segunda série, não passava para a terceira série, ele repetia e fazia de novo a segunda série. [...] o que fazia reprovar mesmo era Matemática e Língua Portuguesa,... (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Agora, se tinha prova como hoje em dia, bimestral, eu não lembro. Tinha prova, sim, para ver se passava de ano ou não. (Neuza Julião, aluna)

Nós avaliávamos os alunos através de provas bimestrais. O professor, diante do que ele havia ensinado em sala, organizava uma avaliação, a corrigia e passava as notas numa folha que depois era entregue à Direção. Os alunos se dedicavam bastante ao estudo, então não havia muita reprova. Desistência também era muito difícil de acontecer, geralmente eles seguiam bem até o final, eu não me lembro de nenhum caso de desistência. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

E havia as reprovações...

Havia muita reprova naquele tempo porque tinha aluno que não estudava, não tinha vontade de aprender, e só passava de ano o aluno que estivesse preparado para a série seguinte, o que não era o caso desse tipo de aluno, então eu tinha que reprovar mesmo, porque se ele cursa a primeira série e não está capacitado para ir

para a segunda série, o quê que ele vai fazer lá? Vai estorvar o aluno da segunda série a aprender a matéria da segunda série, e assim por diante, não adianta empurrar o aluno, as conseqüências aparecem mais tarde: ele não consegue acompanhar o ritmo da série seguinte. O professor não tinha medo de tomar esse tipo de decisão, ele não era punido ou criticado, ele estava simplesmente fazendo o seu trabalho. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Era difícil acompanhar o ritmo da escola porque era muito mais puxada que hoje. Naquele tempo o sistema de avaliação era diferente, o aluno reprovava mesmo, e não tinha como fazer recuperação, isso não existia, havia a segunda época apenas de 5ª série em diante, até 4ª série não tinha nem segunda época. Tomou bomba, tomou. [] Havia muita reprova, por causa do exame final e ausência de segunda época, porém ao contrário do que se pode pensar, não havia muita desistência, os alunos reprovavam mas continuavam. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Nem me lembro se tinha muita reprovação. Eu mesma só repeti o segundo ano. (Neuza Julião, aluna)

O relacionamento entre professores e alunos, segundo os depoimentos, ocorria num cenário de muito respeito e consideração, tributos esses considerados por alguns como recíproco e firmados num laço de amizade e, por outros, vistos como resultado do autoritarismo exacerbado do professor.

Nossa relação com eles era bastante harmoniosa, eles nos respeitavam muito, e não havia tanto questionamento como há agora, não tinha esses alunos mais rebeldes, não havia nada disso. Era um ambiente bom, nós tínhamos uma relação boa. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

A relação entre professor e aluno, aluno e diretor, aluno e funcionário era de muito respeito, se tratava de outra educação, e por se tratar de outra educação o professor tinha facilidade para passar o conteúdo desejado, então eu acho que a escola funcionava muito melhor. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

O relacionamento professor e aluno era difícil, era difícil porque eles se colocavam muito impunemente, lá em cima, você tinha receio até de falar com eles, porque pra você era uma autoridade que estava ali, intocável; no meu tempo era, eu afirmo e continuo afirmando, era mesmo. Você tinha que respeitar, quanto a respeitar, eu acho que tem mesmo, mas era um respeito acima da média, nós éramos súditos dele, a palavra dele era a palavra de Deus, a verdade dele era a verdade do mundo. Eles não tinham complacência com ninguém, principalmente por alunos mais fracos e mais pobres. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

A relação entre nós professores e os alunos era de muita educação e muito respeito, e o respeito que os alunos tinham por nós não nos impedia de ter amizade, pelo contrário, eu sempre fui muito amiga dos meus alunos, eu procurava ser uma mãe para todos eles. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

A relação aluno- professor também era muito boa, ao menos a minha relação com os meus alunos sempre foi boa, nós tínhamos muito carinho um pelo outro, não é a toa que até hoje meus alunos se lembram de mim, chegam a vir ao meu encontro para me cumprimentar. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Minha relação com os professores era diferente, porque eram todos colegas do meu pai e da minha mãe, então eu já os conhecia, já sabia quem eram, e não tem jeito, você sabendo quem a pessoa fica tudo diferente, então a minha relação era boa. (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

As salas de aula, em princípio (acreditamos que no período em que funcionou no prédio improvisado e um tempo mais curto, no prédio próprio), contavam com carteiras duplas. Assim todas as atividades aconteciam, de um modo ou outro, em grupo. Com o decorrer do tempo, as carteiras passaram a ser individuais, o que facilitava o trabalho do professor na aplicação de provas ou atividades.

Havia carteiras duplas na minha classe, aliás, naquele tempo, acho que em todos os grupos se sentavam de dois, na carteira dupla, que depois o governo veio pôr individual, as carteiras individuais. (Lázara Saenz Artioli, professora de 1957 a 1978)

O que eu lembro assim daquela época, é que, por exemplo, na primeira série [1964] havia as carteiras duplas. (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

As salas de aula do Grupo Escolar eram grandes, tinha uma lousa que tomava uma parede toda e em frente à ela, as carteiras para os alunos se sentarem. Essas carteiras durante muito tempo eram de tal modo que as crianças sentavam-se a dois, por conseqüência, as atividades eram em duplas e as provas representavam um probleminha, porque sempre tinha alguém que espichava o olho para a prova do outro, então a gente precisava ficar de olho neles. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Com a inauguração do João Crisóstomo [1945] nós passamos para o prédio novo [...] os alunos sentavam-se em carteiras individuais [...] (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O amor à Pátria, o respeito aos símbolos da Pátria e os valores tidos como adequados à Pátria eram defendidos febrilmente nas instituições públicas de ensino. Os Grupos Escolares, que incorporavam vivamente a necessidade de defender a República, promoviam uma educação essencialmente nacionalista. Eram obrigatórias e freqüentes as atividades em que se cantava, por exemplo, o Hino Nacional e o Hino à Bandeira; eram comuns as festividades cívicas e a declamação de poesias voltadas à defesa dos valores nacionais:

Pertencia ao currículo escolar saber o Hino Nacional, o Hino à Bandeira, o Hino da Pátria<sup>9</sup>, nós tínhamos que saber recitar poesias patrióticas. As poesias eram recitadas pelos alunos escolhidos, a criança tinha que ir lá na frente e recitar, num dia ela chamava cinco, seis alunos, no outro mais cinco, seis, por fim ela chamava todos os alunos, portanto todos tinham que saber uma poesia, mas eu acho que ela judiava, ela gostava de chamar aquelas mais tímidas para ir tremer, acho que o professor gostava de ver o povo tremer. Um dia na semana era para recitar poesias, cantar os hinos, não era só em datas patrióticas. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Naquela época havia aula também aos sábados e nesse dia a gente fazia Culto à Bandeira. Cantávamos o Hino Nacional e apresentávamos uma poesia, cada semana era uma classe que ficava responsável por apresentar a poesia, que as vezes era substituída por um canto especial ou uma dramatização. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

À caligrafia se fazia uma cobrança bastante clara na escola: era "obrigatório" para o estudante do Grupo Escolar ter uma letra bem feita. Para isso havia cadernos de caligrafia e deveres de casa específicos, supervisionados pelo professor.

Tínhamos também os cadernos de caligrafia onde as crianças aprendiam a fazer aquelas letras perfeitas. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Além do "dever" dos alunos em relação à caligrafia, outra cobrança feita por professores a seus alunos era sobre o uso da mão direita. Acreditava-se que todo aluno deveria utilizar-se da mão direita para o exercício de suas atividades, sendo "inadmissível" o

-

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Talvez aqui a aluna esteja fazendo referência ao Hino da Independência.

desrespeito a essa regra. Cada professor tinha seu modo particular de lecionar e de estabelecer normas e laços de amizade, dessa maneira, havia professores que usavam de sua autoridade exageradamente, autoritariamente para fazer cumprir essa exigência, e outros que conseguiam conduzir a aula de modo mais brando.

Me lembro também que o aluno que escrevia com a mão esquerda, era forçado a escrever com a direita. Você tinha que escrever com a mão direita. A professora punha a mão esquerda da criança para trás e a obrigava escrever com a direita, no meu tempo não chegava a amarrar, mas quem antes de mim, pegou esse tempo; depois levava reguada porque a letra tava feia, insistia que a letra precisava melhorar ou a repetiria de ano. Então você era castigado até pela letra feia, porque naquele tempo nós tínhamos a obrigação de fazer caligrafia. [...] A Laura é uma das pessoas que estudou comigo no Grupo e me marcou, porque era uma das canhotas, me lembro que seguravam muito a mão dela, a impediam de escrever. Ela sofreu muito por ser canhota... (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Era dever do professor controlar a sala em que lecionaria durante o ano, sendo ele o responsável pela disciplina dos seus alunos dentro da escola. No entanto, alguns professores, mais autoritários, puniam. Assim, era comum a prática de castigos na escola.

Os professores eram todos autoritários e por causa de qualquer coisa tinham o direito de nos punir, eu não peguei o tempo em que a professora fazia joelhar no milho, mas os antes de mim ajoelhava até no milho de castigo. No meu tempo os castigos eram reguada na cabeça, era ficar atrás da porta durante a aula inteira, caso não fizesse a tarefa, ou discutisse com alguém no recreio, não precisava ser briga bastava uma discussão, se chegasse depois do professor, qualquer coisa era motivo de castigo. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Nossas professoras eram bastante exigentes e bravas, não admitiam conversas durante a aula, quando a gente estava conversando, elas vinham com o ponteiro na mão e batiam na nossa carteira, para a gente parar com a conversa, a dona Corina, uma das minhas professoras, me deixava de castigo debaixo da escada, deixava a gente lá... (Neuza Julião, aluna)

No entanto, a autoridade máxima da escola era o diretor, o responsável pelo andamento de todas as atividades da escola e, por conseqüência, era o responsável pelo o que acontecia dentro do ambiente escolar, cabendo a ele também, o impedimento de castigos abusivos.

O diretor assumia tudo o que acontecia no Grupo, ele era "o cabeça" da escola, era ele quem comandava e que ditava as normas lá dentro. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Todas as decisões eram tomadas pelo diretor, nós professores não podíamos tomar atitude nenhuma sem antes falar com ele. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Também tinha uma coisa, nenhum professor podia abusar demais de sua autoridade, porque tinha o diretor que repreendia o professor pelos atos mais bruscos com as crianças. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Eram oferecidas, no Grupo Escolar Professor João Crisóstomo, aulas de ensino religioso: a catequese (segundo o dicionário Aurélio, a instrução metódica e oral sobre coisas religiosas). Mas por se tratar, na prática, de aulas referentes à religião católica, discussões acerca dessas aulas serem de caráter facultativo ou obrigatório aos estudantes; se existiriam em horário de aula ou extra-classe, posto que muitos estudantes eram de outras religiões. Assim, havia defensores para diferentes propostas. Leôncio de Carvalho por exemplo, divulgava em seus escritos, idéias em favor da dispensa dos alunos que eram de outras religiões, ou seja, as aulas de religião só seriam destinadas a alunos católicos. Já Rui Barbosa defendia que essas aulas não deveriam fazer parte do programa curricular- a escola poderia ceder espaço físico à Igreja para o ensino de sua religião, sem que a escola estivesse diretamente vinculada e/ou comprometida com isso.

O grupo escolar de Garça adotou a primeira proposta: as aulas de catecismo aconteciam no horário de aula e a presença era facultativa.

O professor que assumia determinada sala permanecia com a mesma até o fim do ano, e dava todas as matérias, inclusive o ensino religioso, naquele tempo nós tínhamos o ensino religioso durante o horário de aula (se não me engano toda semana meia hora, que era livre, então quem não quisesse ou não pudesse

participar podia sair, mas os pais recebiam bem, eu nunca tive nenhuma queixa de pai). (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Também tinha aula de catecismo. Naquele tempo eles nos davam aula de catecismo. Era dentro da classe mesmo, no horário das aulas. Não lembro se tinha alunos que eram dispensados... se tinha alguém que era evangélico e saía da aula, eu não lembro. (Neuza Julião, aluna)

Havia o ensino religioso e era obrigatório, mas era um problema, porque eu, por exemplo, tive um aluno que era Testemunha de Jeová e ele não assistia as aulas, ele fugia, até que uma vez eu levei o problema ao diretor e ele falou: ah, vamos fechar os olhos para não criar caso. Depois disso, nas outras aulas eu falava para ele: agora é aula de religião e você pode sair. Esse foi o único problema que eu tive. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

No Grupo Escolar, em meio aos estudos, em horários de intervalos maiores ou menores, com merenda ou sem merenda, sendo professores e alunos amigos ou não, havia muito lugar para a alegria e a diversão, que se fazia por meio de brincadeiras simples, que envolviam e encantavam as crianças.

No intervalo das aulas nós costumávamos brincar de amarelinha, de pular corda, com aquele saquinho que joga pra cima e pega, tudo com uma mão só, de roda e muita correria, porque criança gosta de correr. Fora da escola, a gente brincava de queima, de betia, com brinquedos infantis, além de subir em árvore, que eles esqueceram, porque agora é só televisão, de bilboquê, burica, a gente jogava muito burica, [...] (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

As brincadeiras de criança nessa época eram roda, queima, casinha, passar anel, boneca, os meninos também brincavam de queima mas preferiam jogar bola, isso fora ou dentro do Grupo. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Tinha também brincadeiras... A gente brincava de queima, de roda, minha irmã lembrou de pique... essas eram as brincadeiras que a gente brincava. (Neuza Julião, aluna)

Em relação à convivência entre os alunos no interior do Grupo Escolar, há divergências nas opiniões de nossas colaboradoras, lembranças e interpretações discordantes. Existe a crença de que a separação da sala em fileiras, acabava prejudicando o relacionamento da

classe, pois os alunos acabavam se distanciando naturalmente e, ao mesmo tempo, há posições contrárias, defendendo que a estratégia da organização matricial das salas em nada interferia no entendimento das disciplinas e na amizade entre os colegas de sala.

A relação aluno- aluno, pelo o que a gente percebia, também era boa, a separação de alunos que nós fazíamos na sala não implicava em discriminação ou preconceito, a gente não notava um desentendimento entre eles não. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Na nossa classe a gente se dava bem. Não me lembro de ter diferença entre os alunos. (Neuza Julião, aluna)

Na sala de aula, o relacionamento entre os alunos era bom porque ninguém podia falar nada, mas os alunos famosos da seção C se sentiam acuados na sala, não sei... já faz tanto tempo, mas acho que ninguém tinha voz ativa, só que para eles era pior porque eram tidos como os burrinhos, como os perdidos na sala de aula, e eles se colocavam assim. Além disso, o professor discriminava muito uma seção da outra, era visível. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Houve um tempo em que o uniforme escolar não era obrigatório, mas sendo ou não uma exigência da escola, as práticas escolares vigentes dentro do grupo escolar invariavelmente mesclavam as brincadeiras, as atividades de sala de aula, as tarefas escolares, as punições. Quando o uso dos uniformes era obrigatório, há a afirmação, por parte de alguns dos depoentes, de que os mesmos eram proporcionados pela Caixa Escolar àqueles alunos dependentes dessa colaboração, sendo que, em princípio, era vetada a entrada de estudantes que não estivessem vestindo adequadamente o uniforme. No entanto, como sua confecção gerava um certo custo aos pais (principalmente àqueles que tinham mais de um filho estudando), a escola passou a ser mais flexível em relação a essa cobrança, permitindo a entrada de alunos sem o uniforme, que aos poucos perdeu o caráter de obrigatoriedade.

Nós éramos obrigados a usar uniforme, para as meninas eram saias pregadas azul marinho, blusa branca e laço de fita na cabeça, e só podia entrar na escola se estivesse com o uniforme, e ele não era fornecido pela a Prefeitura nem pelo Estado, cada um tinha que comprar o seu. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna de 1956 a 1960)

[...] todos andavam uniformizados, porque o uso de uniforme era obrigatório dentro da escola, não tenho certeza, mas acho que os uniformes eram cedidos pelo Governo. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora de 1956 a 1964)

Todos os alunos do Grupo Escolar usavam uniforme. O uniforme das meninas era saia azul marinho de prega e blusa branca. A maior parte dos alunos tinha uniforme, mas era a gente que fazia. Tinha as crianças que eram da caixa lá (assim que falava), mas eu não lembro, não sei se eles ganhavam uniforme ou não. [...] Mas podia entrar na escola sem uniforme, porque às vezes a gente ía sem. (Neuza Julião, aluna de 1958 a 1962)

O uso do uniforme era obrigatório no Grupo e havia a caixa escolar que auxiliava aqueles que eram mais necessitados, fornecendo o material escolar e, no caso, para quem precisasse, também o uniforme. Então a maioria dos alunos sempre ia uniformizada, [...] (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora de 1946 a 1971)

Os uniformes nesta época já não eram mais obrigatórios, acredito que dos anos quarenta para trás era uma exigência da escola mas com o tempo essa obrigatoriedade foi caindo porque estava ficando muito caro para os alunos comprarem o uniforme, então eles iam todos bem arrumadinhos, mas com a roupa que seus pais podiam comprar. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção de 1958 a 1978).

## 4.3. O Ensino de Matemática

A "Matemática" como disciplina escolar, antes do ano de 1931, era fragmentada em Aritmética, Álgebra e Geometria, e muitas discussões aconteceram para que esses campos isolados fizessem parte de uma só disciplina. Um defensor dessa idéia inovadora foi o professor Euclides Roxo, que muito colaborou com a Reforma Francisco Campos, de 1931, responsável pela junção das disciplinas numa única, denominada Matemática, para o ensino secundário.

O Grupo Escolar em Garça foi fundado em 1929 – portanto, antes da existência das diretrizes propostas por Euclides Roxo. No entanto, o primeiro contato de nosso quadro de depoentes com a instituição só se fez a partir de 1946, quando já estava em vigor a nova legislação e uma disciplina chamada "Matemática" já era conhecida – ainda que principalmente nas escolas secundárias. Nossos depoentes, quando nos contam sobre suas experiências com Matemática, fazem referência a um desses três campos: a aritmética. Talvez isso ocorra tanto devido à lenta aplicação efetiva das legislações (muitos livros didáticos, publicados mesmo durante a vigência da Reforma Francisco Campos e voltados para o ensino secundário continuavam a preservar a divisão da Matemática em Álgebra, Aritmética e Geometria) quanto à concepção – ainda muito arraigada até hoje – de que caberia ao ensino primário a ênfase do "Ler, Aprender e Contar" (o "contar" implicando claramente aqueles princípios básicos da Aritmética, como o conhecimento dos números e o trabalho com as operações elementares).

Outra coisa interessante é que algumas matérias tinham nomes diferentes, matemática era chamada de aritmética, português era

-

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Essa concepção é bastante antiga, e está vinculada aos currículos norte-americanos para a escola elementar. A disposição desses currículos era implementar a proposta conhecida como "Os três R´s": *Reading, Writing, Arithmetics* (Os R´s de *Writing* e *Arithmetics* referem-se ao modo como essas palavras são pronunciadas – e não escritas –, em inglês)

leitura e linguagem. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna na década de 1950)

Nos Grupos Escolares um professor era responsável por lecionar todas as matérias oferecidas no programa, cabendo a ele ainda, o controle dos horários e das disciplinas ensinadas em cada horário, de forma a proporcionar um ensino mais pleno, contínuo e controlado aos alunos. Dessa maneira, os professores do Grupo se preocupavam em aproveitar todo o tempo de aula, explorando os assuntos referentes à matéria e, por vezes, relacionando-os a outros campos do conhecimento. No entanto, percebiam a necessidade de se separar matérias que, segundo eles, não tinham pontos em comum.

[...] vamos falar de mim enquanto professora, o meu horário era maleável, eu fazia o meu horário e meu modo de dar aula, porque eu não achava cabível dar uma aula de matemática e ao mesmo tempo ensinar uma outra matéria. Não é possível porque cada disciplina requer um momento único de aprendizagem, além do mais, a matemática requer mais raciocínio, então o professor deve aprender separar as matérias que não têm relação e dar todo o conteúdo programado. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Os professores, cada qual com sua particularidade, atribuíam à escola – e mais precisamente ao ensino de Matemática – fundamental importância, afirmando sempre a necessidade da matéria ser bem ensinada. Assim, cabia ao professor – que era o grande responsável pela formação de jovens inteligentes e cidadãos conscientes (como ditava claramente a proposta educacional da República) – segundo a formação que teve, elaborar métodos que auxiliassem e tornassem efetivo o aprendizado em sala de aula.

É possível estabelecer, a partir dos depoimentos que coletamos, uma relação entre gostar da matéria e bem ensiná-la, pois – segundo os depoentes – quando o professor tem gosto pelo o que ensina ou o domínio da matéria, incentiva o mesmo interesse em seus alunos. É perceptível, também, nos depoimentos, a maior importância atribuída ao ensino de matemática e de língua portuguesa, seja por se tratar de disciplinas cujo uso se faz mais intenso no dia-a-dia, seja por serem os principais focos do "Ler, Escrever e Contar" juntandose, a isso, o elevado índice de reprovação nas provas desses dois assuntos..

Eu acho que se o professor gosta de uma matéria e a entende bem, ele vai explicar a aula de uma forma que os alunos vão entender melhor, e eu gostava muito de matemática e tinha muita facilidade para transmitir, então acho que isso tinha muita influência sobre os meus alunos. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

[...] o que fazia reprovar mesmo era Matemática e Língua Portuguesa, e eu não compreendo o porquê, porque era fácil, o aluno querendo, aprendia, tanto é que as pessoas idosas sabem tudo de cor, por exemplo, você vai numa casa comercial hoje, a mocinha que te atende vai te voltar um dinheiro de troco, ela faz na maquininha enquanto a gente faz na cabeça num instantinho, isso porque o aluno aprendia mesmo naquela época, a gente tinha que saber. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Deve-se destacar a importância – ressaltada pelos depoentes – de numa aula não apenas "passar" um conteúdo, mas explicar o porquê dessa matéria ou como surgiu, ou seja, tratando de uma forma mais particular: não colocar simplesmente uma fórmula de matemática que será usada, mas "demonstrá-la"<sup>11</sup>. A matemática deve ser "bem ensinada", o professor tem que, com seu preparo, adequar uma mesma aula para diferentes alunos, de forma que todos consigam entender a explicação:

Em relação ao ensino da Matemática se ela era bem explicadinha o aluno assimilava, ao ensinar a matéria, tanto naquele tempo [período de 1958 a 1978] como hoje, deve-se explicar o porquê que se faz tais operações, não apenas colocá-las sem explicação. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Eu acho que tudo vai do modo como se dá a aula, o professor deve estar bem aberto, ele deve querer passar uma noção disto ou daquilo para seus alunos, porque se ele quer, acaba passando de um modo tão natural que os alunos também acolhem aquilo com a maior naturalidade. O professor deve querer bem seus alunos, deve diminuir os empecilhos, tirando as pedras do caminho, porque não se pode deixar pedra no caminho de ninguém. No próprio ensinar uma matéria, a gente deve quebrar essas pedras para que o aluno possa ir à frente, senão eles não vão. [...] Penso que em todas as matérias o estudo deve ser assim: o professor descendo até o aluno. Mas deve-se ter um cuidado especial com a matemática. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

O ensino de matemática não acontece independente de outras disciplinas, pois para que ele seja possível e tenha a qualidade desejada, é preciso que haja uma inter-relação com as

\_

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> "Demonstrar" não tem, aqui, o mesmo significado de "justificar formalmente uma determinada afirmação" mas, sim, o de encontrar estratégias que justifiquem (argumentativamente, com o apoio de exemplos, aplicações, materiais "concretos" etc) determinado procedimento ou conceito.

demais. Nossos depoentes destacam a importância do Português para o desenvolvimento de atividades de Matemática, porque um aluno que não sabe ler, ou lê sem conseguir fazer a devida interpretação, não é capaz de raciocinar matematicamente, uma vez que a leitura é essencial para a resolução de problemas.

O problema da Matemática está em o aluno aprender a ler o que está escrito no problema, daí ver o que se tem, o que não se tem e finalmente, o que se está querendo para então dar a resposta, porque se o aluno não lê direito o problema, ele vai misturar uma coisa com a outra e assim não dá certo, acaba complicando uma coisa que as vezes é tão simples. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

Sempre tentei ser uma boa professora para eles, pensava muito em como eu devia dar a aula para eles entenderem, então, fiz até um esquema de aula, me dedicava até junho em leitura, e ao mesmo tempo dava aritmética, mas não apertava tanto quanto em leitura. Depois de junho eu já apertava os dois, e eles íam bem porque já estavam alfabetizados e estando alfabetizados eles entendiam melhor os problemas, por isso eu dava as aulas dessa maneira. (Lázara Saenz Artioli, professora)

Uma metodologia bastante utilizada era aproximar os conteúdos matemáticos ao cotidiano dos alunos para que, dessa maneira, fosse maior a compreensão dos assuntos abordados em aula, e também para que, assim, as crianças percebessem que a Matemática não se faz presente apenas entre as paredes de uma sala de aula: ela vai muito além desse espaço fechado, se faz presente nas mais simples e despercebidas situações do dia a dia e é aproveitada consciente ou inconscientemente a todo instante. Dessa maneira, era habitual – segundo nossos depoentes – o uso de problemas relacionados a situações próximas ao aluno, como distância de um local a outro e pagamento, troco em dinheiro 12.

-

A aproximação dos conteúdos escolares à práticas do cotidiano é uma marca visível do ensino anterior ao Movimento da Matemática Moderna (MMM), e essa marca será novamente retomada, nas propostas educacionais, após declarada a falência desse Movimento (principalmente nas propostas de reforma curricular implantadas a partir da década de 1980). O Movimento Matemática Moderna começa a articular-se, no exterior e no Brasil, a partir da década de 1950, atingindo seu ápice nas décadas de 1960 e 1970. Ao final da década de 1970 já começam a surgir críticas a esse movimento, e sua vitalidade vai cada vez mais sendo ameaçada e sua importância diminuída. Segundo Neuza Bertoni Pinto, em *Marcas históricas da Matemática Moderna no Brasil*, artigo publicado na *Revista Diálogo Educacional*: "Ao tratar a matemática como algo neutro, destituída de história, desligada de seus processos de produção, sem nenhuma relação com o social e o político, o ensino de Matemática, nesse período [parametrizado pelo Movimento Matemática Moderna], parece ter se descuidado da

Nós elucidávamos bem os problemas, relacionávamos sempre com o cotidiano, porque eu acho que os problemas que resolvemos na classe devem ter uma relação muito forte com os vividos na vida, devem ser apresentados sempre de acordo com aqueles problemas que enfrentamos na vida normal. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Me lembro que quando eu dava um problema, por exemplo, para a 4ª ou 5ª série, eu colocava o problema e pedia coisas do cotidiano, como "quantos quilômetros eu faria de Garça a Marília e em quantas horas, quantos minutos". Se tratava de um simples exercício para se calcular a distância, mas havia relação com o seu cotidiano. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Os recursos utilizados nas aulas de matemática eram os livros didáticos, o giz e a lousa, não havia ainda materiais específicos (para se trabalhar em sala) que estimulassem o lúdico e que tornassem a aula mais dinâmica, proporcionando uma maior interação entre aluno e professor.

Nós não tínhamos contato com tantos recursos que há agora, como esses materiais que ajudam no raciocínio ou que tornam a aula mais dinâmica, então era somente aquela aula expositiva, era lousa e caderno. A maioria das crianças ficavam quietas, prestando atenção, mas sempre havia uns três ou quatro que eram mais dispersivos, que a gente tinha que chamar atenção toda hora. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

As aulas eram preparadas pelo professor da sala, que elaborava previamente um plano de aula a ser seguido. No entanto, segundo alguns depoimentos, essa programação prévia podia ser alterada pois, em meio às explicações do professor, poderia haver dúvidas dos alunos sobre assuntos não abordados ou não compreendidos claramente, e todas essas situações não planejadas deveriam ser contornadas pelo professor. Entretanto, nossos depoimentos sobre o desenvolvimento das aulas de Matemática nos remetem a uma situação interessante: alguns professores relatam a preocupação e o comprometimento em relação às

possibilidade crítica e criativa dos aprendizes. O moderno dessa matemática apresenta-se, para os alunos, mais como um conjunto de novos dispositivos e nomenclaturas descolados de sentidos e significados conceituais, uma disciplina abstrata e desligada da realidade".

138

suas aulas enquanto o depoimento de um aluno afirma que na escola não havia espaço para o esclarecimento de dúvidas, pois o autoritarismo do professor impedia o questionamento. Notamos, portanto, que a posição a partir da qual o professor vê a aula de Matemática é distinta daquela posição a partir da qual o aluno vê a mesma aula.

Se eu dava uma matéria nova e notava que os alunos não tinham entendido bem, no outro dia eu repetia a explicação e dava exercícios variados, então, isso motivava bastante os alunos, não havia dificuldade que não pudesse ser contornada. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Nós nos preocupávamos muito com a aprendizagem dos alunos. (Sérgio de Stéfani, assistente de direção)

... eu acho que o professor tem que descer um pouco mais até os alunos, porque às vezes o professor é mais vivido, já trabalhou muito sobre aquele mesmo item, então ele tem mais facilidade de se abrir, de se expandir, de explicar aquilo. O aluno está ouvindo aquilo pela primeira ou segunda vez, então ele tem que descer até o aluno, não basta simplesmente explicar uma vez aquele conteúdo e pronto. O aluno pode não estar ainda aberto àquilo, então o professor tem que trabalhar mais o conteúdo com a classe, ele tem que ser mais maleável, descer mais ao aluno e não somente esperar que o aluno venha até ele, porque o aluno não tem o preparo suficiente ainda. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

A matemática, era uma disciplina que me encucava porque, na verdade, nunca ninguém me explicou a matemática. Era tudo muito decorado, eu não conseguia entender porque o mesmo número tendo sinais opostos tinham valores diferentes, e não adiantava perguntar para as professoras porque elas ficavam bravas com a gente, sempre alegavam que quem perguntava era quem não prestava atenção na aula, então você não podia questionar. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

O aluno, segundo a memória de nossos depoentes, não tinha preferência por alguma matéria, ele ia à escola e tinha que mostrar resultados satisfatórios pois era obrigado pelos pais, pelo professor, pela própria escola e pela sociedade em que vivia. Além disso, se ele tivesse o objetivo de continuar os estudos após o término do primário, deveria ter cursado o primário e ainda estar bem preparado para prestar o exame de admissão. Por conseqüência, os

alunos não preferiam ou repudiavam a Matemática em relação a outras disciplinas, apenas a estudava.

Sobre o estudo da matemática, não sei se posso dizer que me interessava, não posso dizer isso sobre nenhuma matéria, porque a gente não tinha uma pessoa que nos estimulasse pra alguma coisa, era nossa obrigação estudar, a gente tinha que saber, a gente ía na escola e só fazia aquilo, caía como uma cobrança sob nós, então não sei se era interesse. O que eu posso dizer é que eu nunca tive muita dificuldade em nada na escola, mas eu nunca tive mais queda por matemática ou português, eu acho que eu não tinha essa visão que hoje os pais têm dos filhos lá na escola, que a criança tem mais facilidade para isso ou para aquilo; ninguém tinha essa visão, é muito difícil falar isso. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

As dificuldades para aprender a Matemática do Grupo Escolar, assim como a Matemática das Escolas Estaduais hoje, segundo nossos depoentes, não impediam um aluno de aprendê-la.

Dificuldades existiam, mas eles achavam as mesmas dificuldades, de acordo com a época, que um aluno de matemática hoje encontra, eles aceitavam bem a matemática, assim como o português, não tinham aversão à ela. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

Eu sempre fui uma criança danada, nunca fui uma aluna exemplar. E em relação à matemática acontecia o mesmo. Eu sempre fui bem em matemática, sempre tive facilidade, era preguiçosa, mas tinha facilidade, entretanto na 8ª série eu tive uma reprova, porque eu tive um professor, que Deus me livre, ele me reprovou. (Ana Maria Saenz Artioli, aluna)

Dos meus estudos no Grupo posso dizer que em relação à matemática eu gostava mais ou menos. Olha, naquele tempo a matemática era assim, continhas de mais, menos... eu senti mais dificuldade em matemática no colegial. Mas no primário não, porque era só fazer conta: mais, menos, dividir e multiplicar. Quando a gente estudou era isso aí. (Neuza Julião, aluna)

Os professores, segundo nossos depoimentos, utilizavam-se dos mesmos mecanismos para lecionar: escreviam a matéria na lousa para que os alunos copiassem no caderno e, em seguida, faziam a explicação. Feito isso, colocavam na lousa questões referentes ao conteúdo, para que, resolvendo os exercícios, os alunos entendessem melhor a matéria. A correção era

feita na lousa por alunos escolhidos pelo professor. Essas parecem ser as estratégias de uma didática básica para o ensino de Matemática, até hoje muito viva nas práticas escolares.

A professora mandava ir à lousa fazer essas contas e a gente ia. Eu sabia bem a tabuada... então não tinha problema em fazer as contas no caderno ou resolver na lousa, eu fazia bem essas continhas... (Neuza Julião, aluna)

A matéria era muito passada assim...decorativa, você não tinha o direito de esclarecer as tuas dúvidas, a respeito de matemática, pra você saber assim nua e cruamente uma relação, uma expressão de álgebra, por exemplo, você não podia fazer perguntas, você devia decorar daquela forma que ela fazia na lousa, ela fazia duas, três vezes e depois te chamava na lousa pra resolver mais algum, e se você não lembrasse ali na hora da fórmula que ela tinha passado, você tomava uma reguadinha boa na cabeça. Tinha muita chamada oral e chamada na lousa. (Helena Corrêa Leite de Moraes, aluna)

Nossas aulas de Matemática no Grupo Escolar eram expositivas, aliás a maioria das aulas daquela época eram expositivas, o professor explicava, depois perguntava aos alunos e eles respondiam, ou os chamavam na lousa para fazer exercícios, era assim. (Aparecida Alves de Souza e Souza, professora)

Ainda assim, os professores reconhecem alterações nos conteúdos e nas formas de ensinar e alguns deles, hoje já afastados das discussões sobre a escola e o ensino, registram, em sua memória, esse afastamento:

O estudo da matemática mudou muito, é completamente diferente do tempo em que eu fui professora, eu não saberia, hoje, dar uma aula de matemática. Eu escuto a minha filha falar de Matemática Moderna <sup>13</sup> e não reconheço o que eu ensinava, e eu dava muito bem uma aula de matemática, mas era do meu jeito, daquele jeito que eu

<sup>13</sup> Aqui a professora pode estar se referindo à Matemática como ensinada atualmente nas escolas, e não necessariamente ao Movimento Matemática Moderna. Complementando o que já esboçamos acerca desse

dos alunos cedeu lugar a operações mais complexas, que exigiam um nível de abstração um tanto maior. Essas transformações foram amplamente divulgadas a partir de livros didáticos, mas encontrou grande resistência por parte dos professores. Depois da Matemática Moderna, outras políticas públicas foram implantadas, como as que trouxeram à cena as Diretrizes Curriculares Nacionais e, mais atualmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais.

141

movimento específico de reformulação curricular, afirmamos que, embora as discussões sobre a Matemática e seu ensino ocorram há muito tempo, os especialistas em Reformas Curriculares para o ensino de Matemática no Brasil situam o Movimento Matemática Moderna, disparado no final da década de 1950 e atingindo o Brasil notadamente nos anos 60 e 70, como um marco dessas Reformas. O MMM significou uma brusca mudança curricular nos programas escolares, bem como nos métodos e técnicas de ensino, em todos os níveis de escolarização e em todo país. A partir desse momento a educação matemática passou a apresentar uma maior preocupação em relação à linguagem e as simbologias utilizadas, a união entre conteúdos escolares e o cotidiano

fui preparada, e era bem correspondida, os alunos aceitavam bem. (Benedita Juracy Siqueira Paiva, professora)

## **BIBLIOGRAFIA**

- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política:** Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994-(Obras escolhidas- V.1), p.197-221.
- BARALDI, I. M.. Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação Matemática. IGCE, UNESP, Rio Claro, 2003.
- BENTECOSTTA, M.L.A. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In:STEPHANOU, M. e BASTOS, M.H.C. (Org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil** Vol.III. Rio de Janeiro:Vozes, 2005. cap. 5.
- BOM MEIHY, J.C.S. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 1996.
- CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001.
- CORREIA, M. E. P., NEVES, H. M. V., MELLO, M. G.. **Arquitetura Escolar Paulista:** 1890-1920. São Paulo: FDE. Diretoria de Obras e Serviços, 1991.
- DEMARTINI, Z., TENCA, S.C. e TENCA, A. Os alunos e o ensino na República Velha através das memórias de velhos professores. Cadernos de Pesquisa n. 52, Fundação Carlos Chagas, 1985.
- DEMARTINI, Z. **Desigualdade, Trabalho e Educação:** a população rural em questão. Cadernos de Pesquisa, n. 64. Fundação Carlos Chagas, 1988.
- DEMARTINI, Z. Cidadãos Analphabetos: propostas e realidade do ensino rural em São Paulo na Primeira República. Cadernos de Pesquisa, n. 71. Fundação Carlos Chagas, 1989.
- DEMARTINI, Z. O coronelismo e a educação na Primeira República. Educação e Sociedade. CEDES-Campinas, dez., 1989a.
- FERREIRA, M. de M., FERNANDES, T.M., ALBERTI, V. (org). **História Oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- FREITAS, S. M de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GALETTI, I.P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista:** orientação para tecer paisagens. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). IGCE-UNESP-Rio Claro, 2004.
- GARNICA, A.V.M.. **História Oral e Educação Matemática:** do inventário à regulação. ZETETIKÉ, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM, 2003.

- GARNICA, A.V.M. **História Oral e Educação Matemática**. In BORBA, M.de C. e ARAÚJO, J. de L. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, p. 77-98, 2004.
- GARNICA, A.V.M. **REtraçando trajetórias, REcoletando influências e perspectivas:** uma proposta em História Oral e Educação Matemática. In BICUDO, M.A.V. e BORBA, M. de C. Educação Matemática: Pesquisa em Movimento. São Paulo: Cortez, p. 151-163, 2004.
- GARNICA, A.V.M. **Escolas, professores e caipiras:** exercício para um descentramento histórico. Educação e Pesquisa. São Paulo: USP, 2005 (no prelo).
- GATTAZ, A.C. **Braços da Resistência:** uma história oral da emigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.
- JENKINS, K. **A História Repensada.** Tradução de Mario Vilela. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2004
- KUHLMANN, M.J. A Educação Infantil no século XIX. In: In:STEPHANOU, M. e BASTOS, M.H.C. (Org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil** Vol.III. Rio de Janeiro:Vozes, 2005. Vol.II. cap. 4.
- LARROSA, J. **20 minutos en la fila**. Sobre experiencia, relato y subjetividad en Imre Kertész. (mimeo).
- LE GOFF, J.. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LEI Nº 8069, DE 13 DE JULHO DE 1990. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm</a>. Acesso em 19 de junho de 2007.
- LINS, R.C., **Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática.** In BICUDO, M.A.V. (org). Educação Matemática: tendências e concepções. São Paulo: UNESP, 1999.
- MARCUSCHI, L.A.. **Da fala para a escrita (atividades de retextualização).** São Paulo: Cortez, 2000.
- MARTINS, M. E. **Resgate histórico da formação e da atuação do professor da escola rural:** um estudo no oeste paulista. Trabalho de Iniciação Científica. Departamento de Matemática UNESP Bauru, 2003.
- MENDONÇA, M.C.G. O Decreto de Leôncio de Carvalho e os Pareceres de Rui Barbosa em debate. A criação da escola para o povo no Brasil do século XIX. In: In:STEPHANOU, M. e BASTOS, M.H.C. (Org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil** Vol.III. Rio de Janeiro:Vozes, 2005. Vol. II. cap. 6
- MERCADANTE, M. **Lembranças de Velhos:** o Grupo Escolar Coronel Justiniano Whitaker de Oliveira no relato de ex-professores. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Educação UNESP- Rio Claro, 2005.

- MIGUEL, A., MIORIM, M. A.. História da Matemática: uma prática social de investigação em construção. In: MACHADO, A. C., FONSECA, M. da. C. F. R., GOMES, M.L.M. (org.). Dossiê: A pesquisa em educação Matemática no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 36, p.177-203, 2002.
- NEGRI, B. GONÇALVES, M.F., CANO, W. A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980). V. 1, n. 1. Coleção Economia paulista. São Paulo: SEADE, 1988.
- PILLETTI, N. História da Educação no Brasil. São Paulo. Editora Ática, 1990.
- PINTO, N.B. Marcas Históricas da Matemática Moderna no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, vol. 5, n. 16, p. 25-38, set/dez 2005.
- PORTELLI, A., **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História. Ética e História Oral. São Paulo, (15). abril/1997.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos Orais do 'indizível' ao 'dizível'. In: VON SIMSON, O. M..(org.). **Experimentos com Histórias de Vida:** Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988, p.14-45.
- SAVIANI, D., ALMEIDA, J.S. de., SOUZA, R.F. et al. **O Legado Educacional do século XX no Brasil.** São Paulo: Editores Associados, 2004.
- SOUZA, R.F. Lições da escola primária. In:\_\_\_\_\_\_(Org.). **O Legado Educacional do século XX no Brasil.** São Paulo: Editores Associados, 2004
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C.. História, Memória e História da Educação. In: In:STEPHANOU, M. e BASTOS, M.H.C. (Org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil** Vol.III. Rio de Janeiro:Vozes, 2005. cap. 27.
- VALENTE, \_\_\_\_\_. Os exames de admissão ao Ginásio. CD-ROM. (COLOCAR)
- VIDAL, D.G., FARIA, L.F. As Lentes de História: estudos de história e historiografia da Educação no Brasil. In: \_\_\_\_\_\_\_ (Org.). Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Campinas, 2005. Editora Autores Associados. cap. 2.
- VILLELA, H.O.S. Do artesanato à profissão. Representação sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: \_\_\_\_\_\_\_ (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** Vol. II. cap. 7.
- THOMPSON, P.. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 -	Segundo a professora Lázara Saenz Artioli, esta é a foto de uma sala de aula
	masculina do Grupo Escolar.
	Acervo particular se Lázara Saenz Artioli.

- Figura 2 Certificado de conclusão do ensino primário de Neuza Julião. Acervo particular da aluna Neuza Julião.
- Figura 3 Segundo a professora Lázara Saenz Artioli, esta é a foto de sua família. Acervo particular de Lázara Saenz Artioli.
- Figura 4 Confraternização dos professores. Acervo particular de Sérgio de Stéfani, assistente de direção.
- Figura 5- Segundo a aluna Ana Maria Saenz Artioli, esta é a foto da recordação escolar de um de seus irmãos.

  Acervo particular de Lázara Saenz Artioli, professora.
- Figura 6 Segundo a aluna Ana Maria Saenz Artioli, esta é a foto de seu pai enquanto aluno do curso Normal.

  Acervo particular de Lázara Saenz Artioli, professora.
- Figura 7- Recordação Escolar dos filhos da professora Lázara Saenz Artioli. Acervo particular de Lázara Saenz Artioli.
- Figura 8 Segundo a professora Lázara Saenz Artioli, esta foto é de uma sala de aula mista do Grupo Escolar.

  Acervo particular de Lázara Saenz Artioli.
- Figura 9 Segundo Ana Maria Saenz Artioli, esta é uma foto de recordação dos professores do Grupo Escolar.

  Acervo particular de Lázara Saenz Artioli, aluna.
- Figura 10 Confraternização dos professores. Acervo particular de Aparecida Alves de Souza e Souza, professora.
- Figura 11 Fotografia dos professores reunidos em frente à escola. Acervo particular de Lázara Saenz Artioli.

- Figura 12 Recordação Escolar de um dos filhos da professora Lázara Saenz Artioli. Acervo particular de Lázara Saenz Artioli.
- Figura 13 Desfile patriótico. Acervo particular de Lázara Saenz Artioli, professora.
- Figura 14 Confraternização dos professores. Acervo particular de Sérgio de Stéfani, assistente de direção.
- Figura 15 Fotografia dos professores na escada interna do Grupo Escolar. Acervo particular da professora Lázara Saenz Artioli.
- Figura 16 Desfile patriótico. Acervo particular de Lázara Saenz Artioli, professora.

## HISTÓRICO DA CIDADE DE GARÇA

Garça é uma pequena cidade localizada na região Centro-Oeste do estado de São Paulo, ficando a 415 km da capital e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), contava, em 2005, com cerca de 44000 habitantes. Uma cidade marcada por sua tradição cafeicultora, mas que hoje também se abre à industrialização.

A área onde hoje está a cidade de Garça era ocupada por matas e palmeiras, e apenas em meados da década de 1910 iniciou-se uma efetiva procura por terras nesta região banhada pelo Rio do Peixe e seus afluentes, devendo essa tardia busca à dificuldade que os pioneiros encontravam para se fixarem no local. Labieno da Costa Machado e Carlos Ferrari foram dois desses pioneiros aos quais credita-se a fundação da cidade.

Labieno da Costa Machado estabeleceu-se nos arredores do Ribeirão da Garça, um dos afluentes do Rio do Peixe. Em suas terras constituiu uma grande fazenda de plantação de café e loteou outras de suas áreas para a formação de outras plantações delas, que ficariam nos arredores da cidade- algumas dessas fazendas mantêm até hoje os nomes de origem. Também constituiu um bairro residencial chamado Labienópolis, que fica, nos dias atuais, próximo ao centro da cidade.

Carlos Ferrari instalou-se nas imediações do Ribeirão do Tibiriçá, cuja nascente localiza-se no perímetro urbano. Após trabalhar na lavoura de café de outros proprietários, adquiriu então seu próprio pedaço de chão, onde constituiu um sítio. Seu principal objetivo era ver crescer ali uma cidade: loteou, então sua área- formando o bairro denominado Ferrarópolis e doou parte do terreno para a igreja e para a construção de obras públicas. Nessa região foram criados: as casas de comércio, a igreja da cidade, o jardim, posteriormente o fórum, a prefeitura e outros prédios.

Em 1924, já tendo sido essa região colonizada e inicialmente estruturada, recebeu o nome de Incas, que depois passou a ser Italiana e por último, Garça, devido ao Ribeirão da

Garça. Em 29 de dezembro de 1925, a sede de Garça foi elevada a categoria de Vila, e em 27 de dezembro de 1928, foi tornada município.

Os bairros Labienópolis e Ferrarópolis foram unificados tornando-se a parte central do município. Aos poucos as ruas começaram a se encher de casas, de lojas, de pessoas circulando. Garça estava prosperando e a campanha por atrair futuros moradores continuava: cartazes circulavam por toda a região e pela capital anunciando as possibilidades que a cidade oferecia, para o comércio e para a agricultura.

O ano de 1928 foi marcado não só pela ascensão a município, como também pela chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que veio trazer progresso a Garça, à medida em que possibilitava melhores condições de transporte coletivo à população e, também, o transporte da produção de café.

Em 5 de maio de 1929, Garça recebeu sua emancipação política e em 1935 tornou-se a cidade de Garça. No ano de 1954 Jafa foi agregada à Garça como distrito da cidade, condição que ainda mantém.

Garça, quando ainda era uma pequena aldeia, rodeada por fazendas, com poucas casas no vasto cenário verde, sem as modernidades próprias à urbanização, recebeu o apelido de "Princesinha do Noroeste Paulista", e mais tarde, com os fios elétricos, com a iluminação, o telégrafo, as antenas da rádio-telegrafia, as estradas de ferro e a grande produção das fazendas cafeicultoras, foi denominada como "Planalto do Café".